Licença

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License. Fonte: https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/667. Acesso em: 16 out. 2025.

Referência

JESUS, Bruna Soares Alves de et al. (org.). **Coletânea das ações de extensão da Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília**: pré e pós-pandemia da covid-19. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2025. 158 p. (Extensão insurgente). Disponível em: https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/667. Acesso em: 16 out. 2025.

EDITORA
UnB

COLETÂNEA DAS AÇÕES DE EXTENSÃO DA FACULDADE DE CEILÂNDIA – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Pré e pós-pandemia da covid-19

Bruna Soares Alves de Jesus
Cristina Lemos Barbosa Furia
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel
Magno Nunes Farias

(organizadores)

EXTENSÃO INSURGENTE

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Coletânea das ações de extensão da Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Pré e pós-pandemia da covid-19

Bruna Soares Alves de Jesus
Cristina Lemos Barbosa Furia
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel
Magno Nunes Farias

(organizadores)

EXTENSÃO INSURGENTE

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Percio Sávio Romualdo da Silva
Coordenação de revisão	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Maria Thalita dos Santos Pessôa
Diagramação	Beatriz Parente Barreto de Abreu
Fotos de capa	Beto Monteiro (Secom/UnB)

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

C694 Coletânea das ações de extensão da Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília [recurso eletrônico] : pré e pós-pandemia da covid-19 / Bruna Soares Alves de Jesus … [et al.] (organizadores). — Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
158 p. — (Extensão insurgente).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-236-1.

1. Extensão universitária – Universidade de Brasília. 2. Mudança social. 3. Comunidade e universidade. I. Jesus, Bruna Soares Alves de (org.). II. Série.

CDU 374.72

Heloiza dos Santos – CRB 1/1913

Sumário

Apresentação 9

Prefácio 11

Introdução 13

Seção I. Extensão universitária interdisciplinar no campo da saúde 19

Capítulo 1

Extensão universitária e espaços de promoção de saúde: vivências sobre o cotidiano de estudantes da UnB/FCE 21

Capítulo 2

A liga acadêmica de bioética e direitos humanos como ponte de extensão coletiva, plural e diversa entre sociedade e universidade 31

Capítulo 3

O papel da universidade no enfrentamento da dengue em uma área de extrema vulnerabilidade social do Distrito Federal 43

Capítulo 4

Reflexões sobre o contato de estudantes da área da saúde com a língua brasileira de sinais 53

Seção II. Relatos de experiência em tempos de pandemia da covid-19 59

Capítulo 5
Dinâmica social e educacional: a Universidade do Envelhecer – UniSER/UnB em ação **61**

Capítulo 6
Educação em saúde sobre plantas medicinais utilizando as mídias sociais **73**

Capítulo 7
A extensão universitária fortaleçaMente adaptada ao contexto de pandemia: um projeto de estimulação cognitiva para idosos **81**

Capítulo 8
Integração de uma Liga Acadêmica de Fononcologia com a comunidade durante a pandemia da covid-19: relato de experiência **91**

Capítulo 9
Impacto da pandemia da covid-19 na extensão universitária do curso de Fisioterapia: relato de experiência 2020/2021 **103**

Capítulo 10
Grupo Expressão Cotidiana, escuta das vozes e saúde mental em ambiente virtual em tempos da covid-19 **117**

Seção III. Retratos da semana universitária da UnB 129

Capítulo 11
Troca de saberes entre o Ibama e o curso de Fonoaudiologia da UnB: Programa Silêncio **131**

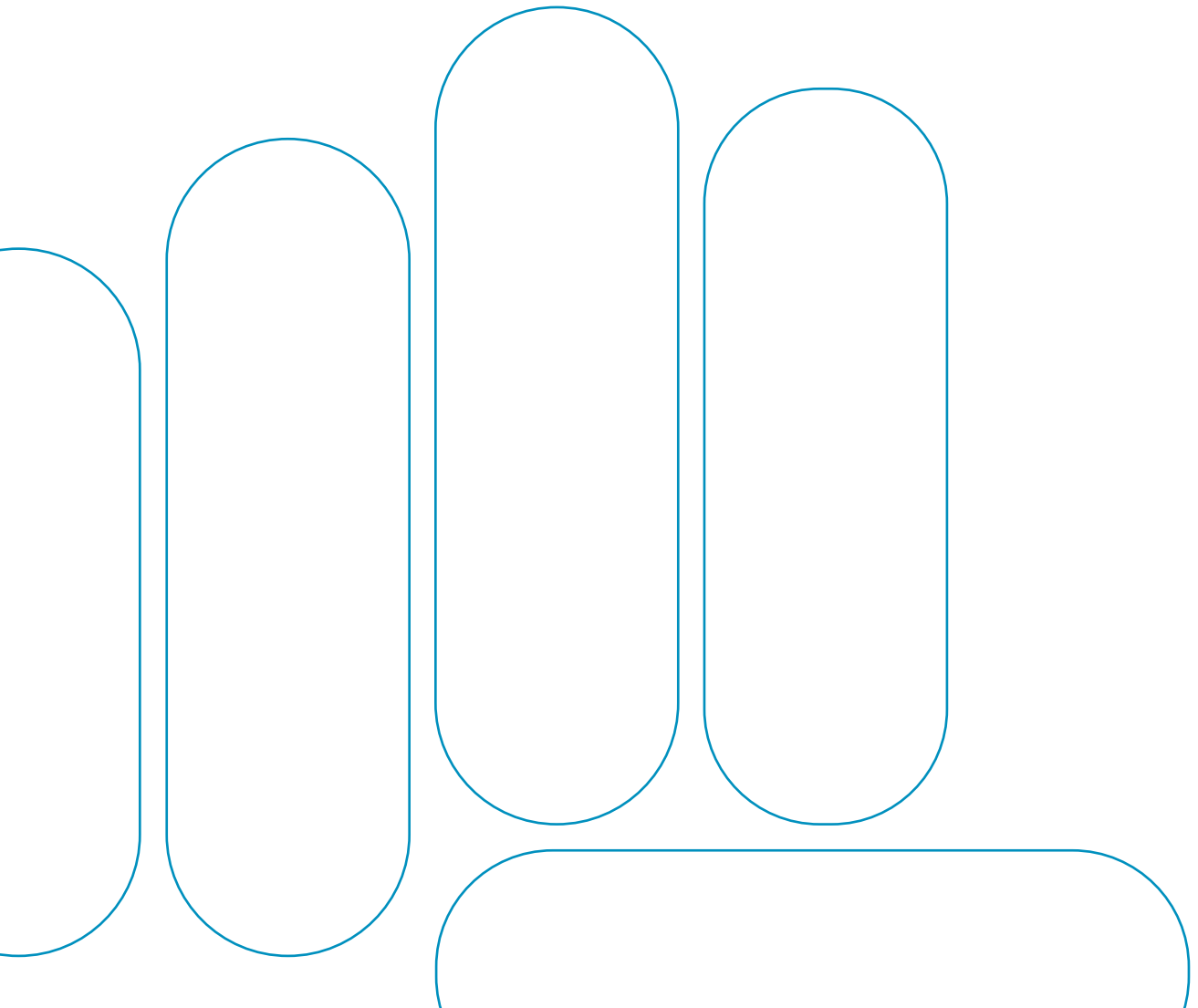
Capítulo 12
Educação continuada e saúde auditiva na Semana Universitária: Programa Audiologia na Escola **135**

Capítulo 13
Aproximando a neurociência à comunidade: o papel da Liga Acadêmica de Reabilitação Neurofuncional (NeuroLAR) **139**

Capítulo 14
Farmacoeducação em saúde mental: empoderamento de usuários, familiares e servidores do CAPS **143**

Capítulo 15
Paulo Freire em terapia ocupacional social: minicurso na Semana Universitária de 2021 **149**

Encerramento da coletânea 155



Apresentação

Bruna Soares Alves de Jesus[1]
Cristina Lemos Barbosa Furia[2]
Magno Nunes Farias[3]
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel[4]

O planejamento da presente obra surgiu em 2020, a partir de discussões geradas no Colegiado de Extensão da Faculdade de Ceilândia (FCE) da Universidade de Brasília, sobre a necessidade de levar ao conhecimento da população algumas das ações de extensão realizadas pelos docentes, discentes e demais servidores do campus.

A referida proposta possibilitou o engajamento de todos os envolvidos nas ações, por meio da participação ativa de discentes de graduação e de Pós-Graduação da área da saúde, como protagonistas na construção deste trabalho acadêmico, que certamente se refletirá em suas respectivas inserções no mercado de trabalho. Afinal, um estudante extensionista ultrapassa os muros da universidade em busca de outros saberes e vivências. Como diz Paulo Freire: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo."

Trata-se de um primeiro volume de uma coleção que busca valorizar a atuação da comunidade acadêmica da FCE ao longo de seus 15 anos, responsável pela graduação dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional, bem como por sua influência na saúde e na educação da sociedade, especialmente da população de Ceilândia – a cidade mais populosa do Distrito Federal, onde está localizada.

Para a seleção dos capítulos, criou-se um edital interno com critérios específicos que permitiram, de forma democrática, que todos os interessados compartilhassem suas ações e tornassem públicas as iniciativas realizadas no campus da UnB, a Faculdade de Ceilândia (FCE), referência em ações de extensão.

A partir disso, os textos selecionados foram divididos em três seções: "Extensão universitária interdisciplinar no campo da Saúde"; "Relatos de experiência em tempos de pandemia da covid-19"; e "Retratos da Semana Universitária da UnB".

Uma ótima leitura!

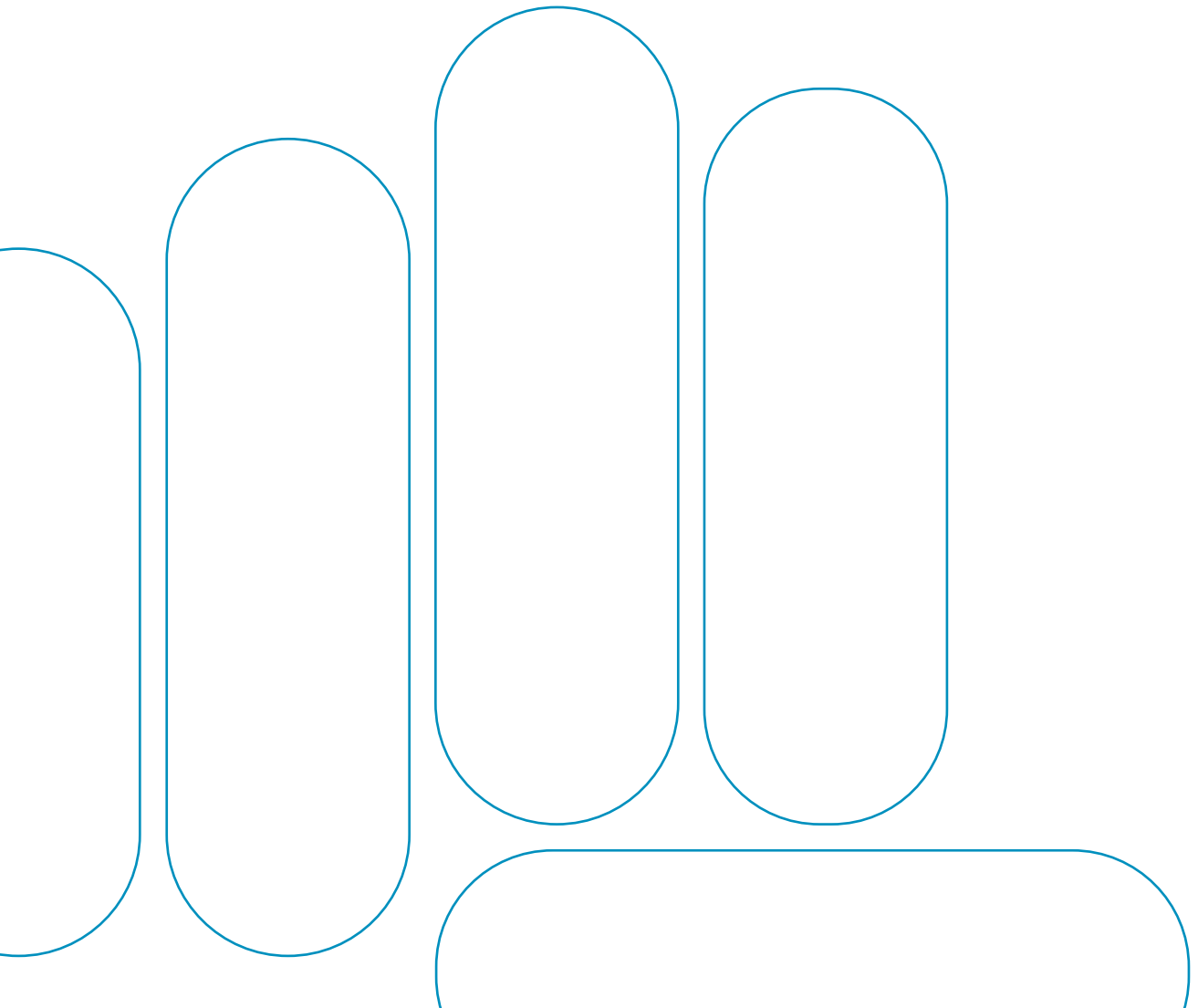
---

[1] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[2] Docente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[3] Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[4] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB.



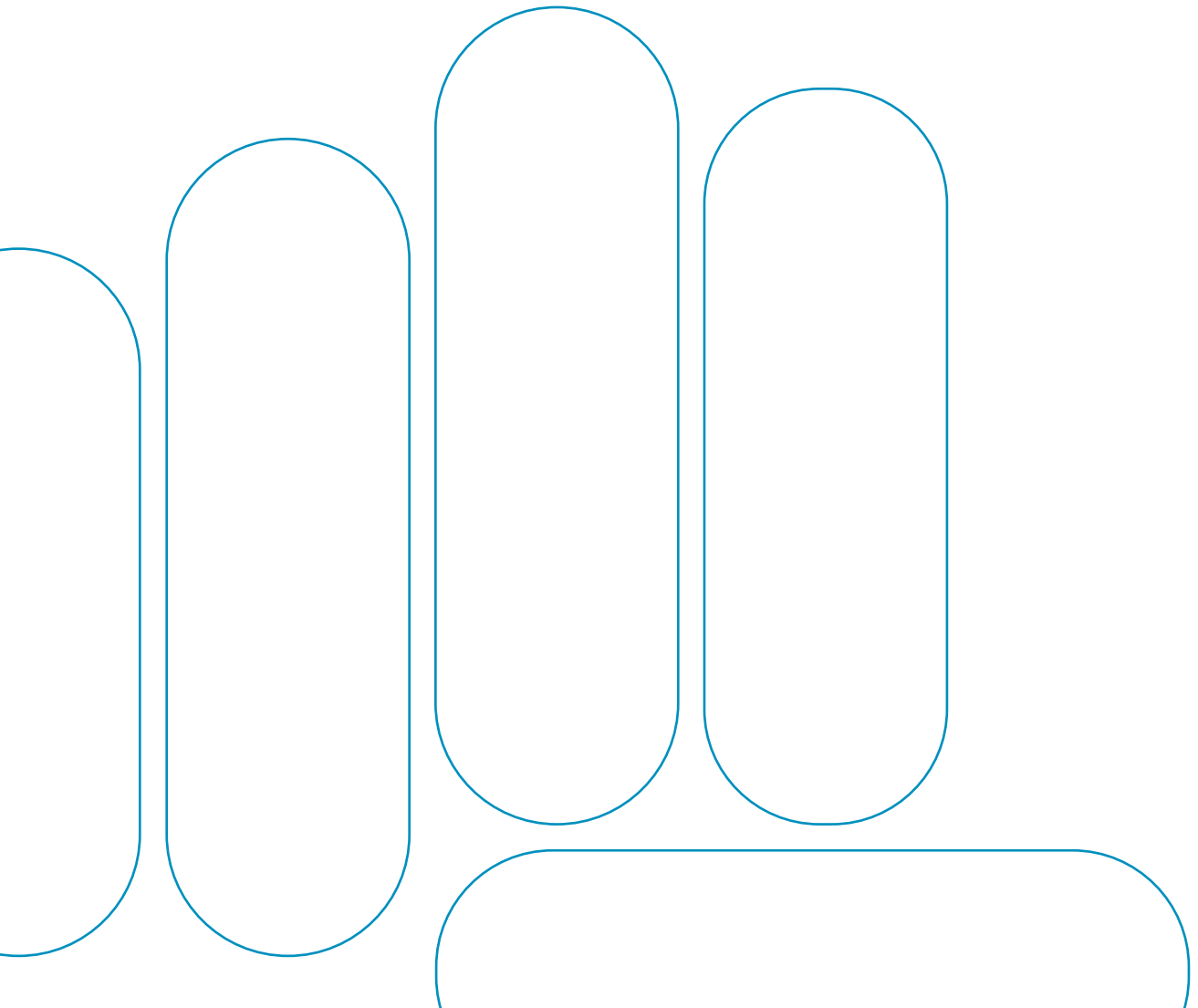
Prefácio

Uma das principais características da Faculdade de Ceilândia (FCE), ratificada anualmente desde sua criação em 2008, é o compromisso com a transformação social, a intimidade com a comunidade local e a sua orgânica vocação extensionista. Embora, ao longo de todo o ano, sejam realizadas diversas ações de extensão e desenvolvidos Projetos de Extensão de Ação Contínua (PEACs), é na Semana Universitária que a força extensionista da FCE entra em erupção, permitindo a oferta de mais de 100 atividades durante o evento, que é realizado todos os anos. Nesse contexto, essa coletânea das ações de extensão da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília (UnB) – pré e pós-pandemia da covid-19 – foi organizada por alguns de nossos incríveis professores, sendo eles: Vanessa Resende Nogueira Cruvinel, Cristina Lemos Barbosa Furia e Magno Nunes Farias, além da estudante Bruna Soares Alves de Jesus. A obra nos convida a conhecer, em 15 atos, ou melhor, 15 capítulos, um pouco mais sobre os saberes profissionais dos nossos docentes, técnicos e estudantes. Essas ações, que representam pinceladas de uma grande diversidade de práticas extensionistas em curso na FCE, contribuem para nossa identidade histórica como unidade acadêmica que mais oferta atividades de extensão na UnB.

A obra propõe uma imersão em espaços de promoção à saúde no campus, além de discutir bioética e direitos humanos em diferentes ciclos da vida, refletir sobre a influência epistemológica de Paulo Freire na formação de profissionais da saúde, preparar esses futuros profissionais para uma comunicação mais acessível e eficaz por meio da Libras, certificar educadores políticos sociais no projeto UniSER/UnB, compreender o papel da universidade em áreas de vulnerabilidade do Distrito Federal e vivenciar as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). Temas de relevância e impacto nacional, como arboviroses, saúde mental e oncologia, também são abordados ao longo dos 15 capítulos.

Em todos os momentos, é evidente o comprometimento técnico-científico e social das equipes com a comunidade. Além disso, as produções também permitem que o leitor incorpore uma perspectiva de atuação afetiva, humanizada, harmônica, colaborativa e interprofissional. Os conhecimentos técnicos e os saberes profissionais dos autores convergem para um cuidado coletivo, no qual a cooperação é um dos ingredientes que sustentam essa receita de sucesso ao longo dos 15 anos da FCE.

Professor Dr. João Paulo Chieregato Matheus
Diretor do Campus UnB Ceilândia
Professor associado do curso de Fisioterapia da
Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília – UnB



Introdução

Bruna Soares Alves de Jesus[1]
Cristina Lemos Barbosa Furia[2]
Magno Nunes Farias[3]
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel[4]

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção."
Paulo Freire

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Faculdade de Ceilândia – UnB define-se como um modo de administração e gestão da formação profissional na área da saúde, que tem por objetivo a alta qualificação de cidadãos éticos e socialmente comprometidos, orientando-se pela missão da Universidade de Brasília (UnB).

Considera-se que o saber e o exercício profissional ocorrem em situações concretas e requerem mudanças como forma de atualizar as suas bases filosóficas e estabelecer um plano para sua concretização. Este plano caracteriza-se por uma estrutura flexível, aberta a modificações e adequações que surgem no desenvolvimento do próprio projeto, em função das características e experiências dos estudantes e da singularidade do contexto da população atendida, possibilitando, assim, múltiplas opções no espaço da formação.

A interdisciplinaridade do projeto é traduzida nesta obra, que pressupõe uma dimensão de ensino-aprendizagem que, a partir de uma abordagem teórico-prática, estimula o discente a pensar criticamente a saúde e a preservação do meio ambiente como direitos e deveres inerentes à cidadania. Essa perspectiva se pauta nas relações humanas, nas expressões afetivo-emocionais e biológicas, associadas às condições sociais, históricas, econômicas e culturais dos indivíduos e das coletividades. O trabalho em equipe, ao qual a presente obra se propõe, favorece o despertar do espírito colaborativo em prol de um benefício maior, que são as ações voltadas à melhoria da qualidade de vida da população envolvida.

Foram selecionados para a obra 15 trabalhos, entre artigos, relatos de experiências, mostras de extensão, entre outras modalidades, apresentados na forma de capítulos com temas direcionados à linha de atuação em saúde e qualidade de vida. Os textos enfatizam aspectos

[1] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Docente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[4] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB.

importantes do tratamento de enfermidades, da prevenção e da promoção da saúde física e mental, de forma inclusiva, sem deixar de lado a excelência técnica e o compromisso social.

No capítulo 1, "Extensão universitária e espaços de promoção de saúde: vivências sobre o cotidiano de estudantes da UnB/FCE", as autoras Daniela da Silva Rodrigues, Grasielle Silveira Tavares, Beatriz Rosado de Sousa Lima e Carolina Cangemi Gregorutti relatam a experiência do projeto intitulado *Roda de debate e conversa sobre o ambiente universitário*, que incluiu a apresentação do primeiro show de talentos da Faculdade de Ceilândia e oficinas de vivências com temáticas voltadas à promoção da saúde de universitários. Os aportes teóricos para esse trabalho foram o conceito de cotidiano e referências amplas da Universidade Promotora da Saúde (UPS). O projeto evidenciou que espaços integrativos e acolhedores podem proporcionar um cotidiano criativo, reflexivo e transformador, sendo capazes de potencializar a formação.

Em seguida, no capítulo 2, A Liga Acadêmica de Bioética e Direitos Humanos como ponte de integração crítica, plural e cidadã entre universidade e sociedade nas periferias do Distrito Federal, considera-se a experiência dos autores Josianne Katiúscia Monteiro Marques de Araújo, Guilherme Tácio Marçal Oliveira e Marianna Assunção Figueiredo Holanda neste projeto de extensão, que visa à promoção dos direitos humanos e dos princípios da bioética, valorizando éticas e saberes locais. Em um campus voltado para cursos da área da saúde, fomenta-se o debate sobre direitos fundamentais e propõem-se reflexões sobre ética em pesquisa e desenvolvimento científico e biotecnológico, em respeito à dignidade humana. Primando pela justiça social, a Liga considera o papel transformador da universidade pública na formação integrada e humanizada de profissionais, bem como objetiva promover a democratização do acesso ao conhecimento.

Continuando no capítulo 3, "O papel da universidade no enfrentamento da dengue em uma área de extrema vulnerabilidade social do Distrito Federal", os autores Ana Carolina Silva Martins, Flávia Reis de Andrade, Marcos Takashi Obara, Rodrigo Gurgel Gonçalves e Vanessa Resende Nogueira Cruvinel fazem uma análise dos principais achados do projeto ao investigar os fatores de risco associados às arboviroses na Cidade Estrutural (DF) e ressaltam a importância do diálogo com a comunidade na busca por soluções, assim como das ações de educação ambiental e de saúde no enfrentamento dessas doenças. Os resultados apontam que a falta de saneamento básico, especialmente no que diz respeito à coleta seletiva de lixo e ao fornecimento de água potável, contribui para o aumento da densidade de mosquitos, impactando a saúde da população.

Por outro lado, no capítulo 4, "Reflexões sobre o contato de estudantes da área da saúde com a Língua Brasileira de Sinais", as autoras Celina da Conceição Simi, Camila Giacomini Guimarães, Ana Beatriz Pereira Araujo, Raquel Leliz de Almeida Maito e Isabella Monteiro de Castro Silva fazem uma reflexão sobre a visão real da necessidade do ensino de Libras e a importância de seu estudo, segundo a opinião de estudantes do ensino superior. O projeto *Libras – Ampliando o convívio social* envolve principalmente os estudantes dos cursos oferecidos no campus Ceilândia da UnB (Enfermagem, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Farmácia e Saúde Coletiva) e desenvolve atividades de interação e

integração entre ouvintes e surdos por meio de atividades de extensão, auxiliando os futuros profissionais de saúde a oferecer um atendimento acessível e eficaz às pessoas surdas.

A seguir, no capítulo 5, "Dinâmica social e educacional: a *Universidade do Envelhecer* – (UniSER/UnB) em ação", escrito por Margô Gomes de Oliveira Karnikowski, Kerolyn Ramos Garcia, Leonardo Costa Pereira, José Alberto Gomes de Oliveira Karnikowski, Camila Alves Areda e Eliana Fortes Gris, é apresentado o Programa de Extensão Educacional *Universidade do Envelhecer* (UniSER/UnB), que iniciou sua trajetória em 2015. Com diversos projetos de extensão, pesquisa e ensino associados, bem como um forte pilar de gestão, as atividades do programa incluem, em seu escopo, a essência da indissociabilidade universitária, ultrapassando os muros da universidade. O texto apresenta as ações da UniSER/UnB no período de 2018 a 2021, incluindo sua transposição para o cenário virtual.

No capítulo 6, "Educação em saúde sobre plantas medicinais utilizando as mídias sociais", os autores Nathália Kathleen Leite da Silva, Christopher William Fagg, Janaina Meirelles Sousa e Paula Melo Martins apresentam um estudo descritivo sobre as postagens realizadas no Instagram e no Facebook do *Projeto Horto*, de junho a novembro de 2020. As postagens abordaram indicações, posologia, contraindicações e formas de preparo de diversas espécies medicinais. No Instagram, a postagem de maior alcance foi sobre o capim-limão (*Cymbopogon citratus*), e, no Facebook, a da romã (*Punica granatum*) obteve o maior número de interações.

O capítulo 7, intitulado "A extensão universitária *FortaleçaMente* adaptada ao contexto de pandemia: um projeto de estimulação cognitiva para idosos", de Nathani Cristine do Carmo Ramos, Joceli Duarte Fiamoncini, Thaís Ribeiro de Sousa, Corina Elizabeth Satler e Maysa Luchesi Cera, trata das adaptações que foram necessárias no contexto de isolamento social da pandemia de SARS-CoV-2, para a divulgação das atividades de estimulação linguístico-cognitiva e das cartilhas de orientações sobre a saúde fonoaudiológica e cognitiva. Foram criados um website e um perfil no Instagram. Os dados dessas ferramentas indicam que o alcance da informação divulgada ultrapassou o público-alvo.

No capítulo 8, "Integração de uma Liga Acadêmica de Fononcologia com a comunidade durante a pandemia da covid-19: relato de experiência", as autoras Cristina Lemos Barbosa Furia, Jéssica Ângela dos Santos, Adryelly Gripp da Silva, Manuela Lima Carneiro, Gabryella Nery Teles Nogueira Silva e Maria Eduarda Sales Montenegro Matos mostram como, no ano de 2020, a Liga Acadêmica de Fononcologia da Universidade de Brasília (Lafo–UnB), a fim de manter-se funcionante e atualizada no que diz respeito à saúde e à sua área de atuação, enfrentou o desafio de dar continuidade às atividades de extensão em andamento e desenvolver novas ações adaptadas ao ambiente virtual, respeitando o plano de contingência da covid-19. O objetivo das ações de extensão foi desenvolver materiais informativos de fácil acesso e compreensão; divulgar novas medidas adotadas pelo governo local para a prevenção da covid-19 e estratégias para o enfrentamento do período de distanciamento social; além de promover o autocuidado e ações de saúde entre seus membros e os usuários – com o intuito de continuar levando informações relevantes do contexto oncológico, objetivo ao qual a Liga se propôs desde sua criação.

Em seguida, o capítulo 9 traz o texto "Impacto da pandemia da covid-19 na extensão universitária do curso de Fisioterapia: relato de experiência 2020/2021", dos autores Ana Clara Bonini-Rocha, Caio Eduardo Rocha da Silva, Andreia de Amorim, Ruthe Mariane Mendonça, Giovana Inácio Torres e Samia dos Santos Pereira, no qual são apresentados relatos de experiência de uma equipe de 35 extensionistas que permaneceu atuante no formato remoto entre 2020 e 2021. O texto aborda o aprendizado sobre o ambiente remoto, a construção de relacionamentos e o engajamento nas redes sociais durante o período.

Ainda retratando as atividades remotas, o capítulo 10, "*Grupo de Expressão Cotidiana*, escuta das vozes e saúde mental em ambiente virtual em tempos da covid-19", escrito por Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de Oliveira Silva, descreve uma experiência terapêutica virtual do projeto *FOCO – Fenomenologia e cotidiano*, que possibilitou uma escuta qualificada e o suporte mútuo entre pessoas que vivenciaram a escuta das vozes, como uma abordagem inovadora. O trabalho com dinâmicas autoexpressivas sobre o cotidiano, o isolamento social, o sofrimento psíquico, a vivência da escuta das vozes e as estratégias de enfrentamento possibilitou o dialogismo, o autocuidado e o protagonismo em saúde mental.

No capítulo 11, "Troca de saberes entre o Ibama e o curso de Fonoaudiologia da UnB: *Programa Silêncio*", os autores Stefânia Alves dos Santos, Jéssica Ângela dos Santos, Adryelly Gripp da Silva, Felipe de Oliveira Rodrigues e Isabella Monteiro de Castro Silva apresentam a parceria entre as instituições, com foco na poluição sonora, dada a sua relevância ao longo dos anos, principalmente em áreas urbanas. O relato aborda o curso promovido durante a Semana Universitária de 2019, desenvolvido com o objetivo de nivelar os conhecimentos dos profissionais do Ibama em relação à saúde auditiva e dos estudantes extensionistas de Fonoaudiologia quanto às questões relacionadas à educação ambiental.

No capítulo 12, "Educação continuada e saúde auditiva na Semana Universitária: *Programa Audiologia na Escola*", as autoras Júlia Vieira Teles, Thaís Ribeiro de Sousa, Amanda Sodré Almeida e Isabella Monteiro de Castro Silva difundem as seis ações desenvolvidas pelo programa ao longo dos anos, no campus da Faculdade de Ceilândia e em parceria com escolas públicas e outros parceiros, especialmente durante a Semana Universitária da universidade. Tais ações trouxeram à tona discussões importantes sobre a saúde auditiva para diversos estratos da sociedade, promoveram visibilidade a aspectos científicos para leigos e favoreceram a interação produtiva entre a universidade e a comunidade, conforme preconiza a teoria que permeia a extensão universitária.

O capítulo 13, "Aproximando a neurociência à comunidade: o papel da Liga Acadêmica de Reabilitação Neurofuncional (NeuroLAR)", dos autores Clarissa Cardoso dos Santos Couto Paz, Isaac Matheus Pessoa de Mendonça, Milena de Oliveira Santos, Ludimila Rodrigues de Souza e Jade Arielly Oliveira Lima, descreve a atividade "Neuroplasticidade criando caminhos: uma abordagem criativa", realizada na Semana Universitária da FCE de 2020. O objetivo foi fornecer respaldo teórico da neurociência, demonstrando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além da visão multidisciplinar dos seus conceitos, com o intuito de despertar nos participantes o interesse pelas neurociências, especialmente no

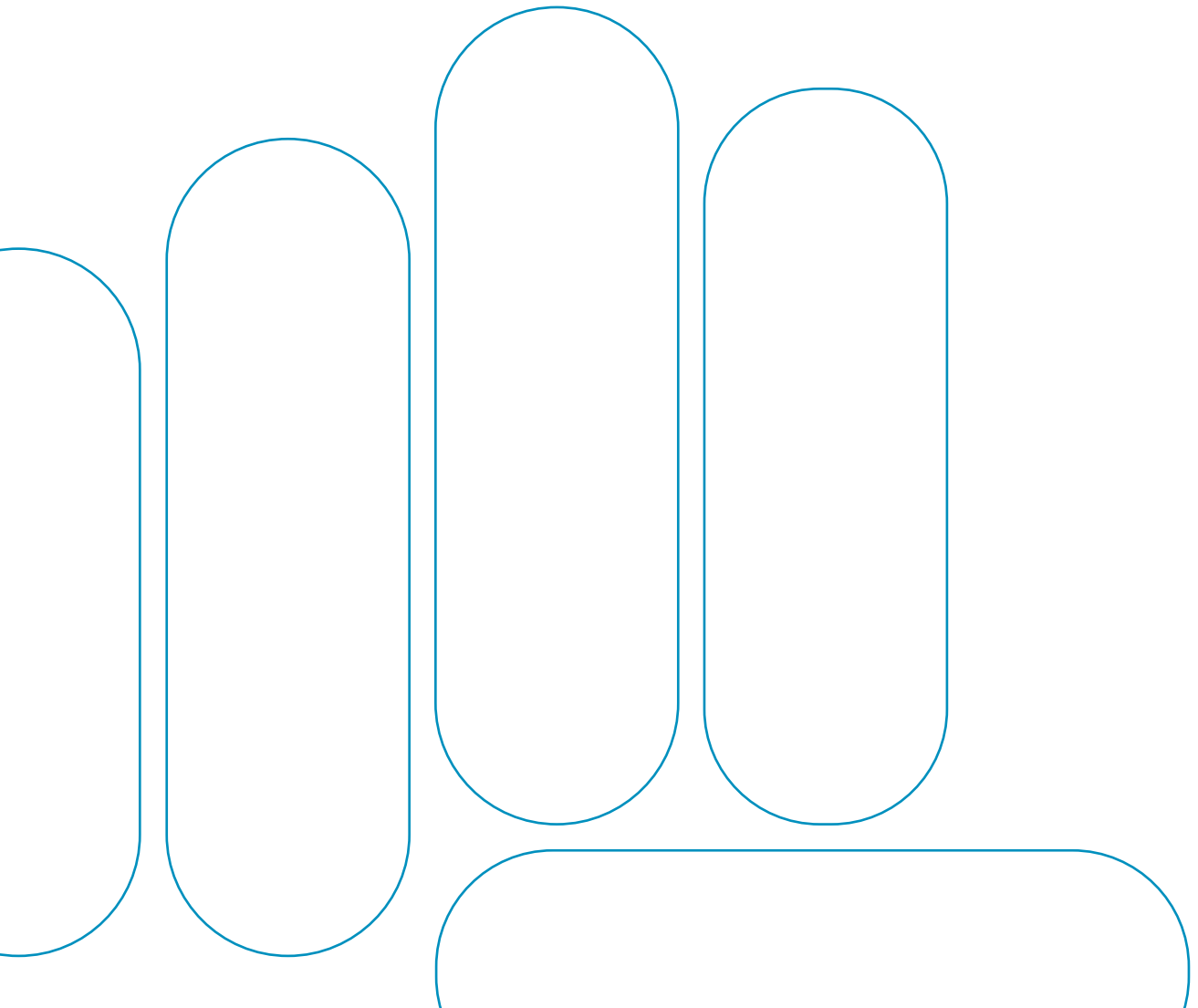
que se refere à plasticidade neural. A atividade inclui momentos em formato de aula e mesa redonda, com transmissão ao vivo. O alcance da atividade foi além dos estudantes da área da saúde, o que expandiu a discussão sobre as possibilidades de abordar as neurociências em diferentes áreas do conhecimento.

No capítulo 14, "*Farmacoeducação em saúde mental*: empoderamento de usuários, familiares e servidores do CAPS", os autores Abraão Natan Carvalho Miranda Lima, Layanne da Silva Carvalho, Luma de Alvarenga Rosa, Graziela Furtado Scarpelli Ferreira, Valéria Cristina de Albuquerque Brito e José Eduardo Pandossio apresentam o projeto de extensão *Farmacoeducação em saúde mental*, proposto em 2011 ao Decanato de Extensão (DEX) da Universidade de Brasília (UnB) e vigente em 2023. O projeto oferece orientação específica sobre o tratamento com psicofármacos aos usuários do CAPS II (transtornos mentais) e do CAPS AD (álcool e outras drogas), bem como aos familiares dos usuários e aos servidores dos CAPS. Do ponto de vista da formação profissional e acadêmica dos estudantes, o projeto visa à aprendizagem relacionada à inserção na comunidade, a partir da participação social do futuro profissional de saúde.

Por fim, no capítulo 15, "Paulo Freire em terapia ocupacional social: minicurso na Semana Universitária de 2021", os autores Magno Nunes Farias, Ana Laura Gomes de Moura, Kyara Freitas Rodrigues da Silva, Vitória Barbosa da Silva e Rafael Garcia Barreiro trazem um relato da experiência do minicurso promovido na Semana Universitária da UnB, em 2021, onde foi abordada a influência de Freire na epistemologia teórico-metodológica da terapia ocupacional social, tanto no campo profissional quanto no âmbito do ensino, pesquisa e extensão universitária. Ademais, foram realizadas discussões sobre os contextos e experiências de populações e profissionais que dialogam com as perspectivas críticas ao legado de Freire e seu compromisso com a transformação social.

Seção I.

Extensão universitária interdisciplinar no campo da saúde



Capítulo 1

Extensão universitária e espaços de promoção de saúde: vivências sobre o cotidiano de estudantes da UnB/FCE

Daniela da Silva Rodrigues[1]
Grasielle Silveira Tavares[2]
Beatriz Rosado de Sousa Lima[3]
Carolina Cangemi Gregorutti[4]

Introdução

O conceito de cotidiano para a terapia ocupacional, como afirma Galheigo (2003, p. 104-109), toma forma a partir das necessidades das pessoas, valores, crenças e afetos. A vida cotidiana se dá no encontro do singular e do coletivo, ao buscar a satisfação das necessidades pessoais e, também, das necessidades coletivas.

No contexto universitário, o cotidiano dos estudantes da Faculdade de Ceilândia (FCE) revela-se em uma rotina dinâmica, composta por estudos, provas, aulas práticas, elaboração de trabalhos, portfólios, diários de campo, participação em pesquisas e projetos de extensão, entre outras atividades que são demandas intrínsecas da graduação.

No entanto, não se priorizam, no processo de ensino-aprendizagem, práticas acadêmicas promotoras de saúde como parte da formação do estudante. Essa perspectiva pode ser evidenciada

[1] Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Discente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[4] Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.

nas ações de extensão universitária, as quais favorecem espaços para além da sala de aula, não se restringindo aos aspectos técnicos e promovendo a conscientização crítica dos estudantes (Guimarães *et al.*, 2008, p. 69-78), além de possibilitarem espaços de convivência saudáveis, acolhedores, integradores e de troca de saberes por meio de práticas promotoras de saúde. Tais práticas são compreendidas, neste trabalho, a partir da perspectiva de Buss (2009, p. 19-42), como uma estratégia para enfrentar múltiplos problemas de saúde que afetam diferentes grupos sociais. Considerando o contexto universitário, destaca-se a ocorrência emergente de problemas psicossociais no ambiente acadêmico, como ansiedade e depressão (Fonaprace, 2019).

Na FCE, esta proposta de extensão buscou explorar a adoção dos referenciais amplos da Promoção da Saúde (PS) como um dos aspectos substanciais de mudança, visando à criação de ambientes saudáveis e à democratização do conhecimento acadêmico. O desenvolvimento de projetos de PS, dentro do espaço das universidades, tem sido reconhecido como uma alternativa intersetorial viável, que resulta em melhores processos formativos e na melhoria da qualidade de vida (Moysés *et al.*, 2004, p. 627-641).

Nas últimas décadas, instituições nacionais e internacionais, comunidades, organizações governamentais e não governamentais, além do setor privado, começaram a investir em estratégias como a Escola Promotora de Saúde e a Universidade Saudável, devido ao seu potencial de promover a saúde de estudantes, trabalhadores, famílias e demais membros da comunidade (PUCPR, 2008. 212 p.; University of Toronto, 2007; Moysés *et al.*, 2003, p. 209-218).

Dessa forma, as experiências que permearam as ações realizadas no âmbito do presente projeto de extensão auxiliaram no enriquecimento das relações socioeducativas, como instrumento de mudança social, na medida em que novas abordagens e recursos (danças, poesias, música, autocuidado, massagens, dentre outros) foram incorporados às estruturas de conhecimento do estudante, que passou a adquirir significado, construir conhecimento, refletir e apreender saberes a partir da relação com sua realidade e seu cotidiano universitário.

As atividades de extensão desenvolvidas buscavam criar um espaço de encontro, de acolhimento e vivência para os estudantes, e foram organizadas em dois momentos: *i*) o show de talentos; e *ii*) as oficinas de vivências. O primeiro teve como objetivo dar visibilidade e reconhecer habilidades artísticas de cada estudante, possibilitando a valorização do ser humano através de suas diferentes formas de se expressar, bem como de valorizar a socialização e a difusão da cultura no meio acadêmico. Já o segundo momento concentrou-se nas oficinas, que abordaram temáticas propostas pelos próprios estudantes, com base em suas vivências nos cursos de graduação da FCE.

Com base nisso, a proposta do projeto de extensão, fundamentada na ideia da Universidade Promotora da Saúde (UPS), buscou a criação de ambientes saudáveis (físicos, psíquicos e sociais) que pudessem contribuir para a melhoria do bem-estar e da qualidade de vida da comunidade universitária. A adoção de escolhas saudáveis pode influenciar positivamente na defesa da saúde global, uma vez que esses sujeitos podem desempenhar um papel relevante no desenvolvimento e na defesa de futuras políticas de saúde ou na tomada de decisões sobre elas (Soares *et al.*, 2015, p. 115-137).

Apresenta-se, assim, o relato da experiência de promoção da saúde de estudantes universitários, realizada por meio de um projeto de extensão da FCE, baseado no conceito de cotidiano e referências amplas da Universidade Promotora da Saúde (UPS).

Metodologia

Este trabalho relata a experiência do projeto de extensão *Roda de debate e conversa sobre o ambiente universitário*, realizado em 2018. O projeto consistiu na realização do primeiro show de talentos da FCE e de oficinas de vivências, desenvolvidas com periodicidade quinzenal (total de oito encontros), que ocorriam no gramado central da Faculdade, com temáticas voltadas à promoção da saúde junto aos estudantes.

O primeiro show de talentos da FCE aconteceu na Semana Universitária. A participação foi aberta a todos os estudantes dos quatro campi, além de funcionários e terceirizados da Universidade de Brasília (UnB). Para melhor organização dos interessados, as estudantes extensionistas, juntamente com as coordenadoras do projeto,[5] estabeleceram um edital de inscrições, no qual foram descritas as orientações e as regras para a submissão de cada talento. As propostas poderiam incluir apresentações de dança, música cantada e/ou instrumental, mágica, fotografia, expressão corporal, pintura, poesia, contação de histórias ou qualquer outra forma de expressão artística. Os três primeiros colocados foram premiados com troféus.

Para se inscreverem, os participantes tinham que preencher uma ficha de cadastro com os seguintes dados: nome completo, número de membros por proposta, tipo de vínculo com a universidade (estudante, docente, funcionário, terceirizado, outro), contatos de e-mail e telefone, talento a ser apresentado e resumo da apresentação, com estimativa de tempo.

A validade da inscrição estava relacionada à apresentação de comprovante de vínculo institucional. Cabe ressaltar que foi permitida a inscrição de participantes externos na composição de banda ou grupo, desde que um de seus membros apresentasse vínculo com a universidade. Dessa forma, os critérios para a submissão das propostas de talentos foram: *i*) comprovar vínculo institucional; *ii*) preencher a ficha de cadastro com todos os dados solicitados; *iii*) comparecer no horário especificado pela organização do show de talentos para a apresentação. Foram excluídos os participantes que: *i*) cometeram qualquer tipo de fraude ou causaram prejuízos ou danos a terceiros e ao patrimônio público; *ii*) trouxeram, mesmo que veladamente, conteúdo contrário à lei, aos bons costumes, preconceituoso ou que incitasse à violência; *iii*) participaram com pessoas a mais ou faltantes, ou com indivíduos não especificados no ato da inscrição; e *iv*) não respeitaram o tempo estimado de 10 minutos para a apresentação.

A avaliação dos talentos foi realizada por um corpo de jurados composto por três integrantes: um membro com conhecimentos técnicos sobre a modalidade apresentada, um membro da Universidade de Brasília e um representante da comunidade de Ceilândia. Dentre os critérios de avaliação, estavam aspectos como inovação (criatividade, criação

[5] Professoras e coordenadoras: Daniela Rodrigues e Grasielle Tavares.

própria e novidade), conhecimento técnico sobre a categoria inscrita, postura de palco/desenvoltura e administração do tempo de apresentação.

As oficinas de vivências tiveram como foco a promoção da saúde dos estudantes da FCE, com base na independência dos acadêmicos para a escolha dos temas dos encontros, de forma a tornar essa autonomia uma relação de autocuidado e de fortalecimento de ações coletivas (Haeser; Büchele; Brzozowski, 2012, p. 605-620). A atividade ocorreu a partir de encontros semanais, abertos a quem desejasse participar, mas respeitando um total máximo de 20 participantes, com tempo estimado de 45 minutos para cada encontro. A oficina ocorria da seguinte maneira: *i*) acolhimento dos participantes pelas organizadoras do projeto, com auxílio do recurso da música de relaxamento, para que os corpos ali presentes pudessem instaurar outros ritmos e modos de estar em uma atividade acadêmica; *ii*) 25 minutos eram destinados à vivência da atividade proposta no dia, lembrando que cada oficina recebia o nome da vivência como atrativo para ampliar a participação dos estudantes; *iii*) finalização com a reflexão da vivência e a conscientização sobre o cotidiano vivido por cada participante, proporcionando um espaço potente para o fortalecimento de vínculos, troca de saberes, autoconhecimento e autocuidado.

Em todos os encontros, foram escritos diários de campo para registrar a sequência em que as atividades ocorriam, bem como o detalhamento das sensações, observações e reflexões sobre a atividade proposta. A partir deste diário, tornou-se possível a análise e o aprofundamento que configuram o material apresentado aqui.

O local escolhido para o desenvolvimento das oficinas foi um espaço já conhecido e íntimo dos estudantes da FCE: o gramado atrás do prédio da Unidade Acadêmica (UAC). Neste gramado, os estudantes passavam horas de lazer, trocavam conversas, confidências, descansavam e se divertiam. É um ambiente ao ar livre que, no período da tarde, fica à sombra do prédio, com a brisa do ar, característica do local. Portanto, o horário escolhido para a realização das oficinas era aquele em que o gramado estava mais povoado, após o horário do almoço e antes de iniciarem as aulas do período da tarde, buscando facilitar a entrada e a permanência dos participantes em todas as oficinas.

A divulgação de cada oficina ocorreu em plataformas virtuais, cartazes espalhados pela FCE nos principais prédios e convites realizados pessoalmente pelas organizadoras em cada sala de aula, buscando uma comunicação simples e efetiva, que fosse próxima dos estudantes, legitimando um espaço para eles desde o convite para a atividade.

Resultados e discussão

Quando os talentos entram em cena: os destaques do show

Há uma série de aspectos relevantes que nos levaram à escolha de fazer um show de talentos para a comunidade acadêmica, dentre eles o estímulo ao uso de habilidades artísticas

e de expressão. Partiu-se da premissa de que a arte é universal e tem a capacidade de criar uma linguagem comum no contexto acadêmico.

A discussão em torno do campo da arte destaca a necessidade do sensível e do humanístico para a formação dos estudantes universitários, de modo a refletirmos sobre as questões relacionadas às emoções e às ações no cotidiano (Duarte Júnior, 2000). Notou-se que, no show de talentos, a expressão de sentimentos, a produção de sentidos e a transmissão de informações foram vivenciadas e mobilizaram a comunidade acadêmica na produção de sensibilidades e saberes.

Assim, ao todo, foram inscritas dezessete propostas para o show de talentos, sendo quinze de música cantada e/ou instrumental, uma de dança e uma de poesia. Os recursos artísticos selecionados (dança, música e poesia) atuaram ao longo das apresentações como grandes ferramentas de diálogo no contexto atual do ensino dentro da universidade, trazendo questões e análises críticas, como: "Sendo a arte produtora de saúde e contributiva para um processo de aprendizagem significativo, como ela se faz presente no cotidiano universitário?" e "Como a arte e a valorização das habilidades dos estudantes podem fazer parte das metodologias de ensino e dos trabalhos em sala de aula?".

As propostas apresentadas demonstraram o potencial da arte em sua função educativa, pois promoveram a confiança dos inscritos (estudantes, professores, funcionários) em suas próprias habilidades e possibilitaram que cada um dos que se apresentaram tivesse a experiência de elaborar e estruturar sua forma de expressão. Para Francelino e Bregalda (2020, p. 50-73), essas vivências contribuem para a exploração da criatividade e da inventividade, bem como para a produção autêntica dos participantes, que podem se expressar de formas não comumente utilizadas nas atividades acadêmicas.

Além disso, o show de talentos também impactou aqueles que passavam pelo espaço no momento das apresentações (rol do prédio da UAC), sendo que várias pessoas se lembraram de talentos que poderiam apresentar no próximo evento. Foi possível perceber o desenvolvimento de uma práxis reflexiva por meio da expressão artística, a qual provocou novas percepções e novos olhares sobre o universo e a vida universitária.

Sendo assim, destaca-se que as atividades extensionistas desenvolvidas pela universidade precisam "valorizar a questão de como objetivar a prática da aprendizagem profissional dos estudantes universitários sem perder sua conexão com as teorias que embasam o agir profissional" (Martinelli, 2003, p. 40). Corrobora-se com o autor ao afirmar que o espaço criado para a extensão deve ser algo privilegiado, de modo a proporcionar a relação entre teoria e prática, a qual tende a contribuir para a formação de profissionais engajados com questões políticas, sociais e culturais da sociedade, porém com uma formação sensível e humanizada.

Em relação aos destaques do show, muitas habilidades foram apresentadas, mas destacam-se aqui os três primeiros talentos selecionados pela comissão julgadora:

Banda musical: Grupo Vinde (terceiro colocado)

O Grupo Vinde é composto por estudantes de diversos cursos de graduação, como Engenharia, Psicologia e Terapia Ocupacional. O grupo fez uma bela apresentação, demonstrando a capacidade de construir e acolher formas e vivências tão singulares de cada estudante. Por meio da música, foi possível reunir pessoas diferentes, mas que estavam dispostas a divulgar sua produção cultural e a demonstrar novas formas de sensibilidade disponíveis ao coletivo.

Dança e poesia: Outubro Rosa e a valorização da mulher brasileira (segundo colocado)

Uma dupla de alunas do curso de Fonoaudiologia apresentou uma dança ao som da música "Maria, Maria", de Milton Nascimento, com a finalidade de apoiar a valorização da mulher brasileira, evidenciando sua força, graça e alegria. Para essa apresentação, as alunas compuseram uma mistura de diversos ritmos musicais, de modo a agregar as diferentes habilidades da dupla. Antes de iniciar a dança, em lembrança ao mês do Outubro Rosa, a dupla recitou um poema de autoria própria. Na elaboração do poema, foram utilizados versos com o intuito de transmitir a luta das mulheres, por meio de uma escrita criativa e que fugia dos padrões científicos, como uma forma de liberdade de expressão no ambiente acadêmico.

Nesta apresentação, vislumbrou-se o uso da expressão corporal para exprimir a luta, a resistência e a leveza que compõem o feminino em nossa sociedade. Na dança, as alunas trouxeram reflexões sobre as possibilidades de a mulher ocupar espaços. A variação de planos e direções, a fluência e o esforço dos movimentos estavam associados à expressão da sensibilidade, dos desejos e dos sentimentos, possibilitando um trabalho corporal de múltiplos significados e interpretações. As coreografias permitiram a visão do corpo "em movimento", capaz de produzir vida dentro de seu potencial criativo, desmistificando o olhar somente para o corpo adoecido, enfraquecido e negligenciado

Voz e violão (primeiro colocado)

A apresentação Voz e violão da aluna de Terapia Ocupacional foi considerada pela comissão julgadora como a vencedora do primeiro show de talentos da FCE. A aluna tocou e interpretou a música "Olhos coloridos", de Sandra de Sá, como uma forma de problematizar, através da arte, a temática do racismo e da negritude, além de promover, em versos cantados, a discussão sobre o preconceito racial, muitas vezes velado, existente no cotidiano acadêmico.

Com muito som, harmonia, ritmo e força, os versos da música "Você ri da minha roupa, você ri do meu cabelo, você ri da minha pele..." foram expressados pela aluna com muita técnica e emoção. Nessa atmosfera musical, os valores democráticos, de igualdade e oportunidade social, puderam ser colocados como forma de comunicação e expressão por meio da arte musical, versando sobre a realidade social e as necessidades de reflexões acadêmicas sobre o racismo.

A intenção do show de talentos foi estimular espaços promotores de saúde que despertassem nos participantes a possibilidade de criar e (re)criar o cotidiano universitário, valorizando a diversidade e encontrando nela a possibilidade de efetivas trocas de saberes, integração, reflexões e sentimento de pertencimento social.

As oficinas de vivências: Autoconhecimento e Palavras e Cotidiano

Várias temáticas foram discutidas ao longo do projeto de extensão. No entanto, optamos por apresentar duas delas: a oficina *Autoconhecimento* e a oficina *Palavras e Cotidiano*, que tinham como objetivo promover a conscientização sobre o fazer do estudante.

A. Oficina Autoconhecimento

As primeiras oficinas realizadas foram as de autoconhecimento e expressão corporal, e foram descritas buscando alicerce teórico e prático, além de serem caracterizadas por algumas imagens tiradas no encontro. As escolhas das temáticas foram tidas como assunto principal entre os estudantes, na época em que ocorreram as reuniões de planejamento dos encontros, razão pela qual foram as primeiras temáticas trabalhadas.

Na primeira oficina, foi necessária uma breve explicação acerca dos objetivos dos encontros e do projeto de extensão das docentes do curso de Terapia Ocupacional. Na ocasião, calouros e veteranos tiveram a oportunidade de trocar informações sobre o desenrolar do curso, das disciplinas e das práticas. Foi interessante notar que os encontros passaram a fazer parte da rotina dos estudantes que estavam nos anos iniciais dos cursos na FCE.

O início da oficina deu-se com a reflexão sobre como as pessoas agem no automatismo e não param para olhar o seu próprio eu, no sentido de se conhecer e olhar para si – para respirar profundamente, exageradamente ou tranquilamente. Com isso, a orientação da coordenadora do projeto foi: "Permita-se sorrir, dar risadas, chorar, respirar exageradamente." Nesse processo, também foi sugerido aos alunos que massageassem cada parte do próprio corpo.

Para a terapia ocupacional, o cuidado em saúde envolve o autoconhecimento, o equilíbrio, a harmonia, a tomada de consciência sobre si e a autonomia de ser e estar no mundo. Essa perspectiva dialoga com Furlan *et al.* (2014, p. 109-119), na concepção de que a formação do terapeuta ocupacional (e de outros profissionais da saúde), no processo de ensino-aprendizagem, deve estabelecer relações para produzir o agir na contemporaneidade e oferecer aos estudantes a oportunidade de experienciarem situações que favoreçam o desenvolvimento de suas competências interpessoais, autoconhecimento, comunicação e relacionamento interpessoal.

Nessa oficina de autoconhecimento, foi utilizada a técnica de eutonia, que, segundo Maeda, Martinez e Neder (2006, p. 3-10), é uma técnica de consciência corporal com o objetivo de promover o autoconhecimento e o desenvolvimento do senso de percepção. Isso ocorre por meio do reconhecimento do funcionamento do corpo, dos padrões habituais de postura e movimento, e do

modo como as tensões são distribuídas, orientando a construção de um centro de equilíbrio para que o indivíduo possa ter a possibilidade de se relacionar melhor consigo mesmo e com o mundo.

Esse momento trouxe aos estudantes uma conscientização das vivências de situações cotidianas em relação à expressão e aos sentidos no corpo, corroborando com Lima (2015, p. 166-187), para quem essa é uma experiência sensível que evoca forças vivas na subjetividade e nos corpos, conecta o sujeito sensorialmente ao seu entorno e o localiza entre os elementos que constituem as materialidades das experiências – ou produz estranhamentos em relação ao que se vive.

B. Oficina Palavras e Cotidiano

A oficina foi iniciada com o disparador: "A nossa dificuldade é a de se expressar em palavras; geralmente usamos o corpo. Hoje, iremos nos expressar através da escrita". Foram propostos alguns questionamentos para a reflexão dos estudantes, como: "Qual foi a situação feliz que aconteceu nessa semana?"; "Teve alguma situação em que você sentiu medo ou irritação?"; "Como você se sente quando conquista algo que deseja muito?"; "Se a UnB fosse uma pessoa, o que você diria a ela?" Nessa atividade, os acadêmicos puderam responder escrevendo músicas, frases e desenhos legendados – desde que a expressão por meio da escrita fosse priorizada. O ambiente foi preparado com tapetes, lápis de cor, canetinhas, papel e músicas, enquanto os estudantes escreviam.

A linguagem escrita faz parte do cotidiano como ferramenta de comunicação e expressão dos sentimentos, pensamentos, lembranças e desejos (Brink, 2007). Nessa perspectiva, o mesmo autor salienta que, ao procurar colocar sentimentos em palavras, acontece uma transformação subjetiva, uma vez que, ao conseguir transpor para o papel fatos, lembranças e desejos, promove-se a própria ressignificação das pessoas.

Com isso, foi possível observar que o mundo das palavras escritas e das sensações começava a aparecer na atividade desenvolvida pelos estudantes, refletindo situações e acontecimentos do cotidiano. Essa manifestação escrita foi essencial para o cuidado de si e do outro.

Considerações finais

Com a promoção de ambientes saudáveis proporcionados pelo projeto de extensão, foi possível notar que o estudante, por meio da experimentação de espaços integrativos e acolhedores, pode vivenciar um cotidiano criativo, reflexivo e significativo, capaz de potencializar sua formação.

O projeto buscou, ainda, enriquecer as relações socioeducativas, à medida que novas abordagens e recursos (danças, poesias, música, autocuidado, massagens, dentre outros) foram incorporados às estruturas de conhecimento do estudante, que passou a adquirir significado, construir saberes e promover transformação social a partir da relação com sua realidade e seu cotidiano universitário.

Assim, esta proposta de extensão buscou explorar a adoção dos referenciais amplos da Universidade Promotora da Saúde (UPS) como um dos aspectos substanciais de mudança para a promoção de ambientes saudáveis e para o aporte conceitual do cotidiano. O desenvolvimento de projetos voltados à saúde no espaço universitário tem sido reconhecido como uma alternativa intersetorial viável, que resulta em melhores processos formativos e na melhoria do bem-estar da comunidade acadêmica, efetivando a função social da Universidade. Além disso, evidencia a extensão como um caráter indissociável do ensino e da pesquisa, contribuindo para a construção do protagonismo estudantil frente a novos olhares sobre o seu processo de formação.

Referências

BRINK, H. A. T. Grupo poesia: a escrita numa unidade psiquiátrica. *Boletim da Saúde*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, 2007.

BUSS, P. M. Uma introdução ao conceito de promoção de saúde. *In*: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (org.). *Promoção de saúde*: conceitos, reflexões, tendências. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 19-42.

DUARTE JÚNIOR, J. F. *O sentido dos sentidos*: a educação (do) sensível. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS (FONAPRACE). *V Pesquisa Nacional de perfil socioeconômico e cultural dos(as) graduandos(as) das IFES – 2018*. Brasília: Fonaprace, 2019. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

FRANCELINO, V. C. S.; BREGALDA, M. Poesia, arte e sensibilidade: contribuições de um projeto de extensão para a formação de estudantes de terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 28, n. 1, p. 50-73, 2020.

FURLAN, P. G.; CAMPOS, I. O.; MENESES, K. V. P.; RIBEIRO, H. M. R.; RODRIGUES, L. M. M. A formação profissional de terapeutas ocupacionais e o curso de graduação da Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 22, n. 1, p. 109-119, 2014.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

GUIMARÃES, R. G.; FERREIRA, M. C.; VILLAÇA, F. M. O debate necessário: a importância da extensão universitária para a formação médica. *Cadernos Abem*, v. 4, p. 69-78, 2008.

HAESER, L. M.; BÜCHELE, F.; BRZOZOWSKI, F. S. Considerações sobre autonomia e a promoção da saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 605-620, 2012.

LIMA, E. M. Um grupo de terapia ocupacional: tecendo vínculos, criando mundos. *In*: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.). *Grupos e terapia ocupacional*: formação, pesquisa e ações. São Paulo: Summus, 2015. p. 166-187.

MAEDA, C.; MARTINEZ, J. E.; NEDER, M. Efeito da eutonia no tratamento da fibromialgia. *Revista Brasileira de Reumatologia*, v. 46, n. 1, p. 3-10, 2006.

MARTINELLI, M. L. *O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MOYSÉS, S. J.; MOYSÉS, S. T.; KREMPEL, M. C. Avaliando o processo de construção de políticas públicas de promoção de saúde: a experiência de Curitiba. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 9, n. 3, p. 627-641, 2004.

MOYSÉS, S. T. *et al.* Associations between health promoting schools' policies and indicators of oral health in Brazil. *Health Promotion International*, v. 18, n. 3, p. 209-218, 2003.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA. *Projeto Universidade Saudável*. Disponível em: http://www.universidadesaudavel.com.br. Acesso em: 11 jul. 2018.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR). *Relatório das ações sociais*: projeto comunitário 2008. Curitiba: PUCPR, 2008. 212 p. Disponível em: https://www.pucpr.br/wp-content/uploads/2019/05/rel-_das_acoes_sociais_2008_compressed.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

RAFACHO, A. M.; MORAES, M.; TOLDRÁ, R. C. Grupos terapêuticos na perspectiva de um serviço ambulatorial de terapia ocupacional. *In*: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 11.; ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 7., 2007, São José dos Campos. Anais [...]. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2007. p. 2027–2030.

SOARES, A. M.; PEREIRA, A. M. S.; CANAVARRO, J. M. A. P. Promoção da saúde nas instituições de ensino superior portuguesas: reflexões e desafios. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, v. 2, n. 1, p. 115-137, 2015.

UNIVERSITY OF TORONTO. *Centre for health promotion*. University of Toronto, 2007. Disponível em: http://sites.utoronto.ca/chp/download/EInfoUpdates/einfofall2007.html. Acesso em: 11 jul. 2018.

Capítulo 2

A Liga Acadêmica de Bioética e Direitos Humanos como ponte de extensão coletiva, plural e diversa entre sociedade e universidade

Josianne Katiúscia Monteiro Marques de Araújo[1]
Guilherme Tácio Marçal Oliveira[2]
Marianna Assunção Figueiredo Holanda[3]

Introdução

A Universidade de Brasília (UnB) é uma instituição pública de ensino superior cuja missão é atuar como agente de transformação e inserção social, contribuindo para a promoção de uma cidadania plural, diversa e ética. No seu âmbito, o campus de Ceilândia (FCE/UnB) é composto por cursos de graduação na área da saúde que desenvolvem práticas de ensino, pesquisa e extensão voltadas ao fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), fundamentadas em princípios interdisciplinares e interprofissionais. Tais práticas visam promover

[1] Discente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[2] Enfermeiro formado pela Faculdade de Ceilândia – UnB e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Bioética pela Universidade de Brasília.

[3] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB e do Programa de Pós-Graduação em Bioética pela Universidade de Brasília.

a qualidade de vida e a saúde da população em geral – com ênfase em pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade –, favorecendo a formação crítica e reflexiva dos estudantes.

As Ligas Acadêmicas (LAs) são idealizadas como projetos coletivos, de caráter científico e livre, comuns nos cursos da saúde, mas não restritos a eles. Seu objetivo é promover ações e saberes que complementam os currículos formais de graduação (Santana, 2012, p. 96-98; Queiroz *et al.*, 2014, p. 73-78). Devido à capacidade de conexão entre distintos setores da universidade e da sociedade, as Ligas têm potencial para disseminar conhecimentos de forma participativa, múltipla e horizontal. Assim, constituem coletivos relevantes para ampliar e aprofundar a formação de discentes e docentes, realizando intervenções junto à sociedade para a transformação social e a defesa de direitos.

Pautadas no tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão, essas iniciativas visam promover ações de forma integrada e continuada nesses três campos por meio de diferentes abordagens e atividades, como: aulas, rodas de conversa, palestras, oficinas, eventos científicos, grupos de estudo, pesquisa e iniciação científica, entre outras. Demandam, portanto, diálogo contínuo e intervenções constantes junto à sociedade, configurando-se em importante estratégia para o aperfeiçoamento de reflexões teóricas, bem como habilidades técnicas e práticas de seus membros (Cavalcante *et al.*, 2021, p. 1-17).

Em dezembro de 2019, foi fundada a Liga Acadêmica de Bioética e Direitos Humanos (LIABDH) da Universidade de Brasília, por demanda de estudantes de diferentes cursos da Faculdade de Ceilândia. Eles identificaram lacunas importantes na discussão aprofundada sobre direitos humanos e bioética, tanto nos currículos acadêmicos quanto nas práticas de extensão da universidade. A proposta também se justificou pela inserção do campus na maior Região Administrativa do Distrito Federal, a RA de Ceilândia e adjacências: um espaço territorial notadamente marcado, de um lado, por extensas e históricas desigualdades sociais, violências e violações de direitos básicos e, de outro, por movimentos sociais organizados, forte luta política e saberes próprios de uma comunidade culturalmente diversa. Essa realidade exige uma atuação extensionista comprometida com a problematização coletiva e a construção de caminhos para enfrentar os diversos problemas sociais e promover a saúde integral da população, respeitando os saberes locais e valorizando as práticas emancipatórias que fortaleçam os direitos humanos e a bioética.

Dessa forma, utilizamos como lentes de observação e questionamento a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (DUBDH), ratificada pela Unesco em 2005 – da qual o Brasil é signatário e teve papel político relevante em sua elaboração – e o campo teórico da Bioética de Intervenção, referencial crítico anticolonial e propositivo para enfrentar as problemáticas, urgências e vivências das periferias do capitalismo global. A Liga compreende que, tanto a bioética quanto os direitos humanos, contribuem de forma significativa para construir alternativas mais justas para pessoas e grupos que anseiam por equidade e respeito à dignidade humana em todos os seus âmbitos.

A bioética é um campo do conhecimento – e uma ciência – necessariamente multi, inter e transdisciplinar, configurando-se como uma área de estudo ampla e dinâmica,

em permanente construção e sujeita a disputas morais, políticas e epistemológicas. Embora sua gênese envolva uma ética global e socioambiental, a bioética consolidou-se apenas na segunda metade do século XX como uma disciplina e ferramenta orientadora de condutas no campo biomédico, sobretudo devido aos conflitos morais suscitados por questões emergentes – derivadas do desenvolvimento biotecnocientífico – como a engenharia genética, a doação e o transplante de órgãos, a saúde reprodutiva, a fecundação assistida, a seleção e o descarte de embriões e a biossegurança (Garrafa, 2005, p. 1-12).

Foram os dilemas éticos gerados pelas pesquisas científicas com seres humanos e, em muitos casos, a consequente violação de direitos humanos que levaram à formalização de princípios éticos reguladores e balizadores da integridade científica e da prática (bio)médica. Essa primazia de atuação no campo biomédico se consolidou, sobretudo, em países europeus e nos Estados Unidos, contextos em que se sistematizaram quatro grandes princípios bioéticos: respeito à autonomia, justiça, beneficência e não maleficência – importantes ferramentas tanto para a tomada de decisões quanto para a deontologia profissional.

Contudo, partindo das periferias do capitalismo e de países do Sul global – marcados por profundas desigualdades e por uma história comum de colonização, escravização e genocídio de povos e saberes –, reconhecemos que a bioética deve extrapolar o campo das situações emergentes e dos dilemas biotecnocientíficos. É preciso incluir também situações persistentes, como a exclusão social; as discriminações de gênero, raça, sexualidade e outras; as questões de equidade, universalidade, alocação, distribuição e controle de recursos econômicos em saúde; além dos direitos humanos e da democracia, e suas repercussões na saúde e na vida das pessoas e das comunidades (Porto; Garrafa, 2005, p. 111-123; 2011, p. 719-729).

Reconhecemos, a partir de uma dessas periferias, que, enquanto muitas questões emergentes em bioética se pautam na maximização do princípio da autonomia – seja médica, seja do paciente ou dos indivíduos –, compreendida numa perspectiva individualista e liberal, aqui, na América Latina, é fundamental ampliar a relevância das questões coletivas pautadas pela noção de justiça social (Flor do Nascimento; Garrafa, 2011, p. 287-299), em um caráter mais amplo e articulado entre pessoas e grupos na sociedade. As vivências e existências de populações em situação permanente de colonialidade e vulnerabilidade chamam a atenção para problemáticas de ordem sanitária: o compartilhamento de riscos e benefícios no acesso a novas tecnologias e conhecimentos científicos, as iniquidades sanitárias e sociais, e as violências socioambientais (Garrafa, 2016).

Destacamos também as múltiplas lutas interseccionais por direitos sociais e humanos de minorias políticas, étnico-raciais, religiosas, de gênero, entre outros marcadores sociais da diferença que influenciam os determinantes sociais da saúde e do adoecimento (Swedenberger, 2013, p. 321-337; Holanda; Feitosa, 2013, p. 27-36; Galvão *et al.*, 2021, p. 1-14). Pautamos, assim, bioéticas que sejam sensíveis e politizadas para as questões sociais, atuando não apenas no campo teórico-reflexivo, mas também na proposição de intervenções e ações concretas para enfrentar a multiplicidade de dilemas e questões humanas (Feitosa; Flor do Nascimento, 2015, p. 277-284).

É essa perspectiva de respeito pela vulnerabilidade humana e de luta pela igualdade, justiça, equidade e responsabilidade social que une a bioética aos direitos humanos, compreendidos como direitos fundamentais, imprescritíveis, inalienáveis, irrenunciáveis, invioláveis e indivisíveis, conforme a Declaração Universal de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, de 1948. Nessa perspectiva, todas as dimensões dos direitos humanos devem estar interligadas, visando alcançar o bem comum, pois envolvem interlocução ética, jurídica, política, econômica, pedagógica, social, histórica e cultural, ampliadas nas diferentes gerações de direitos humanos (Tosi, 2004). Dessa compreensão ampliada dos direitos humanos, consolidou-se a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (DUBDH), com princípios como: respeito pela vulnerabilidade humana e pela integridade individual; igualdade, justiça e equidade; não discriminação e não estigmatização; respeito pela diversidade cultural e pelo pluralismo; solidariedade e cooperação; responsabilidade social e saúde; compartilhamento de benefícios; e responsabilidade pelas gerações futuras (Unesco, 2005).

São esses pilares da DUBDH que estruturam os eixos temáticos, as ações e as atividades da Liga Acadêmica de Bioética e Direitos Humanos (LIABDH), evidenciando a conexão entre esses temas e as demandas atuais da sociedade no que se refere às necessidades da promoção e defesa dos direitos humanos, bem como dos valores e princípios da bioética nas práticas científicas, sociais, de saúde e de bem-viver.

Metodologia

Instituída em 2019 como projeto de extensão continuada, aprovado pelo Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (DEX/UnB), a Liga Acadêmica de Bioética e Direitos Humanos (LIABDH) busca oferecer uma formação ampla e humanizada a profissionais éticos e socialmente comprometidos. Consideramos imprescindível que, além de dominar as técnicas, esses profissionais desenvolvam senso crítico, reconheçam saberes diversos e compreendam as complexidades e multiplicidades da saúde e das políticas públicas – assim como as interfaces com os direitos básicos –, identificando também eventuais violações sob a ótica das leis e do pluralismo (bio)ético.

As atividades e projetos da LIABDH estruturam-se a partir de 11 eixos temáticos que articulam saberes interdisciplinares: *i*) Direito e acesso à saúde; *ii*) Direito à alimentação e soberania alimentar; *iii*) Direitos fundamentais básicos; *iv*) Direitos e saúde sexual e reprodutiva; *v*) Meio ambiente, direitos coletivos e difusos; *vi*) Desigualdades e violência de gênero, raça e etnia; *vii*) Diversidade e orientação afetivo-sexual; *viii*) Corponormatividade, deficiência e capacitismo; *ix*) Pluralismo bioético e diversidade sociocultural; *x*) Situações emergentes em bioética; e *xi*) Situações persistentes em bioética.

Nossos eixos de atuação são orientados pelo tripé da universidade pública: ensino, pesquisa e extensão. No ensino, buscamos promover a educação continuada e o aprofundamento nas temáticas de direitos humanos e bioética, somados à interseção destes na saúde, tanto para os integrantes do projeto quanto para a comunidade universitária e a sociedade

em geral. Na pesquisa, temos como objetivo o estímulo à iniciação científica, à participação em eventos científicos de campo e também à divulgação científica. Na extensão, formalizamos ações e intervenções práticas junto à sociedade, na disseminação de informações, discussões e reflexões sobre bioética, direitos humanos e saúde – três pilares em um processo dialógico, emancipador e horizontal, inspirado na pedagogia freiriana (Freire, 1996).

Atualmente, a equipe é composta por uma professora e coordenadora e três professores colaboradores, todos docentes do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília (FCE/UnB). Eles são responsáveis por auxiliar e orientar os extensionistas no desenvolvimento das atividades realizadas pela Liga. Também integram a equipe dois colaboradores da Pós-Graduação em Bioética (PPG-Bioética/UnB) e 20 discentes de cursos de graduação da UnB – tanto do campus Ceilândia quanto do campus Darcy Ribeiro –, dos seguintes cursos: Saúde (Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional) e Humanidades (Ciências Sociais, Serviço Social, Psicologia e Direito).

Ao longo do período pandêmico causado pelo novo coronavírus, as atividades inicialmente planejadas para serem desenvolvidas em contexto presencial foram reestruturadas e transferidas para ambientes virtuais, respeitando as recomendações da Organização Mundial da Saúde, dos órgãos nacionais de saúde e dos Grupos de Trabalho da UnB. Foi naquele cenário que diversos projetos da Liga surgiram e vêm sendo realizados pelas(os) discentes, sob a supervisão da orientadora e de professores colaboradores. São eles: *i*) *Diários de Bordo*; *ii*) *Notas de reflexão*; *iii*) *Produções audiovisuais*; *iv*) *Diálogos plurais*; *v*) *Pesquisas e iniciação científica*; e *vi*) *Minicursos sobre Bioética e Direitos Humanos*.

Ainda que as seis ações relatadas tenham processos de criação diferentes, todas se iniciam da mesma forma: a partir de um grupo de trabalho de extensionistas e da definição de um eixo temático e/ou uma população específica – geralmente grupos sociais vulnerabilizados e marginalizados – relacionada ao tema escolhido. Em seguida, realizamse pesquisa bibliográfica e documental, coleta de relatos e entrevistas, além da elaboração e discussão dos textos e do material gráfico de divulgação. Todo o material produzido é divulgado nos perfis da LIABDH nas redes sociais – Instagram,[4] Twitter, Facebook, WhatsApp – e em nosso site,[5] para ampliar o acesso aos materiais. Participamos ainda, em novembro de 2020, do XI Seminário de Extensão Universitária do Centro-Oeste (SEREX), sediado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com a publicação de um artigo, bem como das Semanas Universitárias da UnB, tanto na realização de atividades quanto na participação nos Encontros de Extensionistas da UnB (Oliveira *et al.*, 2020).

O *Diário de Bordo* é um projeto que surgiu da necessidade de construir um espaço de acolhimento e escuta sobre a vida no contexto da pandemia da covid-19. Seu objetivo é alcançar diferentes realidades e conectar pessoas e grupos na experiência dos múltiplos impactos da pandemia sobre a vida e seus determinantes sociais de saúde e adoecimento. Os *Diários*

[4] @liabdh.unb ou https://www.instagram.com/liabdh.unb/.

[5] Link do site: https://liabdh.wordpress.com/.

de Bordo tornaram-se um conjunto vivo, contínuo e crescente de relatos, sentimentos e reflexões compartilhados, ampliando nosso entendimento como coletividade e estimulando trocas em tempos pandêmicos. Após a escolha do tema e do grupo social, coletam-se relatos e vivências em diversas linguagens, por meio de formulário de ambiência virtual, com o devido aceite de publicação e veiculação por parte das(os) participantes, garantindo-lhes privacidade e confidencialidade das informações pessoais. Por fim, os materiais coletados são reunidos e sistematizados por categorias de sentido, inspiradas em Bardin (1997. 225 p.), e em símbolos comuns que criam vínculos e redes entre as falas (Câmara, 2013, p. 179-191).

As *Notas de reflexão* compõem-se de grupos de estudo temático e visam estimular a produção, por parte das(os) ligantes, de textos reflexivos e informativos em formato de breve artigo crítico – embasado na literatura científica e dados públicos – acerca de temas atuais e/ou questões de impacto social relacionados aos eixos constitutivos da LIABDH. Articulam conhecimentos e reflexões sobre diferentes grupos populacionais e sobre a intersecção de marcadores sociais da diferença em suas trajetórias. Outras linguagens textuais mais livres e não estruturadas, como críticas, reflexões e poemas, inserem-se em nossas atividades como "textos livres", também incentivadoras da expressão escrita. Ambos os formatos constituem produções textuais que aprofundam o arcabouço teórico e crítico discente, sob orientação das(os) professoras(es) da Liga e colaboradoras(es), além de promover o princípio da divulgação científica e a integração da universidade com a sociedade (Cavalcante *et al.*, 2021, p. 1-17).

As *Produções audiovisuais* constituem outra forma de desenvolver e apresentar pensamentos, discussões, observações e conhecimentos sobre questões bioéticas e de direitos humanos, porém em formatos de linguagem mais livre, compondo-se de vídeos longos ou curtos. Essas produções são elaboradas a partir de em roteiro semiestruturado, baseado nas considerações e nos dados obtidos na revisão da literatura sobre o tema escolhido. Em seguida, realizam-se os processos de gravação e edição do material em aplicativos específicos. Por fim, o produto final é compartilhado e discutido com a comunidade acadêmica e/ou outros públicos de interesse.

Os *Diálogos plurais* são debates qualificados, mediados por membros da Liga e conduzidos com a participação de convidados, membros da sociedade, da universidade e/ou especialistas. Realizam-se virtualmente, por videoconferência ou transmissão em plataformas como o YouTube, ou, ainda, de forma presencial, conforme disponibilidade. Nesse espaço, a comunidade acadêmica e sociedade são convidadas a integrar-se ao debate, trazendo perguntas e comentários sobre as temáticas propostas pela Liga. Esse formato constitui uma ferramenta importante para a troca, apropriação e disseminação de conhecimentos, questionamentos e estudos sobre direitos humanos e bioética.

Nos anos de 2020, 2021 e 2022, a Liga Acadêmica de Bioética e Direitos Humanos abrigou seis pesquisas de iniciação científica selecionadas por editais do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Já em 2022 e 2023, organizamos três edições do *Minicurso sobre Bioética e Direitos Humanos*, em parceria com a Sociedade Brasileira de Bioética – Regional Distrito

Federal (SBB-DF) e com o Programa de Pós-Graduação em Bioética (PPG-Bioética/UnB). As atividades de pesquisa e de ensino serão melhor descritas no próximo tópico.

Resultados e discussão

Ao longo dos anos de 2019 e 2020, o primeiro ano da Liga, foram desenvolvidas as seguintes atividades:

Nove *Notas de reflexão* com os seguintes títulos: "Democracia, obscurantismo e autoritarismo"; "Dia nacional da luta antimanicomial"; "As consequências da pandemia do novo coronavírus nas mulheres"; "Pandemia do novo coronavírus e o aumento da violência doméstica"; "Degradação do meio ambiente e o surgimento de doenças emergentes"; "Dia internacional do orgulho LGBTI+"; "Dia da mulher negra latino-americana e caribenha"; "Dia nacional da consciência negra"; e "Dia internacional dos direitos humanos e a pandemia da covid-19 no Brasil: desigualdades e mistanásia programadas?"

Ainda em formato escrito, a LIABDH produziu três textos livres. O primeiro, postado no Dia Mundial da Saúde (7 de abril), intitulado "Só há saúde se ela for coletiva", propôs a refletir sobre a pluralidade de mundos dentro de uma sociedade e a interdependência entre os sujeitos, além de pautar a necessária reconstrução e renovação dos significados e sentidos de "saúde". O segundo, "Mais uma pandemia: a covid-19 e os povos indígenas no Brasil", postado no Dia da Diversidade Indígena (19 de abril), trouxe reflexões fundamentais sobre a maior vulnerabilidade dos povos indígenas frente à pandemia, a demanda urgente de medidas de cuidados para essas populações altamente vulneráveis e o prelúdio do genocídio deliberado que viria a se concretizar. O terceiro, em formato de poema, manifestou-se contra desigualdades étnico-raciais, decorrentes do histórico e perverso processo de marginalização, violência e segregação da população negra na América Latina e, em especial, no Brasil, com suas particularidades, intitulado "Vidas negras importam".

Quanto ao *Diário de Bordo*, duas edições especiais foram organizadas e divulgadas. A primeira, intitulada "Mães sem dia: diário de uma pandemia", reuniu 20 relatos, coletados entre os dias 1º e 15 de maio de 2020, em ocasião do mês do Dia das Mães no Brasil, refletindo sobre vivências diversas de mães que puderam expressar suas emoções, vivências, particularidades e estigmas diante do necessário distanciamento social imposto às famílias. A distribuição dos relatos deu-se em quatro blocos temáticos: *i*) "Sobre encontros interrompidos e reinventados"; *ii*) "Distâncias, perda de direitos e solidão"; *iii*) "Orfandade, saudades e tecnologias"; e *iv*) "Sobre amor e gratidão, apesar de tudo". Foi possível identificar variados sentimentos gerados pelo isolamento e distanciamento social, além das modificações que tiveram de ser promovidas nos ambientes familiares e domésticos. Os relatos refletem sobre papéis de gênero, sobre ausências dos entes queridos e sobre o medo constante, mas, em alguns casos, mantêm otimismo, amor e fé.

A segunda edição "Relações afetivas em tempos de pandemia", contou com 42 relatos colhidos de um grupo composto majoritariamente por jovens universitários, entre 20 e

25 anos. Os relatos foram organizados em três blocos: *i*) "Sobre saudades e outras ausências"; *ii*) "O uso da tecnologia para diminuição das distâncias"; e *iii*) "Descobertas e novos sentidos". Como resultado, o material demonstrou mudanças e desafios nas relações intra e interpessoais experienciadas devido à pandemia. Considerando o cenário vivenciado, a tecnologia auxiliou no estreitamento das relações, na habilidade de se reinventar para reduzir danos tanto físicos quanto emocionais, no tensionamento dessas relações e nos sentimentos delas oriundos. Além disso, contribuiu para o processo de autoconhecimento, nas percepções de autocuidado e na descoberta de novos interesses e habilidades.

Sobre as *Produções audiovisuais*, no período analisado, foi realizado um vídeo para publicação conjunta ao Programa especial: extensão e comunicação em rede (FUP/DEX/UnB), intitulado: "Implicações bioéticas e de direitos humanos no contexto da pandemia do novo coronavírus". O objetivo principal foi o compartilhamento das reflexões referentes aos impactos da covid-19 em populações vulnerabilizadas devido à ausência de seus direitos sanitários, econômicos, sociais, culturais, civis e políticos, demonstrando ainda a correlação da pandemia com conceitos e conflitos bioéticos. Os ligantes desenvolveram o roteiro, a gravação, a edição e a veiculação das redes sociais, com o auxílio da equipe de comunicação. A produção de materiais audiovisuais visa atingir públicos mais diversos à universidade, pensando no formato de linguagem e comunicação por meio da discussão de temas sensíveis e necessários à coletividade em geral.

Já sobre os *Diálogos plurais*, uma edição especial ocorreu durante a 20ª Semana Universitária da Universidade de Brasília, promovida pelo Decanato de Extensão (DEX/UnB), e teve como título "Pandemias silenciosas: racismos, preconceitos, violências e opressões". A atividade foi realizada em formato de roda de conversa, na modalidade online, mediada pela ligante Elizabete Braga (Enfermagem, FCE/UnB), e contou com as seguintes convidadas e convidados: professora Érica Quinaglia, com uma fala sobre os manicômios judiciários; professora Marianna Holanda, que abordou os povos indígenas e a pandemia; professora Patrícia Rezende, com discussão sobre violência de gênero; e o professor Breitner Tavares, que tratou de questões étnico-raciais e vulnerabilidades de acesso à saúde. Todas(os) são docentes do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE). O diálogo foi uma importante ferramenta para a denúncia das urgências anteriores, presentes e futuras ao contexto pandêmico, considerando diferentes populações e trajetórias sociais e em saúde.

Em relação aos eventos, a Liga desenvolveu e/ou representou apoio à divulgação, técnico e organizacional em dois eventos, integrando quatro atividades voltadas à comunidade universitária e externa à universidade. Foram elas: "Live ECoS: como anda a saúde das mães durante a pandemia?", com as professoras Rosamaria Carneiro e Marianna Holanda; "Aula pública: gênero e colonialidade", com a professora Rita Laura Segato, em apoio ao PPG – Bioética da UnB; "XI Seminário regional de extensão universitária da região Centro-Oeste", com apresentação de resumo expandido pela ligante Josianne Katiuscia Monteiro; e "Live conecta: vivências de pessoas com deficiência e o contexto político, social e sanitário atual", com a estudante de Pós-Graduação convidada Natália Maria Alves (PPGD–UnB).

Além desses, diversos materiais foram elaborados com o intuito de promover a divulgação científica sobre diferentes temáticas e foram organizados em diversos formatos. Tratam-se de produções em forma de postagens e infográficos, estruturados com o objetivo de promover, defender e ampliar o acesso aos direitos humanos, reflexões sobre bioética e suas intersecções com a saúde. Publicados nas redes sociais da LIABDH, os posts abordaram os seguintes temas: comemoração dos "58 anos da Universidade de Brasília"; "Prevenção ao abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes"; "Violência doméstica: como denunciar?"; "Vidas negras importam"; "30 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente"; "Dia Internacional de Nelson Mandela"; "Julho negro: indicações para uma luta antirracista"; e por último, "Direitos humanos: o que são?"

Quanto às atividades de pesquisa, entre 2020 e 2023, destacamos: *i*) A participação no Edital 2020/21 do Programa de Iniciação Científica do Decanato de Pós-Graduação da UnB, com a pesquisa "*Desigualdades pandêmicas: sobre políticas e determinantes sociais da saúde no contexto de pandemia no Brasil*", desenvolvida pela professora e coordenadora Marianna Assunção Figueiredo Holanda. Esse projeto contou com quatro bolsas PIBIC, conduzidos por ligantes da UnB/FCE, e abordaram os seguintes temas: finitude e processos de luto na pandemia; acesso à saúde da população trans; dilemas bioéticos anteriores e durante a pandemia; violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes na pandemia; *ii*) A participação no Edital 2021/22, no qual foram conduzidas mais duas iniciações científicas dentro deste mesmo grande projeto de pesquisa, que foi renovado, sobre: diferenças nas taxas de mortalidade por covid-19 entre regiões do DF; e conflitos bioéticos durante a pandemia, bem como seus reflexos na saúde mental de trabalhadores da saúde. Essas pesquisas receberam menção honrosa e prêmio destaque no Congresso de Iniciação Científica. Parte dos trabalhos também foi publicada no formato de artigo e/ou transformada em Trabalhos de Conclusão de Curso.

Por fim, consideramos relevante incluir, na versão final deste capítulo, a realização de três edições do *Minicurso sobre Bioética e Direitos Humanos* – ainda que tenham ocorrido em anos posteriores ao recorte temporal inicialmente proposto pela coletânea –, devido à configuração dessa atividade como um fortalecimento do nosso Grupo de estudo e, sobretudo, por sua contribuição para a democratização do conhecimento e a ampliação do acesso promovido pelas aulas.

O I minicurso teve como perspectiva a introdução aos grandes temas da bioética e dos direitos humanos. O curso foi fragmentado em três aulas públicas, contando com a participação de Volnei Garrafa (PPG-Bioética/UnB), Aline Albuquerque Sant'Anna de Oliveira (PPG-Bioética/UnB) e Breitner Tavares (PPGDSCI–UnB/FCE), abordando temas como os 50 anos da bioética, os direitos humanos dos pacientes e a relação entre masculinidades, raça e saúde.

O II minicurso foi dedicado à saúde mental, ao álcool e a outras drogas. Contou com a participação de Antonio Nery Filho, Erica Quinaglia Silva e Evaldo Melo de Oliveira, que ministraram aulas sobre pessoas vulneráveis e consumo de psicoativos, saúde mental e sofrimento social, e o cuidado em liberdade na clínica das taxonomias.

No III minicurso, discutimos perspectivas sobre raça e racismo na reconstrução da democracia, pautando as relações entre raça, gênero e saúde. Nesta última edição, tivemos dois convidados por dia, promovendo um diálogo entre perspectivas, experiências e vivências complementares. A aula inaugural teve a participação de Lucélia Luiz Pereira (Serviço Social/UnB) e Tarsila Flores (ENSP/Fiocruz-RJ), que abordaram políticas sociais e saúde quilombola, além da saúde da população prisional LGBTQIA+. No segundo dia, recebemos Roberta Nascimento Lemos (ENSP/Fiocruz) e Luís Ferreira Saraiva (Coordenação geral de Bioética CGBio/Conep), que discutiram a educação do ensino superior, o racismo na atenção primária e a relação entre saúde e religiosidade popular. A terceira e última aula do minicurso foi conduzida por Wanderson Flor do Nascimento (FIL/UnB) e Ana Flávia Magalhães Pinto (IH/UnB), que pautaram as filosofias africanas e afrodiaspóricas e a cidadania negra pós-abolição.

Todas as aulas aconteceram no formato de webinário, com transmissão ao vivo pelo canal da UnBTV no YouTube, visando atingir um público ampliado e diverso. Cada edição foi mediada por estudantes de graduação e/ou Pós-Graduação da LIABDH, sob a coordenação da professora Dra. Marianna Assunção Figueiredo Holanda (FCE/UnB e PPG-Bioética/UnB).

Considerações finais

A Liga de Bioética e Direitos Humanos vem promovendo diversos debates sobre cidadania e direitos humanos, suscitando impactos positivos para a sociedade nos âmbitos ético, moral e social. Por meio da extensão universitária, fortalece a relação entre universidade e comunidade, com participação coletiva no processo de construção de saberes. Deixamos também nossas sementes na formação profissional e humana, formando educandos reflexivos e criativos, capazes de atuar como agentes transformadores de realidades locais, regionais, nacionais e globais.

Ao articular saberes da comunidade, defender os eixos da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos (DUBDH) e realizar práticas de extensão, ensino e pesquisa, acreditamos que as atividades deste projeto contribuem para a integração crítica, plural e cidadã entre universidade e sociedade nas periferias do Distrito Federal.

Referências

BARDlN, Luarence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1997. 225 p.

CÂMARA, Rosana. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais*: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul./dez. 2013.

CAVALCANTE, Ana *et al.* Em busca da definição contemporânea de “ligas acadêmicas” baseada na experiência das ciências da saúde. *Interface*, v. 25, p. 1-17, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/interface.190857. Acesso em: 24 abr. 2025.

FEITOSA, Saulo F.; FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. A bioética de intervenção no contexto do pensamento latino-americano contemporâneo. *Revista Bioética*, v. 23, n. 2, p. 277-284, 2015.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson; GARRAFA, Volnei. Por uma vida não colonizada: diálogo entre bioética de intervenção e colonialidade. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 287-299, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 65. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Anna Larice Meneses *et al.* Determinantes estruturais da saúde, raça, gênero e classe social: uma revisão de escopo. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 1-14, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0104-12902021200743. Acesso em: 15 out. 2021.

GARRAFA, Volnei. Apresentando a bioética. *Universitas FACE*, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2005.

HOLANDA, Marianna; FEITOSA, Saulo. A pluralidade sociocultural no Brasil e os desafios para a implantação das políticas públicas de saúde. *Tempus actas de saúde coletiva*, v. 7, n. 4, p. 27-36, 2013. Disponível em: https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1415. Acesso em: 24 abr. 2025.

MATTA, G. C.; REGO, S.; SOUTO, E. P.; SEGATA, J. *Os impactos sociais da covid-19 no Brasil*: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Observatório covid-19; Editora FIOCRUZ, 2021. 221 p.

OLIVEIRA, G. M. T.; ARAÚJO, M. M. K. de. A Liga Acadêmica de Bioética e Direitos Humanos como extensão plural e transformadora da sociedade. *In*: SEMINÁRIO REGIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO CENTRO-OESTE (SEREX), 11., 2020, Cuiabá. *Anais [...].* Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)*. Bruxelas: Assembleia Geral da ONU, 1948.

PORTO, Dora; GARRAFA, Volnei. A influência da Reforma Sanitária na construção das bioéticas brasileiras. Ciência & Saúde Coletiva, v. 16, supl. 1, p. 719-729, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000700002. Acesso em: 24 abr. 2025.

PORTO, Dora; GARRAFA, Volnei. Bioética de Intervenção: considerações sobre a economia de mercado. Revista Bioética, v. 13, n. 1, p. 111-123, 2005.

QUEIROZ, Silvio *et al*. A importância das Ligas Acadêmicas na formação profissional e promoção de saúde. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 24, n. 8, p. 73-78, dez. 2014.

SANTANA, Ana. Ligas acadêmicas estudantis: o mérito e a realidade. *Medicina*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 96-98, mar. 2012.

SWEDENBERGER, B. Bioética e direito à saúde: dilemas. *In*: ALVES, S. M. C.; DELDUQUE, M. C.; NICOLAO, D. N. (orgs.). *Direito sanitário em perspectiva*. Brasília: Escola Superior do Ministério Público da União; Fiocruz Brasília, v. 2, p. 321–337, 2013.

TOSI, Giuseppe. *Direitos Humanos*: história, teoria e prática. João Pessoa: Editora UFPB, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos*. Paris: Unesco, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Coronavírus*. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1. Acesso em: 20 out. 2021.

Capítulo 3

O papel da universidade no enfrentamento da dengue em uma área de extrema vulnerabilidade social do Distrito Federal

Ana Carolina Silva Martins[1]
Flávia Reis de Andrade[2]
Marcos Takashi Obara[3]
Rodrigo Gurgel Gonçalves[4]
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel[5]

Introdução

A Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília (FCE/UnB) está localizada na Região Administrativa (RA) IX – Ceilândia, cuja população representa 11,64% do total do Distrito Federal. Trata-se de uma RA bastante conhecida por suas lutas por direitos básicos, como moradia e educação. A FCE foi criada por meio das ações do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e tem um papel social de grande relevância, com o compromisso de intervir no território, a fim de proporcionar melhorias para o meio e as pessoas que a cercam.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[2] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[3] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[4] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[5] Docente do curso de Medicina pela Universidade de Brasília.

O projeto de extensão *Pare, Pense, Descarte* (PPD) foi criado em 2010 por um grupo de estudantes do curso de Saúde Coletiva da FCE, que acreditava na importância da coleta seletiva promovida pela universidade, a qual, por sua natureza, deve ser exemplo para o restante da sociedade, desenvolvendo ações que visem diminuir os impactos ambientais gerados pelo descarte de resíduos sólidos. A abordagem desse projeto, que se concentra na coleta seletiva e na conscientização sobre o descarte adequado de resíduos, alinha-se à preocupação global com as questões ambientais e a sustentabilidade.

A degradação ambiental e a infraestrutura inadequada representam um sério risco à saúde humana. O descarte inadequado de resíduos favorece a transmissão de doenças de veiculação hídrica e a reprodução de mosquitos da espécie *Aedes aegypti*, responsável pela transmissão de arboviroses (Almeida; Cota; Rodrigues, 2020, p. 3857-3868). Nesse contexto, as atividades e ações promovidas pelo projeto PPD foram desenvolvidas na Região Administrativa de Ceilândia ao longo de sete anos. Diversas parcerias foram firmadas com cooperativas e associações de catadores, com outros projetos de extensão da UnB e com o Rotary Club de Taguatinga.

Em 2017, o governo do Distrito Federal convidou a equipe de professores do projeto PPD para realizar um levantamento epidemiológico dos catadores que trabalhavam no lixão da Estrutural, a fim de conhecer suas condições de saúde antes do seu encerramento, previsto para 2018, uma vez que, após essa data, os catadores seriam realocados para Centros de Triagem de Coleta Seletiva (CTCS).

Brasília, capital do Brasil, sediou, por quase 60 anos, o Lixão da Estrutural, que foi considerado o segundo maior lixão do mundo, ficando atrás apenas do Lixão de Jacarta, situado na ilha de Java, na Indonésia. O local abrigava cerca de 1.200 catadores, vinculados a associações e cooperativas, que trabalhavam em condições laborais precárias, expostos a riscos iminentes de acidentes de trabalho e a agentes físicos, químicos e ergonômicos, além de gases resultantes da decomposição dos resíduos e mosquitos de importância para a saúde pública (Cruvinel *et al.*, 2020, p. 223-232; Neves *et al.*, 2016; Zolnikov *et al.*, 2018).

Os lixões propiciam a poluição do ar, do solo e da água, e o encerramento de suas atividades é uma medida essencial para o controle dos impactos da gestão de resíduos no meio ambiente e na saúde coletiva (Cruvinel *et al.*, 2017). A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituída pela Lei nº 12.305/2010, determina às unidades federativas o cumprimento de metas, tais como encerramento das atividades de todos os lixões no Brasil e a elaboração de programas para fomentar a gestão de resíduos sólidos com sustentabilidade e inclusão social, mediante a participação de catadores na coleta seletiva (Brasil, 2010).

Segundo o Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil (RSU), em 2022, foram geradas 81,8 milhões de toneladas de resíduos, o que corresponde a 224 mil toneladas diárias de resíduos sólidos urbanos. A maior parte dos resíduos coletados (61%) continua sendo encaminhada para aterros sanitários, com 46,4 milhões de toneladas enviadas para destinação ambientalmente adequada em 2022. Por outro lado, áreas de disposição inadequada, incluindo lixões, ainda seguem em operação em todas as regiões do país e receberam 39% do total de resíduos coletados, o que corresponde a 29,7 milhões de toneladas com destinação inadequada (Abrelpe, 2022).

A Cidade Estrutural é a Região Administrativa (RA) de menor renda do DF, que surgiu por volta de 1960, após a inauguração de Brasília. A área começou a ser habitada por meio da invasão de pessoas atraídas para trabalhar no Lixão da Estrutural. A partir do início da ocupação dessa área, surgiram os primeiros catadores de materiais recicláveis, o que desencadeou a construção de casas nas proximidades. O local passou por vários conflitos para a regularização, tendo em vista que isso poderia afetar o Parque Nacional de Brasília. Apresenta infraestrutura precária, e diversas ações foram realizadas com a tentativa de retirar a população do local. Em 2006, ocorreu a instalação da Vila Estrutural, por meio da Lei Complementar nº 715, que nomeou a área como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), estabelecendo os parâmetros urbanísticos com diretrizes para a redução dos impactos ambientais (Codeplan, 2018; PDAD, 2013). No ano de 2004, a Cidade Estrutural foi legalizada como Região Administrativa (RA) no Distrito Federal. Entretanto, ainda existem áreas irregulares dentro da Cidade, como Santa Luzia.

O Setor de Chácara Santa Luzia surgiu em 1996, situado às margens da Estrutural, e foi classificado como aglomerado subnormal ou favela, sendo considerado impróprio para moradia em razão da falta de acesso aos direitos básicos. Devido à ausência de serviços públicos, a população realiza ligações clandestinas de água e energia, além de utilizar fossas como forma de esgotamento sanitário (PDAD, 2013). Atualmente, cerca de 7 mil pessoas vivem em situação de pobreza extrema no local e são expostas à falta de saneamento, especialmente no que diz respeito ao acesso à água tratada e à coleta de lixo.

As internações por doenças de veiculação hídrica estão diretamente relacionadas às condições de falta de acesso a serviços, como saneamento básico, escolaridade e cobertura por atenção básica em saúde. Outro fator que contribui para a contaminação da água é a chuva, que, por meio de enchentes e inundações, é contaminada por depósitos de material tóxico e por estações de tratamentos, provocando doenças como leptospirose, cólera, entre outras (Paiva; Souza, 2018).

As doenças de veiculação hídrica (DVH) podem ser divididas em cinco grupos: *i*) Doenças diarreicas, constituídas pelas doenças feco-orais; *ii*) Verminoses; *iii*) Doenças da pele; *iv*) Doenças dos olhos; e *v*) Doenças transmitidas por meio do contato com a água (Heller, 1997; Costa *et al*., 2002; Cesa; Duarte, 2010, p. 63-78). A dengue também pode ser considerada uma doença de veiculação hídrica, dado que o vetor *Aedes aegypti* se reproduz em água parada e contamina o ser humano. Está diretamente associada à falta de saneamento básico e à coleta de lixo. Além da dengue, o referido mosquito pode transmitir a febre Chikungunya e o Zika, relacionada a casos de microcefalia em bebês. A dengue destaca-se como uma das mais importantes doenças virais reemergentes transmitidas por artrópodes.

No mundo, anualmente, a dengue infecta 390 milhões de pessoas nos 130 países onde é endêmica, podendo causar febre hemorrágica e óbito. Nas Américas, a dengue é a arbovirose que causa o maior número de casos, com epidemias ocorrendo ciclicamente a cada três e cinco anos, totalizando 3.110.442 casos notificados de arboviroses em 2022. Desses, 2.803.096 (90,1%) foram casos de dengue, 271.006 (8,7%) de Chikungunya e 36.340 (1,2%) de Zika (OPAS/OMS, 2023).

No Brasil, em 2022, ocorreram 1.450.270 casos prováveis de dengue (taxa de incidência de 679,9 casos por 100 mil habitantes). Em comparação com o ano anterior, houve um aumento de 162,5%. A Região Centro-Oeste apresentou a maior taxa de incidência de dengue, com 2.086,9 casos por 100 mil habitantes. Em relação aos casos prováveis, o Distrito Federal apresentou o maior número entre as cidades brasileiras, com 70.672 casos (2.282,9 casos por 100 mil habitantes) (Ministério da Saúde, 2023). Foram registrados 1.070 e 5.078 casos confirmados de dengue na Cidade Estrutural nos anos de 2021 e 2022, respectivamente, o que corresponde a um aumento de 251,6%.

O projeto de pesquisa, denominado *Zika, Dengue e Chikungunya: abordagem multissetorial para o desenvolvimento de soluções aplicáveis em saúde pública* é voltado para o enfrentamento das arboviroses na Cidade Estrutural. Desenvolvido em parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o projeto representa uma abordagem abrangente e integrada para lidar com os desafios relacionados às doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*, combinando pesquisa científica, participação comunitária e intervenções práticas em saúde pública. As atividades são voltadas para a educação, promoção da saúde e empoderamento da população. O objetivo principal do projeto é conhecer a percepção da comunidade da Cidade Estrutural (DF) em relação aos fatores de risco para as arboviroses e realizar ações de educação em saúde e meio ambiente para reduzir a incidência de dengue na região.

Metodologia

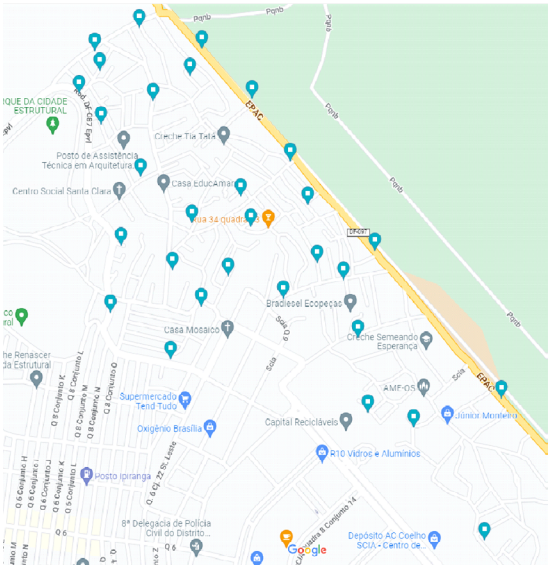
Utilizou-se como método a pesquisa-ação, realizando inicialmente entrevistas com os moradores locais para entender as demandas e analisar o conhecimento das pessoas sobre os fatores de risco, sintomas, tratamento e medidas de controle das arboviroses. Em seguida, realizaram-se oficinas de educação em saúde e ambiental para colaborar com o enfrentamento das DVH.

A Cidade Estrutural foi dividida em duas áreas: área A – sem saneamento (Santa Luzia) e área B – com saneamento (Cidade Estrutural). Para a realização das entrevistas, elaborou-se um roteiro, incluindo questões referentes a dados sociodemográficos, habitação, doenças e agravos à saúde, acesso à água, esgotamento sanitário e coleta de lixo.

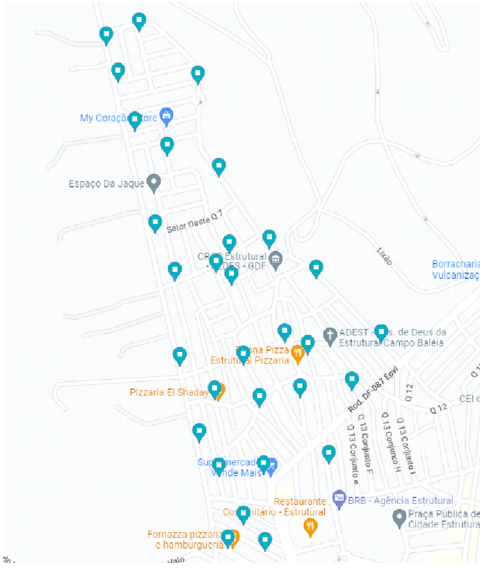
Inicialmente, foram realizadas rodas de conversa com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) locais para conhecer os desafios e as potencialidades na perspectiva da atenção primária. A equipe do projeto, composta por estudantes e docentes, participou do "Dia D de vacinação", que atendeu mais de 200 moradores. Nesse dia, foram realizadas entrevistas com a comunidade para conhecer a realidade local. Além das entrevistas, foram feitas rodas de conversa com lideranças locais, associações de moradores, 12 creches sociais da Santa Luzia, associação de mulheres, associações de catadores de materiais recicláveis e representantes de escolas públicas.

Posteriormente, foram realizadas visitas domiciliares na Cidade Estrutural, junto com os ACS, a fim de conhecer a prática desses profissionais e o território. Assim, foram sorteadas 60 casas (30 de cada área) para participarem das ações do projeto (figura 1).

Figura 1: Mapeamento das casas sorteadas para participarem do estudo



Casas selecionadas da área sem saneamento básico – Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)



Casas selecionadas da área com saneamento básico – Setor Oeste, Cidade Estrutural (DF)

Durante um ano, a equipe do projeto se deslocou da universidade para a Cidade Estrutural, a fim de realizar visitas domiciliares, com o objetivo de conhecer a realidade e os hábitos da comunidade, além de conversar com os moradores. Nessas visitas, as pessoas foram ouvidas em relação às principais dificuldades enfrentadas no acesso à água, esgoto, coleta de lixo e serviços básicos de saúde (figura 2). Além disso, foram realizadas ações de educação em saúde, tanto individuais quanto coletivas.

Figura 2: Diagnóstico situacional das condições de armazenamento de água da área sem saneamento

Armazenamento de água na área sem saneamento básico – Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)

Visitas na área sem saneamento básico – Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)

Resultados e discussão

O estudo foi realizado no período de janeiro de 2021 a março de 2022. Durante as entrevistas com os 60 moradores das casas selecionadas, observou-se que eles estavam cientes dos meios de transmissão da dengue. No entanto, os residentes de Santa Luzia, área sem saneamento, costumam armazenar água de forma inadequada e acumular lixo em suas residências, devido à falta de coleta.

Entrevistas e diagnóstico situacional

Por meio das visitas semanais, observou-se que o Setor de Chácaras Santa Luzia não dispõe de coleta seletiva porta a porta. Os moradores precisam levar os resíduos até pontos de entrega coletivos, conhecidos como “papa-lixo”. Dessa forma, foram entregues lixeiras de duas cores, com tampas, às famílias das casas selecionadas, para viabilizar a separação dos resíduos domésticos em lixo orgânico e recicláveis. Realizaram-se visitas semanais às residências, com orientações sobre ações de enfrentamento às doenças de veiculação hídrica e distribuição de sacos de lixo de cores diferentes, a fim de garantir a continuidade dos hábitos de separação e descarte correto dos resíduos.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília, sob o CAAE nº 70411223.5.0000.8093.

Atividades de educação em saúde e educação ambiental

Para esta etapa, participaram do planejamento os responsáveis por 15 creches de Santa Luzia. Foram realizadas reuniões para a discussão das atividades a serem desenvolvidas e o levantamento de demandas da comunidade. Salienta-se que instituições que atendem crianças são

de grande relevância para o estabelecimento de ações voltadas à educação em saúde e à mudança de hábitos de vida, pois mantêm parceria com as famílias como multiplicadoras de saberes.

Inicialmente, o projeto foi apresentado em reunião, com rodas de conversa, e, posteriormente, foi realizado o cadastramento dessas instituições para garantir o mapeamento das intervenções e estabelecer um novo cronograma de atividades. No diálogo realizado, os participantes demonstraram reconhecimento dos fatores de risco ambientais e sociais enfrentados pelas crianças e suas famílias.

As atividades de educação em saúde foram realizadas individualmente durante a entrega das caixas d'água, lixeiras e sacos de lixo, semanalmente. As atividades coletivas foram realizadas em 15 creches, envolvendo pais, crianças e professores, em Associações de Moradores com a comunidade e na Unidade Básica de Saúde da cidade. Folders com as principais informações foram distribuídos à população durante essas atividades. As pessoas se mostraram muito receptivas e interessadas em compartilhar conhecimento para mudar seus hábitos em prol da saúde (figura 3).

Figura 3: Rodas de conversa e oficinas com os moradores da Estrutural-DF

Oficinas participativas com a Associação de Moradores da Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)

Oficinas participativas com as coordenadoras de creches sociais em Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)

Em relação ao armazenamento de água, as famílias relataram que utilizam baldes sem tampa, pois a área de Santa Luzia não possui água encanada. Por isso, o projeto doou caixas d'água com tampa e realizou as orientações e visitas necessárias para monitorar o uso desses materiais. Além disso, as famílias também foram orientadas sobre o consumo de água filtrada, e 70 famílias receberam filtros de barro como doação, em parceria com o Rotary Club, para garantir o acesso à água de qualidade.

Ao todo, foram realizadas cinco oficinas coletivas de educação em saúde com enfoque na prevenção de doenças de veiculação hídrica. Foram abordadas as formas de contágio, os sintomas, os tratamentos e as formas de prevenção das doenças leptospirose, cólera, hepatite A e verminoses. Foi possível criar um espaço de diálogo franco e transparente entre a equipe do projeto e a comunidade. Os problemas foram evidenciados pelos moradores e, por meio da troca de saberes, buscou-se, em conjunto, soluções factíveis para o armazenamento de água e o acesso à água potável. Como a área possui entraves para a sua

regularização fundiária junto ao Distrito Federal, foi realizado um projeto para obtenção de filtros de água, a fim de minimizar esses impactos na saúde dessa população.

Estudos do livro *The drinking water book*, de Colin Ingram (2006), evidenciam a eficiência do filtro de barro na retenção de cloro, pesticidas, ferro, alumínio, chumbo e parasitas causadores de doenças, como a diarreia. Por meio de uma parceria internacional com o Rotary Club e a Workers Health Without Borders (WHWB), foi possível realizar a doação de 2.060 filtros de água para essa comunidade, juntamente com treinamentos sobre o uso adequado do filtro. A atividade de entrega de filtros contou com a participação de estudantes do PPD da UnB, do Instituto Federal de Brasília (campus Estrutural) e Rotary Club de Taguatinga.

Junto com a entrega, foram realizadas oficinas sobre o uso e a manutenção adequada dos filtros, além de orientações sobre higiene e cuidados pessoais, tendo em vista a vulnerabilidade dessa comunidade. Também foram doadas caixas d'água com tampa para todas as creches da área de Santa Luzia, que não contam com fornecimento de água devido à falta de regularização da área. O vídeo[6] pode ser acessado na nota de rodapé, assim como a reportagem.[7]

Devido ao contexto histórico da Cidade Estrutural, o projeto realizou, em 2020, uma importante ação no Complexo de Reciclagem, na qual participaram cerca de 300 catadores de materiais recicláveis. Na ação, foram realizadas rodas de conversa, com a apresentação de vídeos de curta duração sobre as principais doenças de veiculação hídrica e arboviroses, com o intuito de orientá-los sobre os meios de prevenção dessas doenças, identificar sinais e sintomas e acessar os serviços de saúde para tratamento adequado e oportuno.

Considerações finais

Ao envolver a comunidade acadêmica e, consequentemente, a comunidade local, o projeto demonstra como a universidade pode ser uma força motriz para mudanças positivas em seu entorno. A educação em saúde e ambiental é fundamental para conscientizar as pessoas sobre os impactos de seus hábitos e escolhas na sua saúde e bem-estar.

O diálogo com a população incluiu discussões sobre a atual conjuntura dos problemas ambientais e sociais, fomentando a realização de ações que estão ao alcance de todos, como o descarte correto de lixo e o armazenamento adequado de água, tornando cada ator corresponsável pela melhoria das condições sanitárias locais.

A execução do projeto contribui não apenas para a redução dos efeitos ambientais relacionados ao descarte de lixo e ao consumo de água, mas também promove um senso de responsabilidade coletiva e uma cultura de sustentabilidade nessa comunidade, que demanda empoderamento e organização social para lutar por seus direitos, relacionados à moradia, educação, saneamento básico e saúde.

[6] O vídeo pode ser acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=G9yY-kYGA9c.

[7] A reportagem está disponível em: https://www.gazetadetaguatinga.com.br/2021/11/20/rotary-club-de-taguatinga-realiza-4o-treinamento-de-familias-de-santa-luzia-na-estrutural/.

Os resultados evidenciaram que a comunidade foi extremamente participativa nas ações e confirmaram, a partir de seus depoimentos e visitas no local de moradia, as mudanças em seus hábitos em prol da saúde própria e de seus familiares. Essas descobertas e ações fornecerão novas alternativas de controle das arboviroses em áreas de risco e contribuirão para a continuidade das políticas públicas de saúde e serviços básicos a serem prestados às comunidades vulneráveis. Compreende-se a necessidade de monitoramento contínuo dessa comunidade, para que essas ações sejam inovadoras e baseadas nas demandas que visem ao empoderamento dessa população.

Referências

ABRELPE. *Panorama dos resíduos sólidos no Brasil*, 2022. Disponível em: https://abespb.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Panorama_Abrelpe_2022.pdf. Acesso em: 10 maio 2023.

ALMEIDA, L. S.; COTA, A. L. S.; RODRIGUES, D. F. Saneamento, arboviroses e determinantes ambientais: impactos na saúde urbana. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 10, p. 3857-3868, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/SYkNjBXG7JMCJxCjshr7sLB/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

BELLINGIERI, J. C. Água de beber: a filtração doméstica e a difusão do filtro de água. *Anais do Museu Paulista*, Universidade de São Paulo, v. 12, n. 12, p. 161-192, jun./dez. 2004.

CASSEMIRO, E. M.; ALVES, D. C.; MOURA, D. R. *et al*. Dengue and Chikungunya seroprevalence in waste pickers from the largest Latin American open-air dump. *Journal of Infection*, v. 83, n. 6, p. 709-737, dez. 2021.

CESA, M.; DUARTE, M. G. A qualidade do ambiente e as doenças de veiculação hídrica. *Geosul*, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 63-78, jan./jun. 2010. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2177-5230.2010v25n49p63. Acesso em: 9 jul. 2022.

CODEPLAN. *PDAD – Relatório SCIA/Estrutural*, 2018. Disponível em: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/SCIA-Estrutural.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

COSTA, A. M.; PONTES, C. A. A.; MELO, C. H.; LUCENA, R. C. B.; GONÇALVES, F. R.; GALINDO, E. F. Classificação de doenças relacionadas a um saneamento ambiental inadequado (DRSAI) e os Sistemas de Informações em Saúde no Brasil: possibilidades e limitações de análise epidemiológica em saúde ambiental. *In*: CONGRESO INTERAMERICANO DE INGENIERÍA SANITARIA Y AMBIENTAL, [n.], 2002, Cancún. *Anais [...]*. Cancún, 2002.

CRUVINEL, V. R. N.; MARQUES, C. P.; CARDOSO, V. *et al*. Condições de saúde e riscos ocupacionais em um novo grupo: catadores no maior depósito de lixo a céu aberto da América Latina. *BMC Saúde Pública*, v. 19, n. 1, p. 581, 2019. Disponível em: https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-019-6879-x. Acesso em: 28 abr. 2025.

CRUVINEL, V. R. N.; ZOLNIKOV, T. R.; OBARA, M. T. *et al*. Vector-borne diseases in waste pickers in Brasília, Brazil. *Waste Management*, v. 105, n. 15, p. 223-232, mar. 2020. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956053X2030057X. Acesso em: 28 abr. 2025.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. SERVIÇO DE LIMPEZA URBANA DO DISTRITO FEDERAL (SLU). *Plano de ação para correção da operação do lixão do Jóquei.* Brasília, 2015.

HELLER, L. *Saneamento e saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; Organização Mundial da Saúde, 1997.

ZOLNIKOV, T. R.; SILVA, C.; TUESTA, A. A.; MARQUES, C. P.; CRUVINEL, V. R. N. *Ineffective waste site closures in Brazil*: a systematic review on continuing health conditions and occupational hazards of waste collectors, 2018. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30455007/. Acesso em: 28 abr. 2025.

Capítulo 4

Reflexões sobre o contato de estudantes da área da saúde com a Língua Brasileira de Sinais

Celina da Conceição Simi[1]
Camila Giacomini Guimarães[2]
Ana Beatriz Pereira Araujo[3]
Raquel Leliz de Almeida Maito[4]
Isabella Monteiro de Castro Silva[5]

Introdução

A Libras (Língua Brasileira de Sinais), de acordo com o parágrafo único da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, constitui um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical específica, utilizado para a comunicação e expressão das comunidades de pessoas surdas do Brasil. Segundo essa lei, "as instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor", ou seja, as instituições devem disponibilizar profissionais capacitados para compreender e sinalizar em Libras, permitindo a comunicação do surdo por meio de sua própria língua e reduzindo as barreiras de comunicação dessa comunidade em prol da equidade no atendimento (Brasil, 2005).

[1] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Discente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[4] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[5] Docente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

Quando pensamos em saúde, a necessidade de quebra de barreiras de comunicação envolve qualidade de vida e a manutenção da saúde. Informações relevantes sobre diagnósticos, tratamentos e orientações de saúde dizem respeito à vida de seres humanos, e minimizar as barreiras de comunicação pode ser um fator de vida ou morte. O surdo não oralizado é uma minoria importante e, muitas vezes, no Brasil, tem seu atendimento recusado pela falta de preparação das instituições para atender essa população. O governo, infelizmente, não realiza fiscalizações frequentes nessas instituições, até mesmo devido à ausência de regulamentação para a punição nesses casos.

O ensino da Libras é preconizado pelo artigo 4° da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, em que

> o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação em Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), conforme a legislação vigente (Brasil, 2005).

A lei, portanto, reflete sobre a formação dos profissionais de educação que vão lidar com o surdo do ponto de vista pedagógico e visa permitir o acesso do surdo à educação em todos os níveis. Mas essa lei é suficiente?

Para refletir sobre essa realidade, podemos observar a própria Universidade de Brasília, especificamente o Campus Ceilândia, que contempla os alunos com seis cursos da área da saúde (Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional), dos quais apenas o curso de Fonoaudiologia tem Libras como disciplina obrigatória em seu currículo. No entanto, os alunos se questionam como os demais profissionais formados pela instituição serão capazes de oferecer atendimento em saúde adequado ao paciente surdo sem o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais. Como não é uma disciplina obrigatória para os demais cursos, poucos alunos, apesar do interesse, conseguem cursá-la.

O projeto *Libras – Ampliando o convívio social* envolve principalmente os estudantes dos cursos oferecidos no Campus Ceilândia da UnB, uma professora e coordenadora vinculada ao curso de Fonoaudiologia, juntamente com um professor voluntário surdo. O projeto desenvolve atividades de interação entre ouvintes e surdos no âmbito da extensão universitária. As atividades são desenvolvidas desde 2017, com encontros presenciais quinzenais na Faculdade de Ceilândia. Com o objetivo de estimular o contato dos participantes com a comunidade surda e incentivá-los a se interessarem mais pela cultura surda, são realizadas não apenas oficinas de aprendizagem, mas também rodas de conversa e divulgação de materiais multimídia em redes sociais.

O projeto: *Libras – Ampliando o convívio social*

As oficinas para a aprendizagem de sinais básicos são conduzidas pelos extensionistas do projeto, com o suporte dos professores coordenadores. Os participantes têm contato com o vocabulário básico e sinais relacionados à universidade e à área da saúde. Além da memorização, através da interpretação individual dos sinais, os participantes são estimulados a conversarem entre si, com dinâmicas de perguntas e respostas. A aprendizagem nesses encontros também se dá por meio da interpretação de músicas. As rodas de conversa são frequentemente enriquecidas com a participação dos convidados surdos. Os ouvintes são distribuídos em grupos, para melhor aproveitamento da interação, e orientados a conversar com os convidados utilizando o máximo de conceitos aprendidos até o momento, recorrendo ao alfabeto para os termos que desconhecem. Para praticar os conhecimentos adquiridos nas oficinas e proporcionar a contribuição daqueles que já possuem conhecimentos prévios, sempre foi utilizado grupo de estudos em rede social – mesmo meio usado para a divulgação dos materiais utilizados em sala. Em tempos de pandemia, o projeto não foi interrompido; mantiveram-se as rodas de conversa e aulas de sinais, distribuídas por temas, por meio de videoconferências e da produção de material para divulgação em redes sociais.

Além das atividades do semestre, o projeto sempre esteve presente nas ações de extensão, propondo momentos de convivência entre a comunidade surda e ouvinte, bem como reflexões sobre inclusão, capacitismo e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência durante a pandemia, de forma geral.

Interessados no projeto

A quantidade de interessados em participar como extensionistas ou como ouvintes no projeto supera-se a cada semestre. O primeiro encontro, realizado em 2017, contou com a participação de cerca de 280 alunos, inclusive estudantes de outro campus, sendo necessário realocá-los para um ambiente com mais espaço. A maioria dos estudantes era dos cursos de Fisioterapia (35%), Fonoaudiologia (21%) e Terapia Ocupacional (16%). Ao observar o questionário inicial, foi possível perceber que 73% dos participantes consideravam Libras "muito importante" para sua formação, enquanto os outros 27% a consideravam "importante". No entanto, apenas 22% já haviam tido contato e conseguido se comunicar com uma pessoa surda. Esse foi o dado com alteração mais significativa no questionário final do projeto, cujo valor subiu para 31%. Mesmo em 2021, o número de inscritos chegou a 192, envolvendo sempre alunos de vários cursos da área da saúde, principalmente Fonoaudiologia (28,6%), Fisioterapia (23,8%) e Enfermagem (21%).

O estudo de Bisol *et al.* (2010) aborda a temática e revela que muitos surdos são alfabetizados em escolas bilíngues, ou seja, têm a Língua Brasileira de Sinais como primeiro idioma, sendo o português ensinado como segunda língua. Contudo, o inverso não ocorre com os ouvintes. A entrada no ambiente universitário, composta por uma população majoritariamente ouvinte que não tem Libras como segunda língua, gera desafios de convívio para ambos.

Em relação às expectativas dos extensionistas, alguns relatos transcritos abaixo confirmam o interesse em aprender a língua e a preocupação com o atendimento de pessoas surdas após a formação. Isso é importante, pois facilita a compreensão de que, ainda que se comuniquem em línguas diferentes, são os ouvintes que têm maior possibilidade de aprender a se comunicar com a pessoa surda.

O que você espera do projeto?

A. "Espero aprender pelo menos o básico da Língua Brasileira de Sinais para, no futuro, atuar melhor na área da saúde ao atender pessoas com deficiência auditiva."
B. "Aprender a Língua Brasileira de Sinais para melhor aproveitamento na minha vida acadêmica e profissional, além de trabalhar com pessoas que têm essa dificuldade, para compreender melhor o paciente e não depender de terceiros. Por isso, o projeto é de extrema importância."
C. "Espero adquirir vocabulário básico e confiança para conseguir me comunicar eficientemente com pessoas surdas."
D. "Sempre tive muito interesse pelo assunto. Pretendo realizar esse desejo e, além disso, realmente fazer a diferença com esse conhecimento, ajudando e ampliando as possibilidades existentes no convívio social."
E. "Ser capaz de me comunicar com todo e qualquer tipo de paciente ou cliente que necessite dos meus atendimentos como Terapeuta Ocupacional, após minha formação."

Ao final, os participantes também são convidados a relatar sua percepção do que foi desenvolvido no projeto. Dessa forma, é possível perceber a importância da continuidade das ações realizadas para disseminar a sensibilização quanto às dificuldades enfrentadas pelas pessoas surdas, como nos mostram os relatos a seguir.

O que você achou do projeto?

A. "O projeto foi muito bom, não somente para aprender Libras, mas também para estar mais consciente sobre as dificuldades da nossa sociedade em relação às pessoas surdas e mudas."
B. "Muito importante, pois pouco se fala sobre isso dentro da universidade e, como profissionais da saúde, temos o dever de saber nos comunicar."
C. "O projeto foi – e é – maravilhoso e essencial para alunos em geral, mas, em especial, para a área da saúde. Sugestão: que se torne uma disciplina obrigatória para todos os cursos da FCE."
D. "O projeto foi muito enriquecedor para a minha formação, uma vez que possibilitou o contato com uma realidade que ainda é ignorada."

E. “O projeto é excelente. Hoje consigo me comunicar melhor com meu cunhado, que é surdo.”

Considerações finais

A possibilidade de aprender sobre a temática foi muito bem recebida pela comunidade acadêmica, não só pelo número de participantes, mas também pelos relatos feitos ao final da experiência, ao longo dos semestres de execução do projeto. A metodologia utilizada para facilitar o contato com a Língua Brasileira de Sinais, apoiada em atividades diversas, produziu bons resultados na aprendizagem básica, conforme relato dos próprios participantes. Além disso, a motivação pessoal mostrou-se bastante satisfatória ao longo do projeto, abrindo espaço para discutir que a falta de oferta de atividades voltadas para a área talvez seja a principal limitação para que os estudantes tenham contato com a Libras.

A grande demanda do projeto evidencia a carência na formação dos alunos das carreiras da saúde. A maior oferta de disciplinas básicas e a abertura de novos espaços de convivência entre surdos e ouvintes enriqueceriam a formação de profissionais de saúde mais envolvidos com políticas inclusivas, para além do atendimento às demandas relativas à formação do profissional apontadas por normativas superiores.

A experiência de oito semestres do projeto demonstra bons resultados, segundo a perspectiva da maioria dos estudantes do Campus Ceilândia. Ela contribui para um serviço de saúde com um olhar diferenciado, capaz de romper com barreiras de comunicação, além de permitir uma reflexão sobre a visão real da necessidade do ensino de Libras e a importância de seu estudo, conforme a opinião dos estudantes do ensino superior.

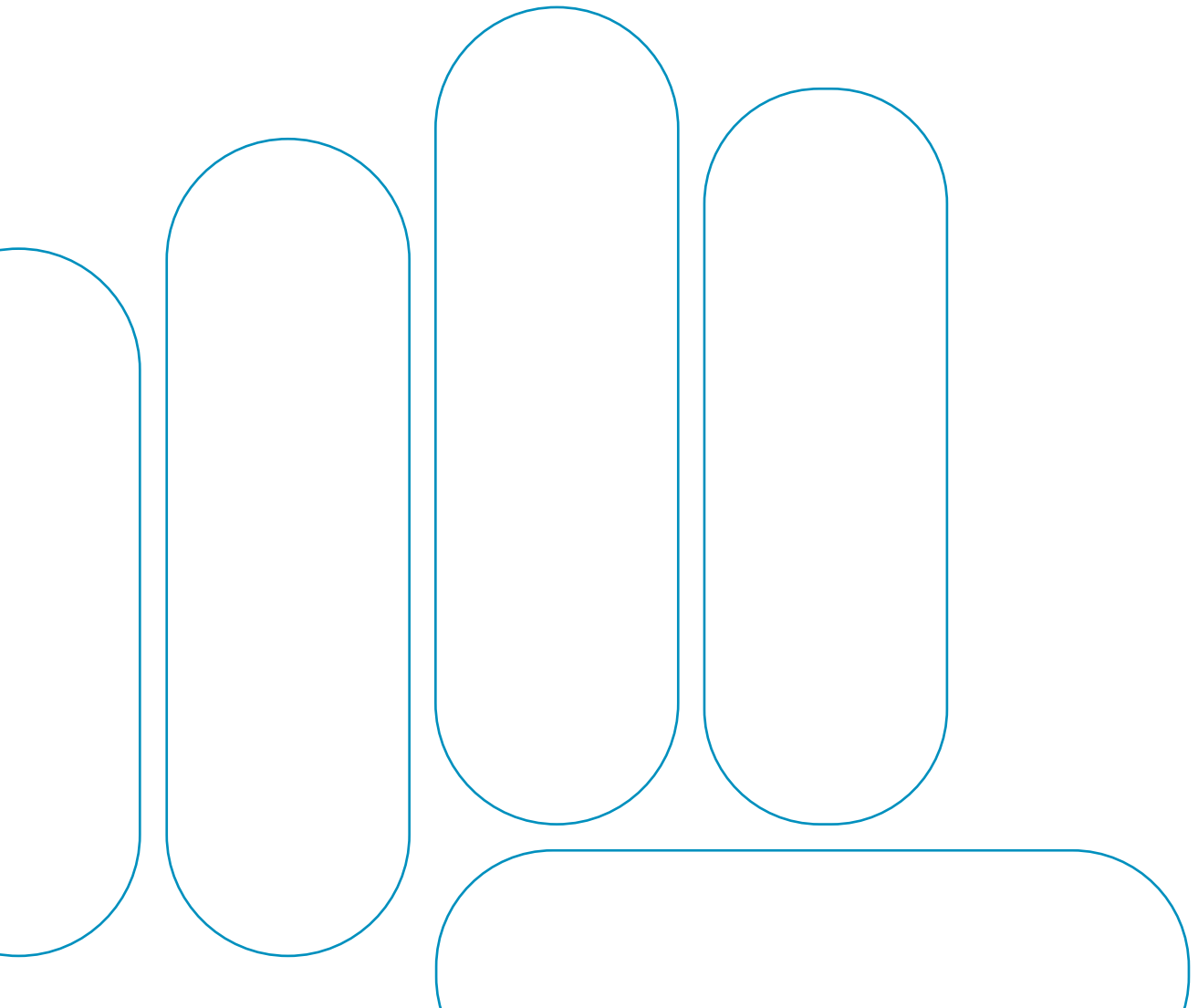
Referências

BISOL, Cláudia; VALENTINI, Carla; SIMIONI, Janaína; ZANCHIN, Jaqueline. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. Tradução: Robert Dinham. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 139, p. 147-172, abr. 2010.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, 2005.

Seção II.

Relatos de experiência em tempos de pandemia da covid-19



Capítulo 5

Dinâmica social e educacional: a Universidade do Envelhecer – (UniSER/UnB) em ação

Margô Gomes de Oliveira Karnikowski[1]
Kerolyn Ramos Garcia[2]
Leonardo Costa Pereira[3]
José Alberto Gomes de Oliveira Karnikowski[4]
Camila Alves Areda[5]
Eliana Fortes Gris[6]

Introdução

Uma das maiores conquistas culturais de um povo, em seu processo de humanização, é o envelhecimento de sua população. Nesse contexto, o envelhecimento populacional já é uma realidade no Brasil e no mundo, sendo que, no Distrito Federal, há aproximadamente

[1] Docente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB e integrante da coordenação do Programa UniSER/UnB.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Universidade de Brasília.

[3] Presidente do Instituto de Educação e Envelhecimento Humano (CIEEH).

[4] Professor colaborador do Programa UniSER/UnB.

[5] Docente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB e integrante da coordenação do Programa UniSER/UnB.

[6] Docente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB e integrante da coordenação do Programa UniSER/UnB. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Universidade de Brasília.

326 mil pessoas idosas, o que corresponde a 12,8% da população total residente nesse local (IBGE, 2015).

Desde a sua concepção, a UniSER/UnB enfrenta um cenário social marcado pela dificuldade de acesso das pessoas idosas à educação (Veras, 2009, p. 548-554), somado ao fato de que envelhecer no país é algo relativamente novo. Isso resulta em uma atitude recorrente de ignorar essa população, especialmente no que diz respeito às suas contribuições sociais e necessidades. Assim, em meio aos avanços que proporcionaram o crescente envelhecimento da população brasileira, permanecem, muitas vezes invisíveis, as dificuldades decorrentes dessa nova realidade, em uma sociedade que ainda estigmatiza e nega a velhice e suas especificidades. Desse modo, revela-se a importância da participação dos próprios idosos na construção de um mundo para todas as idades, com características mais equânimes e fraternas.

Foi nesse cenário que, em 2015, na Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília (FCE), foi criado o Programa de Extensão Educacional *Universidade do Envelhecer* (UniSER/UnB).

UniSER: quem somos e de onde viemos?

A UniSER/UnB tem como objetivo fomentar ações integradoras, de modo a ampliar as capacidades e habilidades na vida adulta e na velhice da comunidade. Visa à adoção de comportamentos que estimulem a cidadania, o empoderamento e o desenvolvimento humano e social de seus partícipes, com uma abordagem intergeracional.

As origens ideológicas e conceituais do programa UniSER/UnB resultam da união de pesquisadores, estudantes de graduação e Pós-Graduação e instituições envolvidas com o envelhecimento humano, que acreditam no potencial de uma tecnologia social inovadora e desafiadora no contexto universitário.

A UniSER/UnB teve sua primeira centelha de oportunidade a partir de uma transferência de tecnologia iniciada em 2014, firmada com a Universidade Federal do Tocantins (UFT), onde é desenvolvido o projeto *Universidade da Maturidade* (UMA). Com base na experiência vivenciada há mais de 10 anos em Tocantins e na parceria entre a UnB e a UFT, estabelecida por meio das coordenações dos projetos, foi proposta a criação da Universidade da Maturidade do Distrito Federal da Universidade de Brasília (UMA-DF/UnB), primeira denominação da UniSER/UnB, com uma turma de 100 alunos.

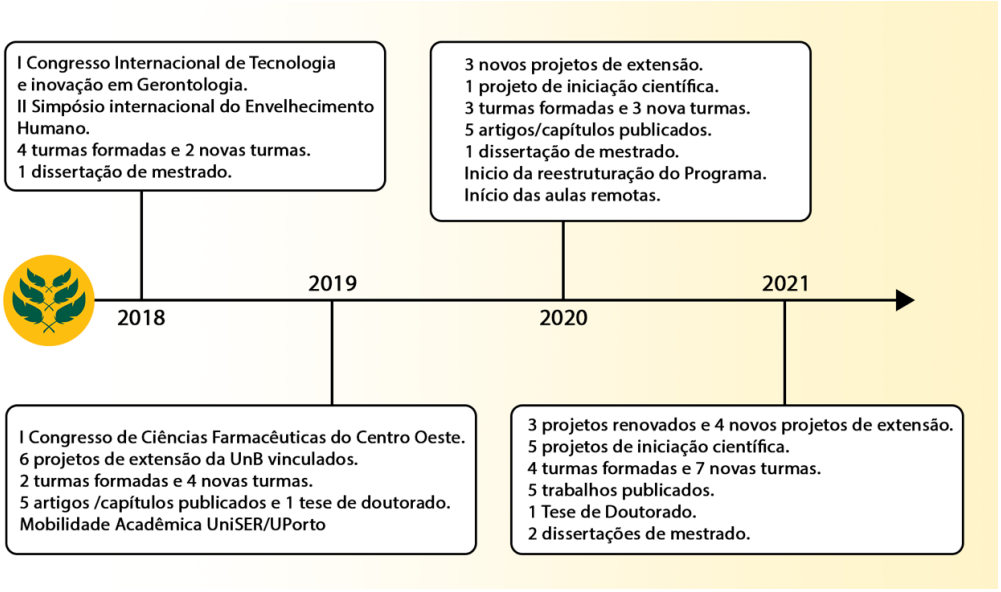
Contudo, a UMA-DF/UnB apresentava aspectos que iam além de um projeto de extensão. Um desses aspectos – a certificação da comunidade envolvida no projeto e a alteração da carga horária de 720h para 810h – foi a motivação para cadastrar oficialmente as ações educativas como curso de extensão, denominado *Educador político social em Gerontologia*. Além disso, três outros projetos se uniram às atividades desenvolvidas, ampliando as ações, o que instigou o lançamento oficial do programa UniSER/UnB, no fim de 2015 (Garcia, 2017).

Desde sua criação até os dias de hoje, o programa UniSER/UnB desenvolve atividades de extensão, ensino e pesquisa, intensificando suas ações a partir de 2018 (figura 1). Todas

essas atividades encontram-se ancoradas nas inúmeras alternativas de contribuições para o desenvolvimento humano e social ao longo da vida, bem como na indissociabilidade do tripé universitário. No curso de *Educador político social em Gerontologia*, até 2021, já foram certificados 495 adultos e idosos residentes em 10 regiões administrativas, totalizando 14 turmas.

O programa dá seguimento ao caráter estruturante e integrador de iniciativas exitosas que vêm sendo realizadas ao longo dos anos, por meio da identificação e do apoio ao desenvolvimento de potencialidades. Encontra-se instaurado nas comunidades de Ceilândia, Riacho Fundo, Candangolândia, Asa Norte, Taguatinga, Estrutural e Samambaia, com expansão, em 2021, para Planaltina, Gama e Asa Sul. Cabe ressaltar que a ampliação do programa para as demais regiões do Distrito Federal é uma meta de grande relevância, dando continuidade ao trabalho iniciado pelo grupo propositor desta ideia. Trata-se de uma meta respaldada no processo de construção de ações sustentáveis, capazes de otimizar as atividades de promoção de saúde já existentes *in loco*, bem como de fomentar a construção coletiva de ações criativas, a serem pensadas e executadas a partir da aproximação entre a comunidade e os diferentes atores partícipes do programa.

Figura 1: Linha do tempo atividades UniSER/UnB (2018-2021)



Neste sentido, a UniSER/UnB realizou eventos de integração com a comunidade, tais como feijoadas comemorativas, festas juninas, confraternizações de Natal, jantares comemorativos de conclusão de curso, visitas técnicas a pontos turísticos de Brasília, audiências públicas na Câmara Federal sobre envelhecimento, aulas magnas, entre muitos outros. Com a impossibilidade de realização de eventos presenciais em decorrência da pandemia, foram mantidos: a campanha de Natal on-line – Novo Natal; encontros virtuais no Dia da Mulher; audiência pública sobre saúde mental; comemoração ao Dia Internacional do Idoso, etc. Cabe ressaltar que, durante a campanha Novo Natal, a UniSER/UnB realizou

treinamento e testagem do uso de metodologia ágil para a gestão da campanha e para o ambiente educacional, com abordagem pelo método Scrum (Sutherland, 2016).

As ações da UniSER/UnB vêm sendo divulgadas com frequência pela mídia televisiva e jornalística, bem como pelas redes sociais, podendo ser conferidas no site do programa,[7] na aba "Notícias". O programa recebeu o carinho e o reconhecimento da sociedade brasiliense pelo trabalho desenvolvido, o que resultou em premiações ao programa e a seus colaboradores, como a Ordem do Mérito Bombeiro Militar do Distrito Federal "Imperador Dom Pedro II", no grau de "Oficial", pelos relevantes serviços prestados no Distrito Federal, e a Moção de Louvor, concedida pela Câmara Legislativa do Distrito Federal, pela valorização e promoção de ações com foco na inclusão social da pessoa idosa.

Mudanças no curso da vida: a UniSER/UnB em movimento

A pandemia da covid-19, que confinou o mundo a partir do final de 2019, revela a concepção essencialmente dinâmica da vida e interfere radicalmente no fazer da educação na UniSER/UnB. O isolamento social, principal forma de contenção da infecção viral, impediu o programa de continuar as aulas com atividades presenciais no curso de *Educador político e social em Gerontologi*a e no âmbito dos projetos de extensão. As incertezas sobre o vírus SARS-CoV-2, sua etiologia e o tratamento da doença, acrescidas pelas mortes – especialmente entre a população idosa –, fizeram com que o mundo experienciasse a vulnerabilidade da existência humana, as limitações e a importância da ciência, estimulando profundas reflexões sobre a necessidade de transformação social.

Em resposta ao chamado dos idosos, que solicitaram o retorno às aulas, a equipe UniSER/UnB uniu esforços e, em atitude solidária, enfrentou o desafio de lançar o *Projeto Ação*. A iniciativa consolidava a oferta de minicursos ao vivo, interativos e em formato virtual, bem como o treinamento dos idosos para o uso de plataformas virtuais de interação e comunicação (em especial o Google Meet, YouTube, Facebook, WhatsApp e Instagram). A partir de então, em meados de 2020, a UniSER/UnB mudou sua estrutura pedagógica para o cenário virtual, oferecendo treinamento para o uso da plataforma Google Meet a seus docentes, colaboradores e estudantes, além de promover a readaptação de sua estrutura organizacional.

Assim, o uso das tecnologias digitais como ferramenta de educação e comunicação eclodiu, fazendo com que o campo educacional na UniSER/UnB se tornasse prioritariamente virtual. O cenário impunha dificuldades ao modelo remoto de ensino, especialmente devido à baixa literacia digital da população idosa, à limitação dos equipamentos tecnológicos disponíveis, às constantes e angustiantes notícias sobre a evolução da covid-19 no mundo e à perda de familiares e colaboradores do programa.

As inovações tecnológicas proporcionaram maior poder de inclusão digital pela acessibilidade, reverberando em tecnologia comunicacional, que permitiu a UniSER/UnB, por intermédio

[7] O site do programa pode ser acessado em: www.uniserunb.br.

de redes de interação, exercer flexibilidade e capacidade de adaptação em um processo complexo e revolucionário de se fazer educação para idosos. Nesse cenário, a UniSER/UnB retomou as aulas para quatro turmas – Ceilândia, Candangolândia, Taguatinga e Estrutural – com os alunos que aceitaram a troca da modalidade presencial para a remota. As turmas da Asa Norte, Samambaia e Guará, cujo edital de seleção foi concluído em abril do mesmo ano, iniciaram suas atividades no segundo semestre de 2020 com o curso totalmente na modalidade remota.

Em 2021, tivemos a conclusão do curso das turmas de Taguatinga, Ceilândia e Candangolândia, com evento de certificação on-line, mantendo a tradição de formação de mesa com a participação da Reitoria da UnB, do Decanato de Extensão e da Direção da Faculdade de Ceilândia. Como ocorre todos os anos, a Campanha de Natal da UniSER/UnB não poderia deixar de atender às creches e casas de longa permanência para idosos. Em meio à pandemia, lançamos a campanha de arrecadação de brinquedos on-line na UniSER/UnB, e 600 crianças foram presenteadas. No evento, todo o rigor sanitário foi mantido.

Os avanços e a disseminação do uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na UniSER/UnB descortinaram novas perspectivas para a educação ao longo da vida, com suporte em ambientes digitais de aprendizagem acessados via internet, que possibilitaram tanto a aprendizagem quanto a interação.

Assim, as atividades remotas de ensino e aprendizagem, bem como o acesso dos idosos ao mundo digital – ocorridos de forma acelerada – revelam um novo cenário. Mais uma vez, o protagonismo dessas gerações em desvendar as transições tecnológicas lapida a história por meio da educação.

Do presente ao futuro

A UniSER/UnB tem trabalhado para a ampliação de seus projetos e ações. Atualmente, o programa é constituído por sete projetos de extensão e um curso, todos direcionados à Gerontologia (figura 2). Em seu planejamento estratégico, consta que, em 2022, nove projetos estarão em execução, com a oferta de mais três cursos de extensão e atualização para extensionistas, docentes, colaboradores e comunidade. Além dos projetos descritos na figura a seguir, dois novos projetos estão previstos: o projeto *Internacionaliza* e o projeto *Educa UniSER*, ambos com o objetivo de ampliar a participação interna e externa do programa UniSER/UnB no âmbito educacional.

Figura 2: Projetos do programa UniSER/UnB

Legenda: Estrela – projetos que desenvolvem ações de extensão; Círculo – projetos que desenvolvem ações de ensino (como cursos de extensão, atualização ou colaboração em disciplinas de graduação e Pós-Graduação); Triângulo – projetos que desenvolvem ações de pesquisa (PIBIC, mestrados, doutorados e/ou pós-docs)

O curso de extensão *Educador político social em Gerontologia* é o cerne do programa, no qual os adultos e idosos participantes o cumprem integralmente para que possam obter certificado. Vários benefícios têm sido evidenciados, em especial a capacitação regular, com uma estrutura curricular específica para dar voz e vez aos que envelhecem, desmistificando a velhice como sinônimo de decadência física, mental e social, de modo a contribuir para a intergeracionalidade.

Enquanto programa de extensão, a UniSER/UnB possui a estrutura basilar do tripé universitário – ensino, pesquisa e extensão –, conforme explicitado na figura 3. Dessa forma, no âmbito do programa, são desenvolvidas atividades de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutoramento (Barbosa, 2017; Bento, 2021; Bouchardet, 2021; Garcia, 2018; Garcia, 2017; Gerlack, 2016; Lima, 2018; Oliveira, 2021; Pereira, 2019; Salgado, 2015; Souza, 2020). Além dos projetos de extensão, temos 11 pesquisas em andamento, cursos de atualização e de extensão, disciplinas ofertadas em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde – PGCTS (Envelhecimento e Saúde) e com o curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia (pesquisa em Gerontologia). Os resultados obtidos pelos estudos científicos realizados reverberam na qualificação do fazer na extensão, beneficiando diretamente os idosos.

O programa atuou nas regiões administrativas citadas e ampliou suas ações também em nível nacional e internacional, por meio de parcerias com a Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a 2 em 1 Consultoria, a Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa (SNDPI) do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, o Instituto Federal de Brasília (IFB), o Instituto de Educação e Envelhecimento Humano (IEEH), o Conselho Regional de Farmácia do Distrito Federal (CRF-DF), o Centro Universitário Unieuro, a Universidade do Porto (UPorto – Portugal), a Porto4Ageing (Portugal), a Rede Internacional das Universidades Abertas da Terceira Idade (RUTIS – Europa), a 4Humanz (4HZ – Portugal), dentre outras. O teor dessas parcerias está representado na figura 3.

Figura 3: Rede de parcerias nacionais e internacionais do programa UniSER/UnB

Internacionalização

A globalização e a diversidade cultural e linguística trouxeram novos e maiores desafios à educação e, por conseguinte, às universidades, no que concerne à adaptação do ensino-aprendizagem, à socialização e ao desenvolvimento de competências multiculturais.

Desde a criação do Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES), em 1999, pela União Europeia, passando pela assinatura da Declaração de Bolonha e por tantos outros acordos, observa-se um esforço para convergir os sistemas de ensino, conferindo-lhes maior coerência. Esse processo visa facilitar a mobilidade de estudantes e da comunidade acadêmica,

tornando o ensino superior mais inclusivo, acessível e atrativo em nível mundial (European, 2021). Nesse cenário, surgiu a iniciativa de impulsionar a dimensão internacional da educação – em especial da educação superior – e, de modo axiomático, na América Latina, incluindo o Brasil (Castro *et al.*, 2017, p. 256-279; Garcia *et al.*, 2019, p. 132-138; Mota; Monteiro, 2018, p. 53-63). No entanto, todas essas iniciativas não deixaram claro como se efetivariam o intercâmbio cultural e científico, bem como a mobilidade acadêmica para além da graduação e da pesquisa, entre os países europeus e o Brasil.

Assim, a UniSER/UnB encontra-se, mais uma vez, a implementar inovação, agora envolvendo diretamente a extensão, por intermédio de uma sólida estratégia de internacionalização. O processo de internacionalização da UniSER/UnB teve início em 2016, com a organização de eventos científicos internacionais. Dentre estes, ressalta-se o I Simpósio Internacional do Envelhecimento Humano (SIEH), promovido em 2016, que se ampliou em 2018 com a realização do Congresso Internacional de Tecnologia e Inovação em Gerontologia (CITIG) e o II SIEH, todos realizados em Brasília. Estes últimos contaram com a participação de mais de mil pessoas da comunidade acadêmica nacional e internacional, além de idosos de diferentes localidades brasileiras. Assim, com a contribuição de diversos pesquisadores nacionais e internacionais, os trabalhos aprovados foram publicados na revista *Kairós Gerontologia* (v. 21, número especial 24 – CITIG, 2018).

Apostando na criação de uma rede de parcerias com Universidades Europeias e Mundiais, a UniSER/UnB estabeleceu cooperação com a Universidade do Porto, para mobilidade acadêmica que segue em fortalecimento, com doutoramentos e pós-doutoramentos em andamento, realização de visitas técnicas para aprimoramento das atividades de pesquisa e extensão em Gerontologia, dentre outras atividades. Junto ao Consórcio Porto4Ageing, a UniSER/UnB participou dos projetos SACHI 2, com análise de dados coletados e produção científica das atividades intergeracionais do projeto, bem como no *Projeto Transnacional ICTskills4All*, que envolve partícipes da Letônia, Portugal, Reino Unido, Bélgica e Polônia no desenvolvimento de atividades educacionais para uso de tecnologias digitais na população de 55 anos ou mais, além de produção de material pedagógico e científico (Garcia *et al.*, 2021, p. 196-206; Midão *et al.*, 2020, p. 31-45).

Com esse mesmo intuito, a UniSER/UnB aliou-se a empresas que atuam no âmbito do envelhecimento ativo e saudável, com o objetivo de alavancar a mobilidade acadêmica de docentes, estudantes de graduação e Pós-Graduação, além de pessoas idosas, por intermédio da participação ativa em projetos transnacionais. Para exemplificar, cita-se a participação de empresas europeias de consultoria e investigação, que atuam nas áreas de saúde, educação e tecnologia, com foco em Gerontologia, constituindo-se em importante catalisador da internacionalização da UniSER/UnB, em especial no que se refere a mobilidade acadêmica.

As vantagens da mobilidade e da consequente cooperação no ensino são variadas, tanto para os estudantes quanto para as instituições em si. Destacam-se a capacidade de trabalhar em equipe, a percepção ampliada sobre a pretensão de vida profissional, a empregabilidade e o reforço de competências específicas. Ainda, estudos apontam que universidades que

atuam em projetos de cooperação transnacionais tendem a estar melhor preparadas para a transformação digital, bem como a contribuir para a inclusão social e para a luta contra a discriminação, de qualquer natureza, no ensino superior (European, 2021).

As parcerias com a Universidade do Porto para mobilidade acadêmica foram estabelecidas e seguem em fortalecimento, com doutoramentos e pós-doutoramentos em andamento, realização de visitas técnicas para o aprimoramento das atividades de pesquisa e extensão, entre outras ações.

Considerações finais

Destaca-se a proposição da UniSER/UnB em contribuir para o despertar de um "novo velho", alicerçado na valorização do ser, do aprender e do ensinar, priorizando a convivência, o aprendizado e a integração entre a comunidade acadêmica e os idosos inseridos no âmbito do programa.

Portanto, fomentar ações que visem à aproximação entre estudantes de graduação, Pós-Graduação e a comunidade inserida no contexto do programa – por meio de temas relacionados ao processo de envelhecimento e de práticas de educação e promoção da saúde voltadas à maturidade – ressalta o princípio integrador e inclusivo da UniSER/UnB, que fomenta a formação crítico-social, ética e cidadã tanto da comunidade universitária quanto da comunidade externa, a partir de ações especialmente de caráter extensionista, mas que também contemplam a pesquisa e o ensino, enquanto sustentações que caminham de mãos dadas. Além disso, a proposta aborda veemente a intergeracionalidade, visando à construção de uma sociedade mais sensível às necessidades do outro e de uma universidade mais próxima das questões da comunidade.

Assim, o programa UniSER/UnB trabalha pela melhoria das condições de vida da população idosa, visando equacionar diferentes interesses relacionados à saúde, educação, cultura, intergeracionalidade, bem como direitos e políticas públicas. Esta iniciativa, que se iniciou na Faculdade de Ceilândia, está, hoje, inserida no cenário nacional e internacional, ampliando as possibilidades e o acesso às inovações e tecnologias que possam contribuir para uma velhice digna e ativa.

Agradecimentos

A UniSER/UnB agradece a todos os seus estudantes e egressos, à equipe de professores, extensionistas e colaboradores, e aos parceiros e financiadores por tornarem o envelhecer um ato de amor.

Referências

BARBOSA, J. *O perfil dos idosos usuários de drogas atendidos nos Centros de Atenção Psicossocial álcool e drogas no Distrito Federal*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ceilândia, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BENTO, A. P. *Medicamentos não constantes no consenso brasileiro de medicamentos potencialmente inapropriados para idosos versão 2016 frente as listas internacionais*. 2021. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ceilândia, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

BOUCHARDET, P. C. P. *A significação da intergeracionalidade sobre a influência dos avós nos hábitos alimentares dos netos*. Universidade de Brasília, 2021.

CASTRO, S. *et al*. A política de cotas sociais para o acesso ao ensino superior: o caso das universidades federais mineiras. *Revista Gestão Universitária na América Latina*, v. 10, n. 1, p. 256–279, 2017.

EUROPEAN, U. *The Bologna Process and the European Higher Education Area*. Disponível em: https://education.ec.europa.eu/education-levels/higher-education/inclusive-and-connected-higher-education/bologna-process. Acesso em: 14 out. 2021.

GARCIA, A. L. *Avaliação do uso de medicamentos entre os participantes da Universidade do Envelhecer (UniSER) – Brasília/DF*. Universidade de Brasília, 2018.

GARCIA, K. R. *Aspectos avaliativos de um programa de extensão educacional para a maturidade*. Universidade de Brasília, 2017.

GARCIA, K. R. et al. Improving the digital skills of older adults in a covid-19 pandemic environment. Educational Gerontology, v. 47, n. 5, p. 196–206, 2021.

GARCIA, K. R. et al. Inserção de pessoas na maturidade na educação superior. Revista de Divulgação Científica Sena Aires, v. 8, n. 2, p. 132–138, 2019.

GERLACK, L. F. *Acesso e uso racional de medicamentos na atenção primária* à saúde. 2016. 116 f. Tese (Doutorado em Ciências e Tecnologia em Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2014*. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, v. 41, 2015.

LIMA, J. *A relação do Estado com os Centros de Convivência de Idosos no Distrito Federal*. Universidade de Brasília, 2018.

MIDÃO, L. *et al*. Computer Skills Among the Community – Dwelling 55 + European Population Based on Survey of Health, Ageing, and Retirement in Europe. *International Journal of Digital Literacy and Digital Competence*, v. 11, n. 1, p. 31–45, 2020.

MOTA, M. E.; MONTEIRO, J. H. Políticas públicas educacionais para o idoso no Estado do Ceará. *Revista Docentes*, v. 3, n. 7, p. 53-63, 2018.

OLIVEIRA, A. *Acesso físico ao serviço primário de saúde*: fator de condição da mobilidade dos idosos no DF. Universidade de Brasília, 2021.

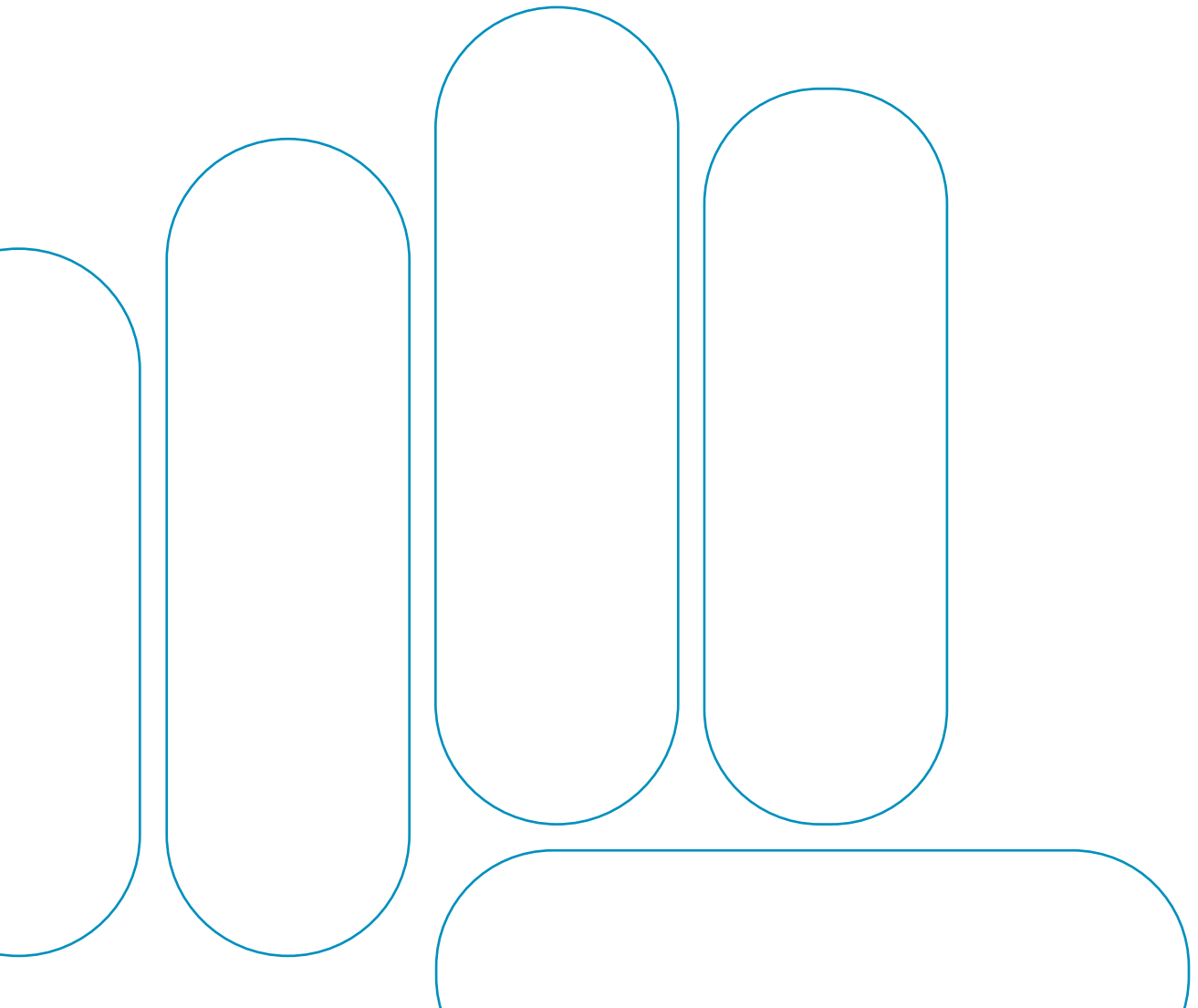
PEREIRA, L. C. *A influência dos Genes Promotores da NOS3 e ACTN3 sobre a força relativa de preensão palmar em idosos remanescentes quilombolas*. Universidade de Brasília, 2019.

SALGADO, F. X. C. *Acesso a medicamentos para hipertensão arterial sistêmica em Ceilândia*: componente da promoção do uso racional de medicamentos. Universidade de Brasília, 2015.

SOUZA, M. *Ambiente escolar para maturidade*: estudo, análise e recomendações para as salas de aula. Universidade de Brasília, 2020.

SUTHERLAND, J. *Scrum*: a arte de fazer o dobro do trabalho em metade do tempo. 1. ed. Portugal: Editora LeYa, 2016.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Revista de Saúde Pública*, v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009.



Capítulo 6

Educação em saúde sobre plantas medicinais utilizando as mídias sociais

Nathália Kathleen Leite da Silva[1]
Christopher William Fagg[2]
Janaina Meirelles Sousa[3]
Paula Melo Martins[4]

Introdução

Projeto Horto

O *Projeto Horto* de plantas medicinais, aromáticas e condimentares da FCE é um projeto de extensão desenvolvido na Faculdade de Ceilândia (FCE) da Universidade de Brasília. As ações vêm sendo realizadas desde 2011, com o objetivo primordial de atender à demanda por material didático das disciplinas de Farmacobotânica aplicada à Farmácia, Farmacognosia e Fitoterapia.

Atualmente, o *Horto* conta com um espaço físico de 1.500 m^2, onde são cultivadas 69 espécies, sendo 38 exóticas e 31 nativas do Brasil, provenientes de diferentes biomas. Nesse espaço, são desenvolvidas ações de educação em saúde sobre o uso racional das plantas medicinais, práticas integrativas em saúde, cursos de cultivo e colheita de plantas medicinais, entre outras atividades.

[1] Discente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Docente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Docente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[4] Docente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

Como o projeto tem uma abordagem interdisciplinar na utilização das plantas medicinais e seus derivados – seja na promoção da saúde, na prevenção ou no tratamento de doenças –, algumas espécies brasileiras e exóticas são utilizadas na medicina ayurvédica, antroposófica, na fitoterapia popular ou são descritas nos compêndios oficiais: *Memento Fitoterápico* (Brasil, 2016. 115 p.); *Relação nacional de medicamentos essenciais* (Brasil, 2020); *Formulário de Fitoterápicos* (Brasil, 2021. 223 p.).

O projeto trabalha na perspectiva da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, uma vez que, por meio da extensão, são sinalizadas iniciativas de pesquisa, movidas pelo interesse dos próprios alunos, que vislumbram diferentes situações-problema.

Atualmente, participam do projeto alunos de cursos da área da saúde, como Farmácia, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, da Faculdade de Ceilândia e de outros campi. O projeto conta também com alunos de outras áreas do conhecimento, como as Ciências da Terra, representados pelos cursos de Agronomia e Engenharia Florestal. A formação dos professores atuantes no projeto inclui Farmácia, Biologia e Enfermagem.

Os temas envolvendo cultivo, colheita, processamento, extração, secagem, produção de exsicatas e de droga vegetal, preparados caseiros e tecnológicos, posologia dos chás, assim como as terapias externas com o uso de plantas medicinais, são estudados por todos os participantes, com o intuito de democratizar o conhecimento técnico.

Os trabalhos realizados com a comunidade – no caso, as Unidades Básicas de Saúde (UBS) adstritas à Faculdade – são desenvolvidos em conjunto com a equipe de profissionais de saúde e agentes comunitários de saúde.

Com a pandemia, a interação com a comunidade passou a ser realizada de forma virtual, utilizando metodologias integradoras, com o objetivo de informar sobre o uso interno e externo das plantas medicinais, bem como de estimular o cultivo dessas espécies em ambientes domésticos. Essas informações foram divulgadas por meio das mídias sociais – Instagram[5] e Facebook.[6]

Mídias sociais e educação em saúde

No âmbito do projeto, as ações com plantas medicinais têm como base a educação em saúde e uma formação crítica, fundamentada na realidade da comunidade e do seu território. Por esse motivo, a escolha das plantas considera também a estação do ano.

Atualmente, as atividades educativas estão ganhando cada vez mais espaço nas mídias sociais, especialmente na promoção da saúde, segundo Prybutok e Ryan (2015, *apud* Soares, 2020).

> O uso das redes sociais para educação em saúde é uma estratégia que demonstra avanço, pois é um forte meio de comunicação, utilizando formas interativas, como imagens e vídeos. Possibilita o interesse dos mais jovens, público que mais utiliza essas redes, o que pode permitir a utilização do conhecimento em momentos futuros dessa geração (Prybutok; Ryan, 2015, *apud* Soares, 2020).

[5] @projetohortofce.

[6] Projeto Horto FCE.

As universidades, enquanto instituições de ensino superior, encontram nas redes sociais um importante apoio para a disseminação do conhecimento científico, no qual os programas de extensão universitária podem atuar plenamente (Sá *et al.*, 2018, p. 144-151). Segundo Almeida (2012), interligar a comunicação à saúde é atuar no sentido de garantir que esse direito seja atendido e que a saúde, como provedora de qualidade de vida e cidadania, alcance toda a população.

Segundo Falkenberg,

> as práticas de educação em saúde envolvem três segmentos de atores prioritários: profissionais de saúde, que valorizem a prevenção e a promoção tanto quanto as práticas curativas; gestores, que apoiem esses profissionais; e a população, que necessita construir seus conhecimentos e aumentar sua autonomia nos cuidados, individual e coletivamente (Falkenberg, 2014, *apud* Sá *et al.*, 2018, p. 144-151).

Assim, é importante ressaltar como os projetos de extensão das universidades contribuem de forma positiva para a educação em saúde, visto que, ao democratizarem o conhecimento científico na área, ajudam a promover o autocuidado consciente dos indivíduos em seus territórios. Além disso, representam uma experiência enriquecedora na formação dos universitários – futuros profissionais da saúde – de maneira mais humanizada, ética e cidadã.

Dentre as redes sociais existentes, o Instagram e o Facebook são as mais utilizadas no Brasil. O Facebook é uma rede social virtual criada em 2004 e lançada no Brasil em 2008. Hoje, é a maior rede social do mundo. O website é gratuito para os usuários e gera receita proveniente de publicidade, incluindo banners, destaques patrocinados no *feed* (local no perfil que pode conter vídeos e fotos) de notícias e grupos patrocinados. Os usuários podem criar perfis com fotos e listas de interesses pessoais, trocar mensagens privadas e públicas entre si, além de participar de grupos de amigos. A visualização de dados detalhados é restrita a membros de uma mesma rede ou a amigos confirmados. Há também a possibilidade de vincular o Instagram com o Facebook para fazer uma única publicação nas duas redes sociais ao mesmo tempo. De forma educativa, de acordo com Porto e Santos (2014. 449 p.), o Facebook pode contribuir para motivar e envolver os estudantes tornando-os mais críticos e menos passivos, o que constitui um dos objetivos do ensino superior.

Segundo a *Social Media Trends* (2018), a segunda rede social em preferência no Brasil é o Instagram (Aguiar, 2021). O Instagram é um dos aplicativos mais populares do país, criado em 2010 por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger (Canaltech, 2021). Pode ser baixado gratuitamente em smartphones e oferece diversas possibilidades de uso, como publicar e compartilhar fotos e vídeos, criar *stories* (recurso do perfil que permite a publicação de vídeos curtos e fotos, visíveis por apenas 24 horas), interagir com amigos e pessoas públicas, enviar e receber mensagens, visualizar conteúdos e até realizar compras.

Entre as ferramentas disponíveis nas mídias apresentadas, temos o *alcance*, que é o número de pessoas que viram a publicação, sem contar as repetições; os *comentários*, espaço onde as

pessoas podem deixar mensagens sobre a publicação; os *compartilhamentos*, que no Instagram podem ser enviados por direct (como uma caixa de mensagens) para outros usuários ou para o próprio story, e no Facebook podem ser compartilhados no *feed* do usuário, enviados como mensagem para outros, pelo WhatsApp, compartilhados em grupos ou em uma página específica do Facebook. No Instagram, também é possível salvar as publicações utilizando o ícone de bandeira, permitindo acessá-las depois sem precisar retornar à página de quem as publicou.

Com essas ferramentas, pudemos avaliar o impacto das publicações na população que visualizou o projeto sobre plantas medicinais por meio das mídias sociais.

Metodologia

O trabalho apresenta um estudo descritivo sobre as postagens realizadas nas mídias sociais do *Projeto Horto*, no período de junho a novembro de 2020.

Devido à pandemia e ao isolamento social, era importante levar informação de qualidade acerca da promoção da saúde e da prevenção de doenças, utilizando plantas medicinais.

A escolha das espécies para a produção do conteúdo teve como critério a estação do ano no período da publicação, de modo a facilitar o encontro das plantas pela população, seja em feiras ou mesmo em quintais. Outro aspecto que orientou a escolha foi a prevalência das doenças na mesma época do ano.

As informações foram baseadas nas publicações da Anvisa: *Farmacopeia brasileira* (Brasil, 2019. 874 p.), *Memento Fitoterápico* (Brasil, 2016. 115 p.) e o *Formulário de Fitoterápicos* (Brasil, 2021. 223 p.), além de sites institucionais e cartilhas sobre plantas medicinais produzidas por outras universidades.

As publicações para as mídias sociais foram produzidas utilizando o aplicativo Canva. As postagens continham nome popular, nome científico, indicação, modo de preparo, dosagem, contraindicação, referências e curiosidades sobre a espécie. As publicações eram feitas semanalmente.

As publicações em vídeo também foram divulgadas, como *Remédios caseiros* à *base de guaco* – originalmente chamada *Mikania laevigata* Sch. Bip. ex Baker –, gravadas no laboratório da Faculdade de Ceilândia – UnB, e o vídeo sobre *Cultivo de plantas medicinais*, publicado no Facebook.

Publicações no Instagram

No Instagram, foram realizadas publicações no *feed* sobre as espécies medicinais: capim-limão (*Cymbopogon citratus* [D.C.] Stapf.), gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), guaco (*Mikania laevigata* Sch. Bip. ex Baker), melissa (*Melissa officinalis* L.), romã (*Punica granatum* L.), hortelã-pimenta (*Mentha piperita* L.), calêndula (*Calendula officinalis* L.), camomila (*Matricaria recutita* L.), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) e

melão-de-são-caetano (*Mormodica charantia* L.). Também foram feitas publicações sobre o preparo de chás, escalda-pés e o cultivo de plantas medicinais em casa.

Além das publicações no *feed*, a *live A primavera e o uso das plantas medicinais na medicina antroposófica* foi postada no IGTV. O vídeo *Remédios caseiros* à *base de guaco* (*Mikania laevigata* Sch. Bip. ex Baker) também foi publicado no mesmo local.

As avaliações dos posts foram realizadas semanalmente, considerando curtidas, comentários, compartilhamentos, arquivos salvos, alcance, impressões e visitas ao perfil.

Publicações no Facebook

Na página do *Projeto Horto* no Facebook, foram avaliadas semanalmente as curtidas, os comentários, os compartilhamentos e o alcance.

As espécies medicinais publicadas na plataforma foram: capim-limão (*Cymbopogon citratus* [D.C.] Stapf.), gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), guaco (*Mikania laevigata* Sch. Bip. ex Baker), melissa (*Melissa officinalis* L.), romã (*Punica granatum* L.), calêndula (*Calendula officinalis* L.), camomila (*Matricaria recutita* L.), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), contendo as mesmas informações presentes nas publicações do Instagram.

Além dessas, foram postados os conteúdos sobre *Preparo de chás*, *Como fazer um escalda-pés* e um vídeo sobre *Cultivo de plantas medicinais*.

Resultados

No momento da avaliação, o Instagram contava com 476 seguidores, enquanto o Facebook possuía 97. Observa-se um uso mais frequente do Instagram em detrimento do Facebook por parte dos usuários, de forma geral. O Instagram apresenta características mais interativas, além de oferecer mais funcionalidades e opções de publicação. Esses fatores justificam a diferença no número de seguidores, a maior visibilidade e os melhores resultados nos parâmetros avaliados (figuras 1 e 2).

Figura 1: Comparação entre as publicações do Projeto Horto no Instagram

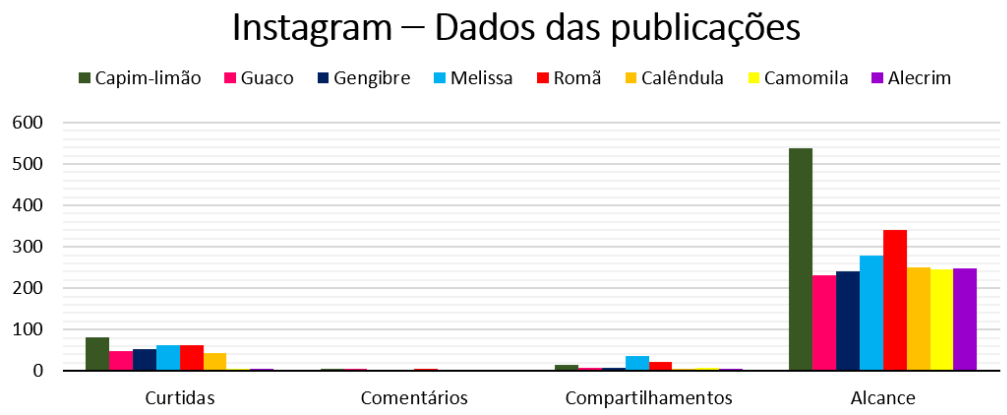
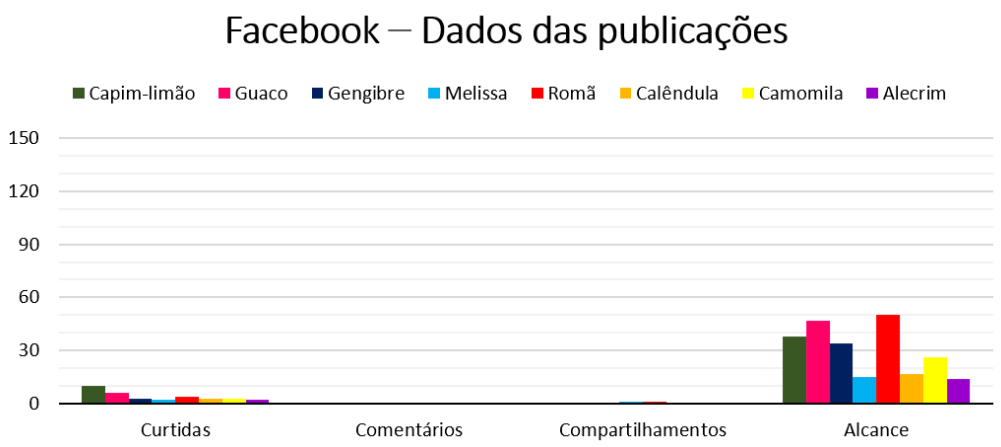


Figura 2: Comparação entre as publicações do *Projeto Horto* no Facebook



Dentre os vídeos, novamente as publicações no Instagram tiveram maior alcance em relação ao Facebook. A *live* apresentou o maior alcance: 218 no Facebook e 247 no Instagram, em comparação ao vídeo sobre *Remédios caseiros* à *base de guaco*, que teve alcance de 158 no Facebook e 258 no Instagram.

Os materiais de maior alcance, curtidas, compartilhamentos e conteúdos salvos foram os que abordaram os temas *Preparo de chás* e *Como fazer um escalda-pés*.

Discussão

Ao analisarmos as figuras 1 e 2, confirmamos que o Instagram é, atualmente, a mídia social mais utilizada pelos universitários, visto que estes representam a maioria dos seguidores do projeto em ambas as redes sociais.

Comparando o presente trabalho com o de Soares *et al.* (2019, p. 207-214), observa-se que, nos posts sobre plantas medicinais no Instagram, ambos obtiveram resultados semelhantes, com impressões ultrapassando a marca de 600, e alcances, por exemplo, chegando a quase 400. No entanto, segundo Soares *et al.* (2019, p. 207-214), o alcance não é uma estimativa exata, pois pode quantificar não só o alcance dos seguidores da página do Instagram, mas também de outros usuários desconhecidos.

A primeira planta medicinal postada foi o capim-limão (*Cymbopogon citratus* [D.C.] Stapf.), tanto no Instagram quanto no Facebook, e obteve a maior quantidade de curtidas. Isso pode estar relacionado à sua popularidade entre as pessoas, ao fato de ter alcançado o maior número de visualizações em comparação com as outras postagens de plantas medicinais e também por se tratar de uma novidade nas nossas páginas, o que chamou a atenção dos seguidores. Em ambas as redes sociais, a ferramenta de comentários foi pouco utilizada como meio de interação em todas as postagens, possivelmente por exigir uma ação maior dos usuários, que geralmente estão mais habituados à facilidade de apenas um clique, como ocorre nas curtidas.

Para a promoção da educação em saúde, ao comparar as duas redes sociais utilizadas pelo projeto, o Instagram se mostrou o local preferido pelos seguidores para o acesso às informações. Já o Facebook é um espaço de maior interação entre pessoas com idade acima dos 40 anos, o que torna essa rede social importante para a integralidade da comunicação e a disseminação de informação para todos. De acordo com a *Forbes* (2019), os jovens foram os principais grupos a migrarem para outras redes sociais, enquanto pessoas com mais de 55 anos estão se inscrevendo no Facebook.

Segundo Sá (2018, p. 144-151), as redes sociais comumente utilizam algoritmos para que uma determinada publicação chegue ao usuário de acordo com seus interesses ou sua relevância, e não a cada nova postagem do administrador. Isso pode explicar o grande acesso às publicações sobre *Preparo de chás* e *Como fazer um escalda-pés*, pois são assuntos de grande interesse popular. Ainda de acordo com o autor, a internet, sendo um sistema mundial de redes interligadas, tornou-se um dos meios mais simples e rápidos de divulgação desses conhecimentos, acompanhando o crescente interesse da população por formas mais saudáveis de cuidar da saúde.

Os conhecimentos sobre o uso racional das plantas medicinais proporcionam maior segurança para a saúde dos indivíduos, além de melhorar a qualidade de vida. Alinhar esse conhecimento científico à potencialidade e ao alcance das mídias sociais na promoção da educação em saúde sobre plantas medicinais pode prevenir agravos à saúde e tratar sintomas simples de doenças em casa. O uso das plantas medicinais como terapêutica é conhecido há séculos, tendo sua principal transmissão ocorrido por meio de trocas de informações passadas de geração em geração, principalmente nas comunidades tradicionais. As mídias sociais, por sua vez, trazem possibilidades de interação nunca antes experimentadas, eliminando barreiras físicas e temporais e proporcionando espaço para novas formas de mobilização social (Almeida, 2012).

Considerações finais

Sem dúvida, o uso das mídias sociais para a divulgação de conteúdos científicos e a disseminação de projetos e trabalhos de pesquisadores voltados para a educação em saúde revelou-se uma forma potente de alcançar e interagir com a comunidade.

Referências

AGUIAR, Adriana. *Instagram*: saiba tudo sobre esta rede social! Disponível em: https://rockcontent.com/br/blog/instagram/. Acesso em: 11 jan. 2021.

ALMEIDA, Marília. *A promoção da saúde nas mídias sociais*: uma análise do perfil do Ministério da Saúde no Twitter. 2012. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/4480. Acesso em: 19 maio 2025.

BRASIL. *Farmacopeia brasileira*. 6. ed. Brasília: Anvisa, 2019. 874 p. Disponível em: https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/farmacopeia-brasileira/arquivos/7985json-file-1. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. *Formulário de Fitoterápicos*: farmacopeia brasileira. 2. ed. Brasília: Anvisa, 2021. 223 p. Disponível em: https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulario-fitoterapico/arquivos/2021-fffb2-final-c-capa2.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

BRASIL. *Memento Fitoterápico*: farmacopeia brasileira. 1. ed. Brasília: Anvisa, 2016. 115 p. Disponível em: http://www.farmacia.pe.gov.br/sites/farmacia.saude.pe.gov.br/files/memento_fitoterapico.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

CANALTECH. Instagram "Capture and share the world's moments". *Blog*. Disponível em: https://canaltech.com.br/empresa/instagram/. Acesso em: 11 jan. 2021.

FORBES. *O Facebook está se tornando o reduto dos mais velhos?* 2019. Colunas. Disponível em: https://forbes.com.br/colunas/2019/03/o-facebook-esta-se-tornando-uma-rede-para-o-publico-mais-velho/. Acesso em: 25 jun. 2021.

PORTO, C.; SANTOS, E. (org.). *Facebook e educação*: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014. 449 p. Disponível em: https://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf . Acesso em: 16 jan. 2021.

SÁ, M. K. *et al*. Mídias Sociais como ferramenta de apoio às práticas integrativas em saúde na área de plantas medicinais. *Vittalle*: Revista de Ciências da Saúde, Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 144-151, 2018. Disponível em: https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/7487/5316. Acesso em: 19 maio 2025.

SOARES, L. C. C. *et al*. Utilização das mídias sociais para educação em saúde pela LAPFITO: do Instagram a oficinas de saúde e a interação entre academia e comunidade. *STAES19'*: Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde, Bahia, p. 207-214. 2019. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/staes/article/view/8232. Acesso em: 15 jan. 2021.

Capítulo 7

A extensão universitária FortaleçaMente adaptada ao contexto de pandemia: um projeto de estimulação cognitiva para idosos

Nathani Cristine do Carmo Ramos[1]
Joceli Duarte Fiamoncini[2]
Thaís Ribeiro de Sousa[3]
Corina Elizabeth Satler[4]
Maysa Luchesi Cera[5]

Introdução

O crescimento exponencial da população idosa cria muitos desafios, em níveis individual e global, com enfoque em questões de independência, funcionalidade e qualidade de vida (Vance *et al*., 2008, p. 241-249). Sabe-se que as intervenções que aumentam os níveis de reserva cognitiva podem contribuir para a manutenção de um envelhecimento saudável (Chariglione;

[1] Fonoaudióloga, mestra em Ciências do Comportamento pela Universidade de Brasília e integrante externa do projeto *FortaleçaMente*.

[2] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[3] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[4] Docente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[5] Docente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

Janczura; Belleville, 2018, p. 2-13), além de melhorar a longevidade e a qualidade de vida ao longo desse processo (Pettigrew; Soldan, 2019, p. 1). Nesse contexto, a falta de estimulação cognitiva é considerada um dos fatores modificáveis que podem influenciar o curso do envelhecimento, tanto normal quanto patológico (Bettio; Rajendran; Gil-Mohapel, 2017, p. 66-86).

Há um interesse crescente da indústria, do governo e de profissionais de saúde no desenvolvimento de tecnologias para pessoas idosas, visto que, além do aumento do número de pessoas nessa faixa etária, ocorre, de maneira concomitante, o crescimento dos custos com cuidados de saúde e o rápido desenvolvimento tecnológico, especialmente no consumo de eletrônicos e comunicações (Pilotto; Boi; Petermans, 2018, p. 771-774).

Embora a informatização e a ampla inserção das tecnologias nas sociedades contemporâneas possam ter facilitado a integração dos serviços sociais e de saúde, os idosos têm sido geralmente marginalizados como usuários digitais (Vancea; Solé-Casals, 2016, p. 526). Uma pesquisa longitudinal brasileira demonstrou que a maioria dos idosos não utilizava a internet nos anos de 2009 e 2010, e esse grupo manteve esse comportamento em 2013 e 2014, o que pode sugerir a exclusão digital dessa população. Entretanto, os autores citam um dado importante: os idosos que utilizavam e continuaram utilizando essa ferramenta, durante o período citado, tiveram maior chance de apresentar ganho cognitivo e menor chance de declínio cognitivo, em comparação àqueles que não faziam uso dessa tecnologia (Krug; D'Orsi; Xavier, 2019, p. 1-12).

É importante ressaltar que os dispositivos propostos devem ser de fácil uso e promover a integração social (Petermans, 2017, p. 281-283). Isso porque a aceitação de uma nova tecnologia digital ocorre à medida que os indivíduos aprendem a usá-la de maneira correta e descobrem sua utilidade no dia a dia (Djabelkhir *et al.*, 2017, p. 1967-1975).

As tecnologias no âmbito da saúde têm um potencial significativo na assistência aos idosos em suas atividades de vida diária, ao proporcionar estimulação cognitiva, favorecer a independência, o acesso às informações de saúde e ao diagnóstico precoce, dentre outros fatores (Vancea; Solé-Casals, 2016, p. 526).

Ferramentas tecnológicas de saúde, como os aplicativos, podem ser de uso geral na área da saúde e ter como usuários pessoas que necessitam de assistência direta ou agentes de inclusão social, constituídos por familiares, amigos, cuidadores, médicos e outros profissionais (Vancea; Solé-Casals, 2016, p. 526).

Uma pesquisa internacional multicêntrica demonstrou que cuidadores formais e informais de idosos com doença de Alzheimer têm uma atitude positiva em relação às soluções tecnológicas inovadoras, as quais podem ajudar os idosos e suas famílias a alcançar um estilo de vida mais independente (Pilotto *et al.*, 2011, p. 131-141).

Em um estudo realizado com indivíduos com comprometimento cognitivo leve, os participantes se envolveram em uma variedade de exercícios computadorizados, com o intuito de estimular diferentes domínios cognitivos, ou aprenderam novas habilidades no que diz respeito ao uso de dispositivos eletrônicos (Djabelkhir *et al.*, 2017, p. 1967-1975). Atividades que estimulam habilidades cognitivas e proporcionam novas aprendizagens podem ser consideradas como uma forma de estimulação da reserva cognitiva, associada à proteção

contra o início de sintomas clínicos relacionados à doença, ao declínio cognitivo associado à idade e à preservação da função cognitiva na velhice, mesmo que os níveis da patologia estejam aumentados (Pettigrew; Soldan, 2019, p. 1).

Sabe-se que treinamentos cognitivos também podem resultar em benefícios observados no desempenho de idosos saudáveis (Dumas, 2017, p. 754-760; Iizuka *et al.*, 2019, p. 469-482), e que permanecer social e mentalmente ativo pode aumentar a reserva cognitiva (Pettigrew; Soldan, 2019, p. 1). Com isso, iniciativas que melhoram as oportunidades educacionais, sociais e econômicas da sociedade podem ter consequências de longo alcance para a saúde cognitiva e cerebral ao longo do envelhecimento (Pettigrew; Soldan, 2019, p. 1).

Os idosos apresentam maior risco de morbidade e mortalidade devido à pandemia do vírus SARS-CoV-2 e estão propensos a vivenciar o isolamento social prolongado, o que pode resultar na privação, por parte desse público, das necessidades humanas fundamentais de companhia e comunidade (Donovan; Blazer, 2020, p. 1233-1244). Entretanto, as ferramentas tecnológicas podem permitir uma maior conexão social, como, por exemplo, visitas mediadas por vídeo e engajamento em comunidades virtuais (Donovan; Blazer, 2020, p. 1233-1244).

Em março de 2020, a pandemia do vírus SARS-CoV-2 trouxe várias mudanças comportamentais à sociedade, incluindo o distanciamento social, que impediu a continuidade das atividades presenciais do projeto de extensão universitária *FortaleçaMente*. Desse modo, para preservar a segurança e a saúde dos participantes, a proposta de atuação foi adaptada, garantindo a continuidade da divulgação das atividades de estimulação linguístico-cognitiva e das orientações gerais sobre esse tema.

Apesar de a extensão universitária estar associada a uma ação voltada para a relação dialógica com a sociedade, é necessário ressaltar que também está relacionada a uma importante função interna na universidade, ao desenvolver atividades que interligam a cultura científica (pesquisa e ensino) e a cultura das humanidades (saberes populares) (De Paula, 2013, p. 5-23). Assim, o principal objetivo deste estudo é apresentar um relato das adaptações desenvolvidas no projeto de extensão intitulado *FortaleçaMente*, do campus de Ceilândia da Universidade de Brasília.

Projeto *FortaleçaMente*

A extensão universitária deve ser considerada como uma cultura, uma prática e um compromisso indispensáveis à plena realização da universidade como instrumento libertador. É importante ressaltar que é responsabilidade da universidade favorecer à sociedade diálogo contínuo, na tentativa de responder às suas demandas e expectativas, além de reconhecer o povo, em sua diversidade, como sujeito de direitos e deveres e, também, como portador de valores e culturas tão legítimos quanto aqueles derivados do saber acadêmico (De Paula, 2013, p. 5-23).

O projeto de extensão *FortaleçaMente*, da Universidade de Brasília (figura 1), foi criado em 2017 e, em 2020, passou por adaptações decorrentes do contexto da pandemia. Tem como objetivo de realizar atividades de promoção da saúde linguístico-cognitiva, por meio de ações de

orientação e estímulo a um envelhecimento cognitivo e social mais ativo. A equipe do *FortaleçaMente* é composta por alunos de graduação e Pós-Graduação, fonoaudiólogas e professoras do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia, um dos campi da Universidade de Brasília.

Figura 1: Logotipo do projeto de extensão *FortaleçaMente*, do campus de Ceilândia da Universidade de Brasília

De 2017 até 2020, o trabalho com os adultos e idosos participantes das ações do projeto ocorreu presencialmente. No entanto, em março de 2020, a pandemia do vírus SARS-CoV-2 exigiu o distanciamento social, e o projeto teve que ser reformulado. Foi criado um website para a divulgação das atividades de estimulação linguístico-cognitiva e de cartilhas com orientações sobre a saúde cognitiva. Além disso, foi criado um perfil na rede social Instagram, com o objetivo de divulgar o website e transmitir informações fonoaudiológicas, bem como conscientizar os usuários dessa plataforma sobre a importância do envelhecimento saudável e os diversos fatores de risco para o declínio cognitivo.

Portanto, como forma de manter as atividades destinadas preferencialmente à população idosa de Brasília-DF, predominantemente das regiões onde o projeto tinha maior atuação presencial – como Ceilândia, Samambaia, Taguatinga e Asa Sul –, foram publicadas atividades de treino linguístico-cognitivo, além de informações gerais sobre saúde e envelhecimento, por meio das mídias sociais supracitadas, caracterizadas a seguir.

Blog *FortaleçaMente*

O website, denominado como blog do projeto *FortaleçaMente* (figura 2), foi desenvolvido em uma plataforma online gratuita e é administrado por um dos membros discentes da equipe do projeto de extensão. As atividades são elaboradas pelos estudantes de graduação integrantes do projeto, sob a supervisão das fonoaudiólogas da equipe e a coordenação das professoras.

As atividades são categorizadas de acordo com as habilidades linguístico-cognitivas estimuladas e denominadas com termos considerados de melhor compreensão e identificação pelo usuário, como, por exemplo: memória, audição, leitura e escrita, cálculo e lógica,

múltiplas habilidades ou, ainda, conforme o tipo da tarefa, como treinos rápidos diários e atividades para realizar com família ou amigos. Durante ou após o término de cada atividade, o usuário do blog pode obter o *feedback* das respostas e avaliar seu desempenho. Semanalmente, novas atividades são inseridas na plataforma.

Figura 2: Página de acesso às atividades do blog *FortaleçaMente*

Além das atividades, o blog também é constituído por campos específicos de divulgação: orientações gerais de saúde, proposta do projeto, integrantes da equipe de extensão, bem como a atuação da Fonoaudiologia e da Neuropsicologia. É importante ressaltar que os usuários do blog podem entrar em contato com a equipe, sugerir mudanças ou enviar comentários por meio de um questionário, também disponibilizado na página do website.

De acordo com os relatórios fornecidos pela plataforma do website, no período de abril de 2020, mês de sua criação, a dezembro de 2020, houve 5.523 visualizações do site. Dentre os acessos contabilizados, 1.204 foram de visitantes regulares, e aproximadamente 7% ocorreram a partir do Instagram. Essas visualizações partiram de usuários localizados em 15 unidades federativas brasileiras, sendo os maiores números de acessos provenientes de: Distrito Federal, com 4.694; Santa Catarina, com 281; e Rio de Janeiro, com 153. Houve também acessos de usuários localizados em outros países, como Colômbia e Gana. Todas as localidades de acesso estão listadas na tabela 1, apresentada a seguir. Ademais, 1.678 visitas foram efetuadas por meio de desktop e 3.845, por meio de celular.

Tabela 1: Localização dos usuários do website *FortaleçaMente* e quantidade de acessos em cada região

Localização dos acessos	Quantidade de acessos
Brasília – Brasil	4.694
Santa Catarina – Brasil	281
Rio de Janeiro – Brasil	153
Goiás – Brasil	109
Minas Gerais – Brasil	86
São Paulo – Brasil	54
Bogotá – Colômbia	45
Bahia – Brasil	21
Pernambuco – Brasil	14
Rio Grande do Sul – Brasil	12
Mato Grosso do Sul – Brasil	10
Amapá – Brasil	8
Paraná – Brasil	5
Bucaramanga – Colômbia	5
Paraíba – Brasil	4
Accra – Gana	4
Pará – Brasil	2
Rondônia – Brasil	2
Não localizado	14

Fonte: blog *FortaleçaMente*, 2021

Instagram *FortaleçaMente*

O principal objetivo da criação da página na rede social Instagram foi divulgar as atividades postadas no blog e conscientizar os usuários dessa plataforma sobre envelhecimento ativo e saudável. As informações gerais divulgadas incluem, por exemplo, a importância da saúde auditiva, da leitura e das artes para o desenvolvimento e o envelhecimento cognitivo; a relação entre audição e cognição; a comunicação com a pessoa com doença de Alzheimer; manifestações da doença de Parkinson; manifestações e definição de afasias após acidente vascular cerebral; entre outras.

Atualmente, entre os meses de junho e julho de 2021, o perfil na rede social alcançou 90% de interações de conteúdo, por meio de publicações, vídeos e *stories*. O número de novos usuários alcançados foi de 60%, advindos principalmente de Brasília, região onde o projeto foi criado e é mais divulgado. Por meio desse perfil, foi possível alcançar o público com faixa etária entre 18 e 65 anos. Por fim, observou-se que 86% dos seguidores são mulheres.

Discussão e considerações finais

A implementação da plataforma de website e do perfil no Instagram pelo projeto de extensão universitária do campus de Ceilândia da Universidade de Brasília foi uma forma de adaptação das atividades do projeto diante das mudanças comportamentais resultantes da pandemia do

vírus SARS-CoV-2, anunciada em março de 2020. Segundo De Paula (2013, p. 5-23), a extensão universitária é o que permanentemente e sistematicamente convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social, aproximando a produção e a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, ou seja, a sociedade.

As ferramentas digitais desenvolvidas possibilitaram a criação e a divulgação de atividades de estimulação linguístico-cognitiva para adultos e idosos, além de informações fonoaudiológicas e de ferramentas de trabalho para estagiários e profissionais da área da saúde que atuam com os aspectos cognitivos da população. De acordo com os dados de uso registrados pelas ferramentas, o alcance da informação divulgada extrapolou o público-alvo, atingindo também fonoaudiólogos, estudantes da área da saúde e pessoas de diversas faixas etárias e regiões.

Nesta discussão, apresentaremos resultados de estudos sobre o envelhecimento da população e os fatores cognitivos e tecnológicos que reforçam a relevância da continuidade das ações linguístico-cognitivas do projeto de extensão universitária *FortaleçaMente*, especialmente durante o contexto de isolamento físico imposto pela pandemia.

O envelhecimento da população ocorre em um contexto generalizado mundialmente e está associado, entre outros fatores, ao declínio nas habilidades cognitivas e da qualidade de vida (Bettio; Rajendran; Gil-Mohapel, 2017, p. 66-86; Cabeza *et al.*, 2018, p. 701-710). Atualmente, há a oportunidade de participação dos idosos em treinos cognitivos e corporais, com diferentes soluções tecnológicas disponíveis (Callari; Ciairano; Re, 2012, p. 362-369). As ações do projeto *FortaleçaMente* são predominantemente destinadas a idosos.

Embora o uso da internet por idosos ainda não ocorra de maneira frequente, ativa e igualitária, quando comparado a outras faixas etárias (Vancea; Solé-Casals, 2016, p. 526; Krug, D'Orsi; Xavier, 2019, p. 1-12), sabe-se que há a possibilidade de a população mais velha ser influenciada positivamente a mudar o estilo de vida por meio de ferramentas disponíveis na internet (Aalbers; Baars; Rikkert, 2011, p. 487-497). O número de acessos às novas ferramentas de trabalho do projeto *FortaleçaMente* mostra aumento do público-alvo, com pessoas provindas de diversas unidades federativas brasileiras e, inclusive, do exterior.

A importância de promover atividades de estimulação cognitiva e o uso de tecnologias para o público idoso, com o intuito de fortalecer os níveis de reserva cognitiva e favorecer a atuação ativa desse público no meio virtual, é reforçada por diversos estudos (Vancea; Solé-Casals, 2016, p. 526; Djabelkhir *et al.*, 2017, p. 1967-1975) e desenvolvida nas adaptações do projeto de extensão universitária apresentado neste trabalho.

Os resultados de um estudo realizado com idosos que, inicialmente, não usavam a internet apoiam a hipótese de que uma maior função cognitiva aumenta a chance de os participantes utilizarem a internet no futuro (Macdonald; Hülür, 2020, p. 101-107). Assim, mesmo que, anteriormente, alguns participantes do projeto de extensão *FortaleçaMente* não usassem a internet, o contexto de pandemia exigiu adaptações tanto por parte dos proponentes quanto dos usuários das ações. A participação em diversas atividades cognitivas associadas ao uso de dispositivos eletrônicos proporcionou a aprendizagem de novas habilidades aos idosos participantes da pesquisa (Djabelkhir *et al.*, 2017, p. 1967-1975).

A internet também pode ser considerada uma maneira de encontrar informações e de promover a aprendizagem, o que pode ser visto como um benefício para idosos (Macdonald; Hülür, 2020, p. 101-107). Além das atividades de estimulação cognitiva, o projeto *FortaleçaMente* também manteve a disponibilização de orientações de saúde, que passaram a ser veiculadas no website e na rede social Instagram. É importante ressaltar que os aplicativos e outras ferramentas digitais com foco na saúde e no envelhecimento devem ser adaptados especificamente para pessoas idosas e incluir recursos interativos (Vancea; Solé-Casals, 2016, p. 526). As adaptações do projeto *FortaleçaMente* incluíram um espaço no blog destinado a comentários, que é regularmente movimentado, bem como uma página em uma rede social, a qual alcançou um público variado, com idades entre 18 e 65 anos, constituído, em sua maioria, por mulheres, a partir de interações de conteúdo por meio de publicações, vídeos e *stories*.

Além disso, torna-se necessário classificar as funções das ferramentas tecnológicas – seja para estimulação motora, cognitiva, entre outras –, de maneira a adaptá-las às necessidades e aos contextos clínicos específicos, garantindo a compatibilidade com as características dos usuários e seu contexto de vida (Petermans, 2017, p. 281-283). Na página do website, as nomenclaturas das atividades são cuidadosamente escolhidas para proporcionar compreensão, fácil identificação e interesse do principal público-alvo do projeto: os idosos. Isso deve ser considerado pelos estudantes e profissionais da área da saúde que utilizam as estratégias e os recursos disponíveis na página, para que façam as adaptações necessárias. Por exemplo, o uso do termo "memória" gera grande interesse do público leigo, mas o objetivo do profissional que utiliza a atividade pode ter enfoque em outra habilidade, como linguagem, atenção ou função executiva.

Em um estudo realizado com idosos, os participantes declararam que, apesar de praticarem as atividades sozinhos por meio de ferramentas tecnológicas, não gostariam de substituir o encontro com um colega ou terapeuta pela realização das atividades exclusivamente por meios digitais (Callari; Ciairano; Re, 2012, p. 362-369). Entretanto, no contexto enfrentado pela pandemia, a divulgação das atividades propostas, por meio de website e da rede social Instagram, foi a maneira encontrada para assegurar a saúde dos participantes do projeto *FortaleçaMente* e dar continuidade aos trabalhos da equipe, enquanto as atividades presenciais coletivas com idosos não fossem retomadas.

Intervenções por meio de ferramentas tecnológicas permitem que os participantes se mantenham atualizados em uma sociedade cada vez mais atuante e dependente das tecnologias de informação e comunicação (Djabelkhir *et al.*, 2017, p. 1967-1975). A página do projeto *FortaleçaMente*, na rede social Instagram, é utilizada como um meio de divulgação da importância do envelhecimento ativo e saudável, da promoção da saúde, da prevenção de doenças e da atenção aos diversos fatores de risco cognitivo modificáveis de demência, além de fornecer informações fonoaudiológicas e divulgar as atividades inseridas semanalmente no blog. No estudo de Callari e colaboradores (2012, p. 362-369), idosos demonstraram preferência por dispositivos tecnológicos que possam fornecer informações sob medida e que se enquadrem em seu cotidiano. No blog do *FortaleçaMente*, há um campo com atividades denominadas como "treino diário", consideradas tarefas rápidas de estimulação linguístico-cognitiva, que abordam conteúdos

relacionados às atividades de vida diária e que podem ser realizadas em qualquer momento do dia, sem a utilização de materiais físicos, com o intuito de favorecer a participação ativa e frequente dos idosos. A partir disso, ressalta-se a importância do desenvolvimento de tecnologias inovadoras, com elaboração progressiva e flexível, adequadas às necessidades particulares e aos contextos clínicos (Petermans, 2017, p. 281-283).

Para aumentar o conhecimento na área e desenvolver intervenções eficazes por meio de ferramentas digitais, é importante processar dados sobre o tipo de público alcançado, a frequência e o período de uso da ferramenta, além de considerar o uso de uma abordagem qualitativa orientada para o participante, com o intuito de compreender quais componentes este considera eficazes para a mudança de seu estilo de vida (Aalbers; Baars; Rikkert, 2011, p. 487-497). De acordo com os dados fornecidos pelo relatório da plataforma do website, a maioria dos visitantes era brasileira, do sexo feminino, e 21% deles eram considerados visitantes regulares. A maioria dos acessos contabilizados foi realizada por meio do celular, o que pode reforçar a ideia de que as atividades podem ser realizadas durante o dia a dia do participante. Essas informações servem de base para a elaboração das atividades publicadas posteriormente.

As adaptações do projeto *FortaleçaMente* às restrições decorrentes da pandemia permitiram a continuidade das ações, de forma segura, também como uma tentativa de amenizar os impactos na cognição causados pelas limitações físicas à socialização. Ressalta-se, ainda, a abrangência das informações para outros públicos, visto que pessoas de diferentes faixas etárias e de outros estados, bem como profissionais e estagiários da área da saúde, puderam acessar regularmente as atividades.

Assim, diante do público alcançado com as adaptações deste projeto de extensão universitária do campus de Ceilândia, no contexto da pandemia, as atividades por meio das tecnologias serão mantidas, mesmo após o retorno das atividades presenciais.

Referências

AALBERS, T.; BAARS, M. A. E.; RIKKERT, M. G. M. Olde. Characteristics of effective internet-mediated interventions to change lifestyle in people aged 50 and older: a systematic review. *Ageing research reviews*, v. 10, n. 4, p. 487-497, 2011.

BETTIO, Luis E. B.; RAJENDRAN, Luckshi; GIL-MOHAPEL, Joana. The effects of aging in the hippocampus and cognitive decline. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v. 79, p. 66-86, 2017.

CABEZA, Roberto *et al*. Maintenance, reserve and compensation: the cognitive neuroscience of healthy ageing. *Nature Reviews Neuroscience*, v. 19, n. 11, p. 701-710, 2018.

CALLARI, Tiziana C.; CIAIRANO, Silvia; RE, Alessandra. Elderly-technology interaction: accessibility and acceptability of technological devices promoting motor and cognitive training. *Work*, v. 41, supl. 1, p. 362-369, 2012.

CHARIGLIONE, Isabelle P. F. S.; JANCZURA, Gerson A.; BELLEVILLE, Sylvie. Cognitive interventions to improve memory in healthy older adults: the use of Canadian (MEMO) and Brazilian (*Stimullus*) approaches. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 23, n. 1, p. 2-13, 2018.

DE PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. *Interfaces – Revista de Extensão da UFMG*, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013.

DJABELKHIR, Leila *et al*. Computerized cognitive stimulation and engagement programs in older adults with mild cognitive impairment: comparing feasibility, acceptability, and cognitive and psychosocial effects. *Clinical Interventions in Aging*, v. 12, p. 1967-1975, 2017.

DONOVAN, Nancy J.; BLAZER, Dan. Social isolation and loneliness in older adults: review and commentary of a national academies report. *The American Journal of Geriatric Psychiatry*, v. 28, n. 12, p. 1233-1244, 2020.

DUMAS, Julie A. Strategies for preventing cognitive decline in healthy older adults. *The Canadian Journal of Psychiatry*, v. 62, n. 11, p. 754-760, 2017.

IIZUKA, Ai *et al*. Can cognitive leisure activity prevent cognitive decline in older adults? A systematic review of intervention studies. *Geriatrics & Gerontology International*, v. 19, n. 6, p. 469-482, 2019.

KRUG, Rodrigo de Rosso; D'ORSI, Eleonora; XAVIER, André Junqueira. Associação entre o uso de internet e a função cognitiva de idosos, estudo longitudinal populacional Epifloripa Idoso. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 22, p. 1-12, 2019.

MACDONALD, Birthe; HÜLÜR, Gizem. Internet adoption in older adults: findings from the health and retirement study. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, v. 24, n. 2, p. 101-107, 2020.

PETERMANS, Jean. Gerontechnology: don't miss the train, but which is the right carriage. *European Geriatric Medicine*, v. 8, p. 281-283, 2017.

PETTIGREW, Corinne; SOLDAN, Anja. Defining cognitive reserve and implications for cognitive aging. *Current neurology and neuroscience reports*, v. 19, n. 1, p. 1, 2019.

PILOTTO, Alberto *et al*. Information and communication technology systems to improve quality of life and safety of Alzheimer's disease patients: a multicenter international survey. *Journal of Alzheimer's Disease*, v. 23, n. 1, p. 131-141, 2011.

PILOTTO, Alberto; BOI, Raffaella; PETERMANS, Jean. Technology in geriatrics. *Age and ageing*, v. 47, n. 6, p. 771-774, 2018.

VANCEA, Mihaela; SOLÉ-CASALS, Jordi. Population aging in the European Information Societies: towards a comprehensive research Agenda in eHealth innovations for elderly. *Aging and disease*, v. 7, n. 4, p. 526, 2016.

VANCE, David E. *et al*. Mental stimulation, neural plasticity, and aging: directions for nursing research and practice. *Journal of Neuroscience Nursing*, v. 40, n. 4, p. 241-249, 2008.

Capítulo 8

Integração de uma Liga Acadêmica de Fononcologia com a comunidade durante a pandemia da covid-19: relato de experiência

Cristina Lemos Barbosa Furia[1]
Jéssica Ângela dos Santos[2]
Adryelly Gripp da Silva[3]
Manuela Lima Carneiro[4]
Gabryella Nery Teles Nogueira Silva[5]
Maria Eduarda Sales Montenegro Matos[6]

Introdução

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou como estado de pandemia a doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado em Wuhan, na China, no final de 2019, ano que nomeia a doença: covid-19 (Organização

1 Docente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
2 Fonoaudióloga pela Faculdade de Ceilândia – UnB.
3 Fonoaudióloga pela Faculdade de Ceilândia – UnB.
4 Fonoaudióloga pela Faculdade de Ceilândia – UnB.
5 Fonoaudióloga pela Faculdade de Ceilândia – UnB.
6 Fonoaudióloga pela Faculdade de Ceilândia – UnB.

Mundial da Saúde, 2020). Essa enfermidade apresenta um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros graves do sistema respiratório, podendo culminar em óbito. A rápida proliferação e contaminação fez com que a doença se espalhasse globalmente em poucas semanas, atingindo todas as esferas da sociedade. Tal crise afetou cerca de 213 países e territórios em todo o mundo, ocasionando medo e ansiedade na população, que, ao receber notícias sobre essa questão, muitas vezes apresentou desregulações psicológicas (Cacioppo *et al*., 2015, p. 733-767; Organização Mundial da Saúde, 2020).

A partir da mudança de todo o cenário global, as relações pessoais, profissionais e da universidade com a comunidade precisaram ser repensadas e reformuladas. As mídias virtuais tornaram-se um incentivo para a conexão social dentro das famílias e da comunidade, mantendo o vínculo paciente-terapeuta. De fato, os grupos virtuais colaboraram para a redução da experiência de isolamento social, trazendo à tona sentimentos de empatia e conforto aos indivíduos, principalmente aos sujeitos vulneráveis à covid-19 (Doraiswamy; Cheema; Mamtani, 2020, p. 493; Armitage; Nellums, 2020). Além disso, com a pandemia, foram implicadas alterações do *modus operandi* das produções científicas e acadêmicas, assim como de todas as atividades realizadas dentro e por meio destas.

Vale contextualizar para o leitor a definição das Ligas Acadêmicas e da Fononcologia. As Ligas Acadêmicas são sociedades formadas por grupos de discentes, supervisionadas por docentes, que se empenham com a finalidade de exercer o ensino, a pesquisa e a extensão nas bases acadêmicas específicas de cada área. Esta Liga foi idealizada, estruturada e vinculada à comunidade acadêmica da Faculdade de Ceilândia (FCE) da Universidade de Brasília (UnB), em associação com a atuação do Hospital Universitário de Brasília (HUB), um prestador de serviços atuante, longevo e bem estabelecido na comunidade de Brasília-DF e entorno.

O tratamento oncológico é um processo complexo que envolve o engajamento de uma equipe multidisciplinar de saúde, vislumbrando as necessidades individuais do sujeito desde a fase do diagnóstico, a definição dos métodos de tratamento, as complicações e a reabilitação integral, físico-funcional e psicossocial. O fonoaudiólogo atua na linha de cuidado integral do câncer, em parceria com a equipe multiprofissional, tanto na atenção primária (prevenção, promoção, rastreamento/detecção precoce, suporte e cuidados paliativos) quanto na atenção especializada, acompanhando o paciente desde a fase do diagnóstico, antes, durante e após o tratamento cirúrgico e/ou clínico, bem como na reabilitação das funções de respiração, mastigação, deglutição e fala (Furia; Mikami; Toledo, 2019, p. 711-722). Portanto, a Fononcologia abarca o acompanhamento dos pacientes oncológicos em todos os níveis do cuidado.

A Liga Acadêmica de Fononcologia da Universidade de Brasília (Lafo–UnB) tem como objetivo a promoção e o estímulo à participação em atividades de ensino, extensão e pesquisa na área de oncologia. Anualmente, a Liga abre novas inscrições para alunos ou profissionais de Fonoaudiologia ou áreas afins, a partir do terceiro semestre do curso. Na área do ensino, são organizadas atividades como clube de revista, cursos de capacitação, seminários, simpósios, palestras e miniaulas. Os ligantes também participam dos atendimentos a pacientes oncológicos durante o acolhimento multidisciplinar, na fase de

diagnóstico e definição do programa de tratamento, na Unidade de Alta Complexidade em Oncologia (Unacon) do Hospital Universitário de Brasília (HUB).

No âmbito da extensão, são incorporadas ações de promoção e prevenção, como a Campanha Nacional do "Julho Verde", que visa à conscientização sobre os fatores de risco do câncer de cabeça e pescoço, bem como atividades culturais e de integração entre alunos, pacientes, familiares e equipe multidisciplinar, realizadas em datas comemorativas como o Carnaval, a Festa Junina e o Natal. Os integrantes são incentivados a participar de projetos de pesquisa que visam sistematizar hipóteses e objetivos para ampliar conhecimento e as habilidades acerca da atuação da Fonoaudiologia na área oncológica. Em parceria com entidades científicas, gestoras e associações, também participam de ações de *advocacy* junto aos órgãos legislativos ou executivos, com o objetivo de justificar ou integralizar dispositivos ou diretrizes do tratamento oncológico, principalmente relacionados às neoplasias de cabeça e pescoço.

No ano de 2020, a Lafo – UnB, a fim de manter-se funcionando e atualizada no que diz respeito à saúde e à sua área de atuação, enfrentou o desafio de dar continuidade às atividades de extensão em andamento e de desenvolver novas ações adaptadas ao ambiente virtual, respeitando o plano de contingência da covid-19. Após discussões realizadas no mês de abril, concluiu-se que o primeiro passo seria promover a educação continuada; assim, foram disponibilizados aos ligantes vários cursos gratuitos na internet, além de um estudo dirigido sobre oncologia, para que os estudantes pudessem se aprofundar nos assuntos de seu interesse. Após essa primeira etapa, sempre por intermédio de reuniões quinzenais ou mensais, percebeu-se a necessidade de dar ênfase ao uso das redes sociais como meio de disseminação de informações; desse modo, foi iniciada uma série de postagens com atualizações sobre a covid-19 e sobre cuidados pessoais relacionados.

Além dessas atividades, foi realizado o 1º Webnário Oncológico entre Ligas, no qual oito ligas de todo o Brasil foram convidadas a contribuir com palestras de profissionais renomados, agregando conhecimento aos espectadores. Com a série de informações sobre o vírus que estavam sendo divulgadas, tanto pela Liga Acadêmica quanto por outros meios, houve a necessidade de gerar entretenimento para os seguidores das redes sociais, que, em meio à pandemia, precisavam de um conteúdo diferenciado. Surgiu, então, a ideia do quadro "Boas Práticas", com a apresentação de atividades de lazer, como culinária, artesanato e exercícios. Mesmo assim, ainda havia uma lacuna de conteúdo em relação aos efeitos causados pelo isolamento social, inclusive para os próprios ligantes, que estavam imersos em informações a respeito de saúde e doença. Assim, foi iniciada a estratégia do "Cuide-se", no segundo semestre de 2020, com ações mensais, com o intuito de promover o autocuidado e proporcionar bem-estar, contando com desafios, aulas de yoga, meditação e reflexões dirigidas.

Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar as atividades e os desafios da Liga Acadêmica de Fononcologia da UnB, como forma de adaptação e integração às mudanças decorrentes da pandemia, bem como descrever os resultados alcançados junto aos discentes e à população.

Metodologia

A Liga Acadêmica é formada por 24 membros, que compõem a presidência, secretaria, tesouraria, associados e as diretorias de ensino, extensão, eventos, divulgação e pesquisa. As atividades regulares da Liga, como a extensão no Hospital Universitário de Brasília (HUB) e os grupos de pesquisa, foram pausadas durante o período de isolamento social, e novas atividades foram implementadas com o uso de ferramentas virtuais.

Foram realizadas reuniões com todos os membros (gerais) e com os líderes (específicas) para definição de novas metas, tendo em vista a realização de um trabalho que antes era presencial e precisou ser adaptado para a modalidade virtual, devido às restrições decorrentes da pandemia. Foram utilizados tanto aplicativos de mensagem instantânea quanto de chamada de vídeo, além das redes sociais, para o cumprimento das atividades propostas. As atividades remotas foram iniciadas no mês de abril de 2020, e cada diretoria elaborou um cronograma mensal, publicado no drive da Liga para conhecimento de todos, o qual foi seguido e aprimorado a cada mês. Assim, foram realizadas desde ações de educação continuada até estratégias de promoção à saúde.

Resultados da experiência e discussão

Desde o último ano, a Liga vem intensificando sua atuação por meio das redes sociais e dos aplicativos de reunião online, medida adotada com o objetivo de prevenir o contágio pelo coronavírus. As ações tiveram como finalidade desenvolver materiais informativos de fácil acesso e compreensão; divulgar novas medidas adotadas pelo governo local para a prevenção da covid-19; disseminar estratégias para o enfrentamento do período de distanciamento social; promover o autocuidado e ações de saúde entre seus membros e o público; e continuar levando informações relevantes sobre o contexto oncológico, objetivo a que se propôs desde sua criação.

A seguir, estão descritas as atividades realizadas. O alcance dessas ações, assim como sua natureza, está apresentado no quadro 1.

Redes sociais: uso das redes sociais como ferramenta informativa para a população em geral (pacientes, familiares, estudantes e profissionais da área da saúde) sobre a covid-19. Para informar sobre os cuidados pessoais indicados e atualizações do governo a respeito do vírus, foram desenvolvidos posts e vídeos, a fim de facilitar o entendimento.

Aulas virtuais: esta proposta diz respeito à educação continuada, compreendendo a elaboração e a resolução de estudos dirigidos, bem como a leitura e discussão de artigos com temas relacionados à oncologia e à atuação fonoaudiológica nessa área. Ainda dentro da mesma proposta, foram divulgados cursos gratuitos disponíveis na internet, com temas que agregam conhecimento à área de estudo da Liga.

Coral identidade: teleatendimento voltado aos pacientes laringectomizados totais, que ocorre uma vez por semana, com duração de trinta minutos. Contempla exercícios

e orientações relacionados à voz, além de atividades de canto, buscando a interação em grupo e a autonomia dos pacientes.

Boas práticas: com a série de informações sobre o vírus que estavam sendo divulgadas, tanto pela Liga Acadêmica quanto por outros meios, houve a necessidade de gerar entretenimento para os seguidores das redes sociais, que, em meio à pandemia, precisavam de um conteúdo diferenciado, capaz de minimizar o isolamento social. Surgiu, então, a ideia deste quadro, que objetiva promover o bem-estar através da produção e disponibilização de vídeos com atividades práticas de lazer, como culinária, artesanato e exercícios.

SaVi – Saúde e Vida: projeto motivado pela necessidade de levar informação aos pacientes do Setor de Acolhimento da Unidade de Alta Complexidade em Oncologia (Unacon) do Hospital Universitário de Brasília (HUB), que não possuem amplo acesso às redes sociais. Através da criação de uma lista de transmissão em aplicativo de mensagens instantâneas, foi possível levar informações aos pacientes oncológicos, numa integração com o serviço social, a psicologia e a gestão. A disseminação de informações relevantes ocorria com a frequência de duas postagens semanais, contendo informes sobre promoção do autocuidado, prevenção e informações de saúde, e contemplava textos, imagens, vídeos, posts e links de vídeos voltados ao cuidado com a saúde e ao cotidiano.

Campanha "Julho Verde": no mês de julho, dedicado à atenção ao câncer de cabeça e pescoço (CCP), foram realizadas atividades que somaram forças à campanha, por meio da disseminação de conhecimento, prevenção e diagnóstico do CCP nas redes sociais, em conjunto com a Associação de Câncer de Boca e Garganta (ACBG) e a Sociedade Brasileira de Cirurgia de Cabeça e Pescoço (SBCCP).

Webnário Oncológico entre Ligas: a fim de contribuir com a campanha "Julho Verde" e promover a interação entre diversas Ligas Acadêmicas voltadas à Oncologia pelo país, propiciando a disseminação e o intercâmbio de conhecimentos, foi realizado um webnário com palestras de profissionais renomados sobre promoção da saúde e prevenção do câncer de cabeça e pescoço. O evento ocorreu nos dias 27 e 28 de julho, organizado pela Lafo – UnB, em conjunto com outras oito ligas de diferentes estados do Brasil; foi aberto ao público e obteve bom alcance nacional.

Reflexão do controle social na gestão da atenção do SUS ao paciente com câncer de *cabeça e pescoço no DF*: esta demanda surgiu a partir da campanha "Julho Verde", edição de 2020, quando os profissionais atuantes no diagnóstico e cuidado do paciente oncológico (Lafo–UnB, docentes da UnB, profissionais do HUB e do IGES-DF, e responsáveis técnicos da SES) reconheceram a necessidade de organizar um grupo de trabalho e promover reuniões em que se pudesse discutir, de forma construtiva, as diretrizes de atendimento voltadas aos pacientes oncológicos do Distrito Federal. Por meio de discussões de dados retrospectivos e da identificação dos nós críticos, vislumbra-se a sistematização de um único local de triagem e avaliação diagnóstica do paciente portador do câncer de cabeça e pescoço na cidade de Brasília, com a presença do médico cirurgião, oncologista e/ou dentista – que representam as áreas de porta de entrada pela regulação –, bem como das

demais áreas multidisciplinares, para o seguimento desde a fase do diagnóstico. O desafio é imenso, já que a pactuação e o desenho técnico ainda estão na esfera da organização, coleta e análise de dados para a descrição do diagnóstico situacional.

Cuide-se: a partir do quadro de "Boas práticas", percebeu-se a necessidade de criar algo semelhante para os próprios ligantes, que estavam imersos em informações a respeito de saúde e doença. Assim, foi iniciado o "Cuide-se", proposto para ser realizado em encontros mensais, com práticas de autocuidado, como yoga, meditação e reflexões dirigidas. O projeto teve como objetivos possibilitar um momento de desvinculação das preocupações estudantis, promover a conscientização do autocuidado e o cuidado com o próximo, favorecer o diálogo aberto e a troca de experiências, propiciar a reflexão para que as pessoas se tornem agentes responsáveis pela manutenção do autocuidado, além de indicar práticas individuais e colaborativas que favoreçam o bem-estar. O projeto contou com a participação dos ligantes durante cinco meses, com preferência pelas terças-feiras, às 19 horas, horário de maior disponibilidade do grupo. Com duração de uma hora, ao final de cada reunião eram propostos desafios relacionados ao tema discutido no dia, a fim de ampliar a dinâmica das temáticas.

Participação na 20ª Semana Universitária da UnB e na 18ª Feira de Saúde do Hospital Universitário de Brasília (HUB): a proposta das atividades foi discutir e propiciar a promoção da saúde e a prevenção de doenças, com foco na pandemia. Assim, como o tema da Semana Universitária de 2021 – 20 anos de conexões – está relacionado às comemorações dos 60 anos de Brasília e dos 20 anos de contribuição acadêmica do evento, houve a retransmissão do Webnário Oncológico entre Ligas, em plataforma de vídeos online do Decanato de Extensão da UnB (DEX) e do HUB.

Elaboração e divulgação de material gravado para disseminação de informação a respeito da atuação da Liga dentro do ambiente hospitalar e promoção de bem-estar individual e coletivo: neste período, foram produzidos três materiais audiovisuais com o objetivo de divulgação pública, tanto no ambiente hospitalar, destinados aos pacientes, quanto em plataformas de mídias sociais, para o grande público. Para tanto, a produção foi dividida em dois tipos de materiais, da seguinte forma:

Material 1: *Vídeo informativo – Perguntas e respostas sobre diabetes*. Destinado a informar a população geral e responder possíveis dúvidas sobre essa questão, promovendo e ampliando o conhecimento.

Material 2: *Especial de Natal*. Com o objetivo de felicitar os pacientes e todo o público que acompanhou a Liga ao longo de 2020, mesmo diante do pesar de um ano pandêmico, foi produzido um vídeo que reuniu ligantes e pacientes cantando a música natalina "Bate o sino pequenino". O conteúdo foi divulgado no espaço de acolhimento do Unacon/HUB e nas redes sociais da Liga, no mês de dezembro.

Quadro 1: Atividades da Lafo – UnB no período de abril a dezembro de 2020

Atividade	Extensão, ensino e pesquisa	Objetivo	Período	Abrangência
Redes sociais	Ensino	Informar a população em geral a respeito da covid-19 e das medidas de proteção à saúde	Abril a dezembro	Participação de 19 ligantes; produção de duas publicações semanais, com alcance médio mensal de 5.378 interações
Aulas virtuais	Ensino e pesquisa	Dar prosseguimento à educação continuada; produção de estudos dirigidos e aulas com convidados especialistas em temas relacionados à oncologia e à atuação fonoaudiológica nesta área	Abril a dezembro	Participação de 19 ligantes em nove encontros realizados mensalmente, utilizando plataformas de reuniões online e diversos cursos voltados para a área oncológica
Coral identidade	Extensão	Promover atendimento e atividades de canto, buscando a interação em grupo e a autonomia dos pacientes laringectomizados totais	Abril a dezembro	Foram atendidos cerca de quatro laringectomizados totais, semanalmente
Boas práticas	Extensão e ensino	Promover boas práticas em saúde dentro do contexto diário dos seguidores	Maio a dezembro	Participaram da produção oito integrantes e quatro convidados. Foram produzidos 12 vídeos, com média de alcance mensal de 361 visualizações e 427 impressões

Atividade	Extensão, ensino e pesquisa	Objetivo	Período	Abrangência
SaVi – Saúde e Vida	Ensino e extensão	Disponibilizar aos pacientes do setor de Acolhimento Unacon/HUB materiais informativos produzidos pela liga, com diversas informações sobre saúde para pacientes oncológicos: cuidados higiênicos e pessoais, covid-19, conteúdos motivacionais e orientações acerca dos serviços de saúde disponíveis	Junho a dezembro	Ao todo, 193 pacientes oncológicos receberam os informes sobre saúde através deste projeto
Campanha "Julho Verde"	Ensino e extensão	Somar forças à Campanha Nacional de Prevenção ao Câncer de Cabeça e Pescoço, promovida pela Associação de Câncer de Boca e Garganta (ACBG) e pela Sociedade Brasileira de Cirurgia de Cabeça e Pescoço (SBCCP), buscando ampliar o número de diagnósticos precoces por meio da conscientização sobre o câncer de cabeça e pescoço	Todo o mês de julho	A campanha, como um todo, alcançou mais de 80 mil interações e 30 mil impressões, além de um aumento de 800 novos seguidores na rede social da campanha
Webnário Oncológico entre Ligas	Ensino e extensão	Promover interação entre diversas Ligas Acadêmicas voltadas à oncologia no país; propiciar disseminação e o intercâmbio de conhecimentos com palestras de profissionais renomados; promover saúde e favorecer a prevenção ao câncer de cabeça e pescoço	Dias 27 e 28 de julho	Participaram da produção oito Ligas Acadêmicas do país; contabilizamos 948 novos inscritos em nossa rede social, e o material transmitido no evento atualmente conta com mais de 1.800 visualizações

Atividade	Extensão, ensino e pesquisa	Objetivo	Período	Abrangência
Gestão da atenção do SUS ao paciente com câncer de cabeça e pescoço no DF	Extensão e ensino	A partir do "Julho Verde" em 2020, os profissionais que atuam no diagnóstico e cuidado do paciente oncológico se reúnem bimensalmente para discussão e revisão do atendimento aos pacientes com câncer de cabeça e pescoço no DF	Julho a dezembro	Boa adesão e ricas discussões por parte dos profissionais da equipe multiprofissional envolvidos
Cuide-se	Ensino	Promover um momento de integração e autocuidado entre os membros da Liga	Agosto a dezembro	Participação de 19 ligantes e convidados externos da comunidade acadêmica em cinco encontros mensais
Participação na 20ª Semana Universitária da UnB e na 18ª Feira de Saúde do Hospital Universitário de Brasília (HUB)	Ensino e extensão	Discutir e propiciar a promoção da saúde e prevenção de doenças, com foco na pandemia. Retransmissão do Webnário Oncológico entre Ligas em plataforma de vídeos online	Dias 21 a 25 de setembro	Houveram 313 visualizações durante o evento e 1.814 visualizações até o presente momento
Vídeos informativos e comemorativos	Ensino, extensão e pesquisa	Informar sobre diabetes e comemorar as festividades natalinas	Dezembro de 2020	Média de 278 impressões e 237 contas alcançadas com o vídeo sobre diabetes; e 365 impressões e 335 contas alcançadas com o vídeo em homenagem às festividades, através da mídia social

Fonte: elaborado pelas autoras

As atividades e os esforços promovidos pela Liga e por seus colaboradores tiveram como objetivo dar continuidade às suas ações, mas, principalmente, alcançar a população, com o intento de continuar promovendo a integração da extensão acadêmica da FCE e o atendimento à comunidade da qual faz parte.

Considerações finais

Um dos principais intuitos pelos quais as ações de extensão são realizadas é a aproximação da comunidade acadêmica à sociedade na qual está inserida. Soma-se a isso a possibilidade da prática acadêmica multidisciplinar, por meio da prestação de serviços e do apoio à população. Para os ligantes, essa perspectiva de intercâmbio de práticas e conhecimento é de grande valia. Em momentos como o atual, em que a população se encontra carente de informações acessíveis e, acima de tudo, pautadas em evidências científicas, os papéis desempenhados por esses alunos têm a capacidade de se tornar disseminadores de informações, conhecimentos e práticas de saúde.

A atuação da Liga Acadêmica, no período de pandemia, por meio das mídias sociais, demonstrou-se relevante, visto que se alcançou amplo público, tanto interno quanto externo. Evidentemente, essas intervenções foram fundamentais para os indivíduos envolvidos, pois lhes permitiram acesso a informações e desdobramentos relacionados à covid-19, à expansão do conhecimento na área oncológica e a ações voltadas para um bem-estar individual e coletivo.

Agradecimentos

A Liga Acadêmica de Fononcologia da Universidade de Brasília (Lafo–UnB) gostaria de agradecer, em especial, à chefia do Unacon/HUB, doutora Juciléia Rezende Souza, psicóloga, e à assistente social do Unacon/HUB, mestre Liana Zaynette Torres Junqueira, por todo o ensinamento, suporte, trabalho conjunto e pelas oportunidades ofertadas a esta liga. A Lafo – UnB agradece também a cada um de seus membros e colaboradores pela parceria, unidade e pelos esforços aplicados à construção e à realização das atividades aqui relatadas: Adryelly Gripp da Silva, Amanda Lima e Lira, Antônia Jéssica de Souza, Beatriz Ferreira de Sousa, Cristina Lemos Barbosa Furia, Fábio Anselmo Ribeiro, Franklin Júnior Dias Ferreira, Gabriela Duarte Macedo, Gabryella Nery Teles Nogueira Silva , Iasmim Claudino Doria, Isabella Costa Gomes, Isadora Vieira dos Santos, Jéssica Ângela dos Santos, Júlia Vieira Teles, Lara Dias Rocha Ramos, Larissa Mendes da Rocha Cavalheri, Larissa Brenda de Melo Bezerra, Luana Matias Fernandes, Lucimaura de Souza Lessa, Manuela Lima Carneiro, Maria Eduarda Sales Montenegro Matos, Milena Vieira Ramos e Washington Dourado Ferreira.

Referências

ARMITAGE, R.; NELLUMS, L. B. Covid-19 e as consequências do isolamento de idosos. *Lancet Public Health*, v. 5, n. 5, e256, 2020. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32199471/. Acesso em: 23 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *SSobre a doença: o que é COVID-19.* 2020. Disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#interna.

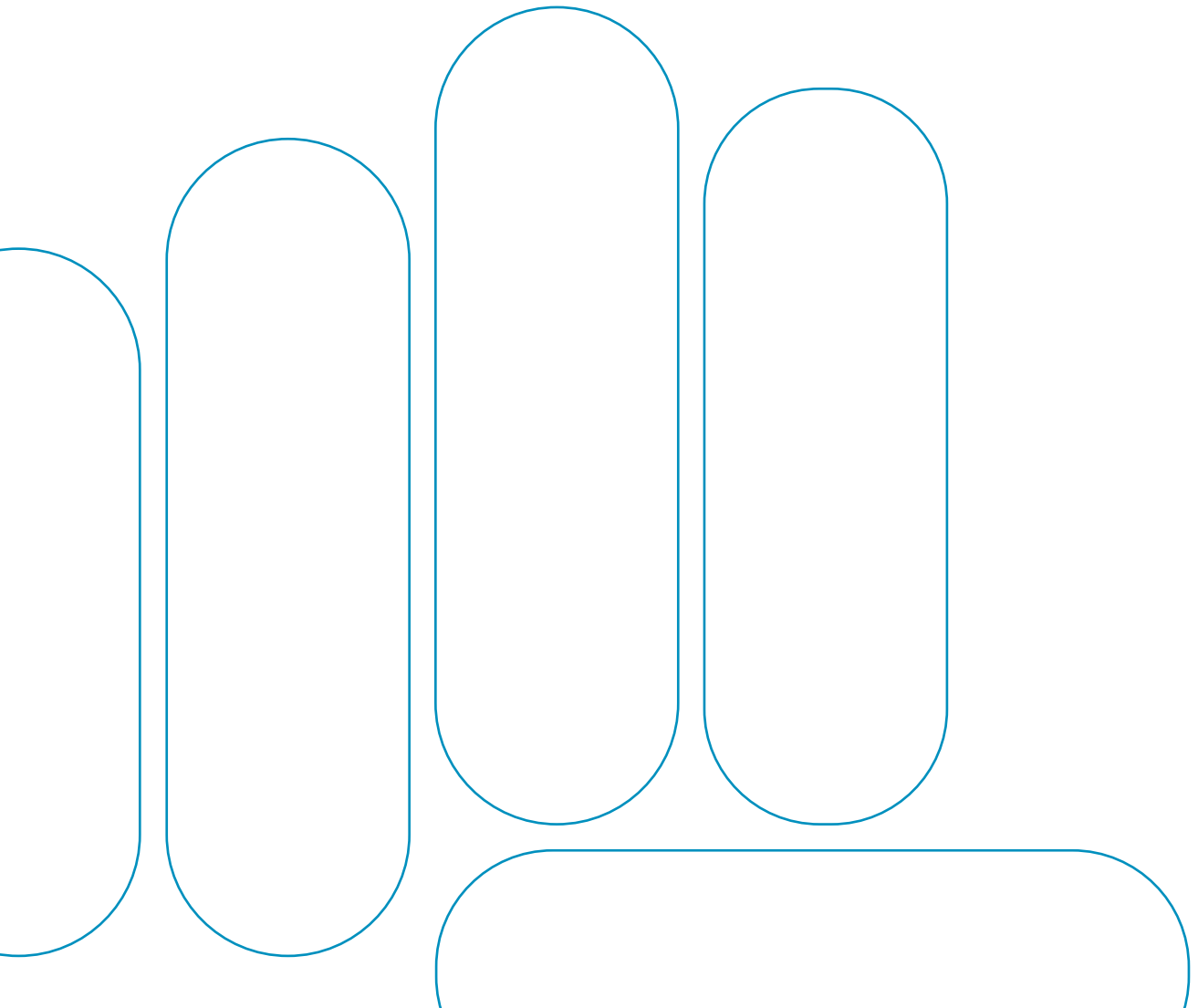
CACIOPPO, J. T.; CACIOPPO, S.; CAPITANIO, J. P. *et al*. A neuroendocrinologia do isolamento social. *Annual Review of Psychology*, v. 3, n. 66, p. 733-767, 2015. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25148851/. Acesso em: 23 maio 2025.

DORAISWAMY, S.; CHEEMA, S.; MAMTANI, R. Older people and epidemics: a call for empathy. *Oxford Academic*, v. 49, p. 493, mar. 2020. Disponível em: https://academic.oup.com/ageing/article/49/3/493/5813672?login=true. Acesso em: 23 maio 2025.

FREITAS, A. S.; ZICA, G. M.; ALBUQUERQUE, C. L. Pandemia de coronavírus (COVID-19): o que os fonoaudiólogos devem saber. *CoDAS*, v. 32, n. 3, 2020. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20192020073. Acesso em: 23 maio 2025.

FURIA, C. L. B.; MIKAMI, D. L. Y.; TOLEDO, I. P. Intervenção Fonoaudiológica ao paciente oncológico. *In*: SANTOS, M. *et al*. (org.). *Diretrizes oncológicas*. 2. ed. São Paulo: Doctor Press Editora Científica, 2019. p. 711-722.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Doença por coronavírus 2019 (COVID-19) – Relatório de situação, 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200607-covid-19-sitrep-139.pdf?sfvrsn=79dc. Acesso em: 23 maio 2025.



Capítulo 9

Impacto da pandemia da covid-19 na extensão universitária do curso de Fisioterapia: relato de experiência 2020/2021

Ana Clara Bonini-Rocha[1]
Caio Eduardo Rocha da Silva[2]
Andreia de Amorim[3]
Ruthe Mariane Mendonça[4]
Giovana Inácio Torres[5]
Samia dos Santos Pereira[6]

Estamos em 2023, praticamente adaptados ao "novo normal", e este capítulo relata a história de um grupo de extensionistas que precisou se reinventar para continuar atuando no cenário da extensão nos anos de 2020 e 2021, durante o isolamento social causado pela pandemia do vírus SARS-CoV-2 (covid-2019).

Os indicadores apresentados foram compilados nos dois últimos relatórios anuais (2021 e 2022) dos três projetos, e os depoimentos transcritos foram coletados de abril a junho de 2023, quando a equipe de extensionistas e o público externo envolvido foram consultados sobre: "Como foi sua experiência de extensão durante a pandemia?"

[1] Docente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Discente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Discente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[4] Discente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[5] Discente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[6] Discente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

"Foi interessante. Uma maneira de amenizar o lado ruim da pandemia e de não perder o contato e o vínculo com os amigos. Tínhamos somente isso na época. A presença dos alunos foi muito importante."
Diretora da Associação Parkinson Brasília (APB)

Antes da pandemia

Dezenas de extensionistas atuavam vinculados a três diferentes Projetos de Extensão de Ação Contínua (PEAC) do Decanato de Extensão (DEX), vigentes no SIGAA, alocados no curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília (FCE/UnB), sob coordenação da professora Ana Clara Bonini-Rocha.

Em 2019, a equipe de Avaliação e Tratamento de Pessoas com Incapacidade Neuromotora (ATPIN), do PEAC, vigente desde 2013, atuava na prestação de serviços em fisioterapia na Capela Nossa Senhora de Fátima, em Ceilândia, atendendo usuários com indicação de fisioterapia; e na Associação Parkinson Brasília (APB), com atendimento fisioterapêutico em grupo, por meio de circuito de exercícios sensoriais (Avelar, 2013; Costa, 2010).

O projeto *QueroDança* acabara de ser aprovado no edital PIBEX 2019. As bailarinas estavam treinando dança contemporânea na sala de dança da Casa de Cultura da América Latina da UnB (CAL) e também atuavam nos encontros da Associação Parkinson Brasília (APB), desenvolvendo atividades de ritmo e dança para associados e cuidadores, em apoio ao *ATPIN*.

Os ligantes da Liga Acadêmica em Ciências do Movimento (LACiMov) estavam superativos em seus canais – @lacimov no Facebook, Instagram e YouTube –, produzindo conteúdo em ciências do movimento, da saúde e fisioterapia. Vigente desde 2015, a missão da Liga é voltada para a indissociabilidade da extensão com o ensino e a pesquisa, bem como para a difusão de conhecimento na área de interesse. Desenvolvia, anualmente, eventos festivos, como Dia das Mães, o Dia das Crianças e o Dia da Doença de Parkinson, em diferentes organizações sociais, como o Centro Comunitário do Idoso Luiza de Marilac, Centros de Ensino Médio de Ceilândia e parques públicos da cidade; além de eventos acadêmicos, como minicursos, workshops, discussões de caso e mesas-redondas, dentre outros, ofertados na FCE. Participava, ainda, de eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, com a apresentação de trabalhos.

Já movimentávamos as redes sociais da *LACiMov* (@lacimov) no Instagram, Facebook e YouTube, além de grupos do WhatsApp. O Instagram, na época, era uma das redes sociais mais influentes e utilizadas no mundo, especialmente entre universitários e o público geralmente jovem (Arceneaux; Dinu, 2018, p. 4155-4176). Trata-se de uma rede de fácil disseminação de informações, como vídeos, textos e imagens (Pereira; Borges; Batista; Teles, 2019, p. 1-19), marcada pela forte migração de pessoas em torno de um assunto comum (Douglas *et al.*, 2019, p. 1117-1128).

Em 16 de março de 2020, a UnB suspendeu todas as atividades acadêmicas, acompanhando o decreto de *lockdown* publicado no Distrito Federal.

Durante a pandemia – Relatos de experiência

"O que nos uniu na pandemia foi o compromisso social, além da saudade, solidão e ansiedade. Juntos, ocupamos nossa cabeça e nosso tempo com arte, ciência e tecnologia. Apoiamo-nos uns nos outros enquanto íamos superando obstáculos."
Coordenadora, parte da equipe

A premissa da responsabilidade social foi um tema muito em evidência no período da pandemia (Miguel; Silveira; Del Maestro, 2021, p. 72-84), e não foi diferente para nossa equipe, realmente, foi a motivação principal que impulsionou o grupo na busca de seu objetivo de continuar com as atividades de extensão, mesmo que de forma remota.

Trinta e cinco extensionistas, entre estudantes de graduação e uma coordenadora do curso de Fisioterapia, fizeram parte da equipe.

As ferramentas utilizadas no formato remoto foram: Office Microsoft 365 (canal oficial de ensino da UnB, utilizado para as reuniões de equipes e grupos de trabalho, bem como orientações individuais); Zoom (para os encontros com a comunidade); grupos de WhatsApp (para contato entre os extensionistas, entre os extensionistas e a coordenadora, e entre os extensionistas e a sociedade); e as redes sociais da Liga Acadêmica em Ciências do Movimento (LACiMov) da UnB, no YouTube, Instagram e Facebook (@lacimov).

Junto ao *lockdown* (até agosto de 2020) e durante todas as etapas que se seguiram (Barcellos; Xavier, 2022, p. 221-226), até o retorno da presencialidade, em junho de 2022, a equipe se reuniu semanalmente para planejar e desenvolver estratégias.

"Senti muita falta da interação pessoalmente; entretanto, aprendi que, mesmo distantes, ainda podemos estar juntos e fazendo o que amamos."
Extensionista

Os objetivos iniciais da equipe foram: *i*) produzir conteúdo digital para atividades domiciliares de ritmo e dança para os associados da Associação Parkinson Brasília (APB), assim como criar canais para *feedback*, como grupos no WhatsApp e no Zoom (demanda *ATPIN*); *ii*) desenvolver um roteiro e produzir uma intermídia de videodança para dar continuação ao trabalho desenvolvido na CAL (demanda *QueroDança*); e *iii*) difundir, organizar e movimentar nossas redes sociais, buscar eventos nacionais e internacionais, e ser apoio tecnológico de difusão para todas as atividades que seriam desenvolvidas, inclusive *ATPIN* e *QueroDança* (demanda *LACiMov*).

Para isso, precisaríamos exercitar a criatividade, conhecer mais a fundo o potencial das redes sociais que já utilizávamos, descobrir outros canais de comunicação e adaptar o conteúdo para que fosse viável e, ao mesmo tempo, permitisse a continuidade ao trabalho por meio de recursos e métodos que, hipoteticamente, poderiam ser eficazes na não presencialidade (Lima;

Costa; Pinheiro, 2021, p. 42341-42357; Paiva; Melo; Marques, 2020, p. 1-15; Anderson, 2019, p. 6-19; Santos; Leite, 2020, p. 1-17; Tombini; Zamperetti, 2021, p. 158-167).

> *"Foi um desafio. De início, sentia um pouco de limitação em relação aos recursos e à tecnologia. Porém, após o período de adaptação, percebi que havia diferentes modos de fazer a extensão, e todos eram válidos."*
> Extensionista

> *"O início de todo este processo necessitou de paciência e adaptação para adequarmos nossas atividades à nova realidade, mas foi um período de expansão dos projetos e de crescimento pessoal."*
> Extensionista

Projeto *ATPIN*

Figura 1: Logomarca do projeto *ATPIN*, desenvolvida pela coordenadora e pelos extensionistas

Fonte: grupo GEPEX UnB

O *ATPIN* precisava atender à demanda da APB, que logo iniciou reuniões remotas por meio do Zoom, além de administrar o conteúdo de um grupo de WhatsApp, que foi utilizado para enquetes de *feedback*, consultas e orientações do tipo telefisioterapia. Os extensionistas também deram suporte, quando solicitado pelos diretores da APB, no manejo das suas redes sociais da @associaçãoparkinsonbrasilia.

> *"Percebi que os laços com os associados da APB foram fortalecidos e estreitados. Me uni mais à equipe e isso fez a diferença, pois sempre ajudávamos uns aos outros."*
> Extensionista

Foram realizadas 42 reuniões com a APB pela plataforma Zoom, aos sábados, das 13h às 18h, até o retorno da presencialidade, inclusive a organização de eventos como a comemoração do Dia Mundial do Parkinson e uma Festa Junina.

"Não foi fácil a experiência na pandemia, mas eu aprendi muito ao longo desse trajeto. A cada dia, uma nova experiência!"
Extensionista

"Aperfeiçoei minha voz de comando, melhorei meu olhar clínico para as dificuldades das pessoas – e as minhas – durante a execução dos exercícios online."
Extensionista

Segundo os relatórios finais, o projeto *ATPIN* alcançou um público estimado de 5.257 pessoas que visualizaram as atividades, sendo: 874 visualizações das *Atividades Domiciliares*; 4.059 visualizações de nossos *reels* no Instagram; 216 visualizações da atividade na Semana Universitária; e 74 visualizações no vídeo de apresentação de bolsista no Encontro dos Extensionistas, no canal do DEX no YouTube.

Ao todo, foram produzidos 90 vídeos, sendo 55 da playlist *Atividades Domiciliares*: 19 vídeos com atividades cognitivas, 18 com atividades motoras, 18 de treino respiratório e 18 com treino de ritmo, mantendo o modelo de circuito de exercícios sensoriais. Cada estação do circuito de exercícios era planejada, ao longo da semana, pelos extensionistas; 10 vídeos com orientações para dor lombar – uma queixa apresentada no grupo de WhatsApp –; e sete vídeos em parceria com o maestro Givas Demore, regente do coral da APB.

Os primeiros vídeos foram caseiros e com pouca qualidade de edição. Então, em 2021, o projeto possibilitou o ingresso de um extensionista com expertise na produção e edição de conteúdo digital, o que permitiu a produção de mídias com melhor qualidade de edição.

"Foi uma experiência desafiadora e muito enriquecedora. Realizei meu desejo de aprender edição de vídeo."
Extensionista

Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse a playlist *Atividades Domiciliares*, com 55 vídeos.

"A ATPIN expandiu o alcance de pessoas em seus vídeos de ensino e atividades domiciliares, mantendo todos unidos, mesmo que distantes fisicamente, e ativos."
Extensionista

"Achei interessante a quantidade de possibilidades de exercícios, e o empenho dos extensionistas foi importante para o envio de vídeos com exercícios para fazer em casa."
Associado da APB

Projeto *QueroDança*

Figura 2: Logomarca do projeto *QueroDança*, desenvolvida pela coordenadora e pelos extensionistas

Fonte: grupo GEPEX UnB

Nosso objetivo era produzir um roteiro e uma intermediação do imaginário coletivo, da consciência, da expressão e da percepção de corpo, espaço e tempo; do trabalho prático que a equipe já estava desenvolvendo na CAL e que não queríamos interromper.

"O tempo que dedicamos à produção do videodança trouxe refúgio para o corpo e a mente."
Extensionista

Após algumas reuniões iniciais, no dia 22 de maio de 2020, aconteceu a primeira reunião, marcando o início da discussão sobre o projeto, que culminou com a filmagem coletiva (conectados pelo Teams), em 14 de agosto do mesmo ano. Foram três meses até a finalização do produto.

"Os momentos de gravação eram oportunidades de expressar toda a aflição, ansiedade e preocupação pelo momento e pelo futuro, causadas

pelo isolamento. Durante as gravações, sentia uma liberdade que, ao mesmo tempo, era limitada."
Extensionista

A estreia do videodança *Confinadas* foi realizada no Programa da Semana Universitária, em setembro de 2020, no canal oficial do YouTube do Colegiado de Extensão da Faculdade de Ceilândia da UnB (@semunifce), obtendo mais de 680 visualizações, além de 400 visualizações no nosso canal do Instagram.

Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista à videodança *Confinadas*.

O processo criativo se deu, primeiramente, na investigação das emoções que cada uma estava experimentando, estando isolada de tudo e com a convivência restrita ao ambiente familiar.

Após identificar e estudar as emoções que apareceram, seguiram-se *brainstorms* (tempestade de ideias) que conduziram ao despertar dos movimentos, à composição coreográfica, à criação da poesia coletiva e à composição da música pelo maestro Givas Demore (regente do coral da APB); além da direção artística, geral e da edição das imagens, que foram filmadas em casa com celulares próprios.

Emoções primárias de saudade, ansiedade e solidão foram identificadas, gerando outras secundárias, que se relacionavam entre si e influenciavam os sentimentos, transformando-os em bons ou ruins, ou até mesmo bons e ruins ao mesmo tempo.

"Sou muito feliz por fazer parte disso e por ter me trazido propósito e sentido para continuar."
Extensionista

O videodança *Confinadas* foi classificado e participou dos seguintes eventos nacionais e internacional:

1. VI Edição do VideoDance Festival, em 2020, que reuniu produções audiovisuais de dança do mundo todo, com a participação de mais de 19 países, alcançando mais de 400 visualizações na plataforma do evento;
2. 16º IFest – Festival de Dança do Instituto Federal de Brasília (IFB), em 2020, no evento "Roda de conversa sobre o processo de composição coreográfica

da obra intermídia". Foram 12 visualizações no canal do evento, mas 685 visualizações em nossas mídias sociais;

3. V Festival Internacional de Dança de Fortaleza (Fendafor), em 2021, tendo sido premiado com o 2º lugar na categoria videodança, estilo livre – avançado;
4. I Seminário de literatura, performance e educação do IFB, no evento "Compartilhamento performático", alcançando 162 visualizações no site do evento.

Direcionada para o 18ª IFest – Festival do IFB, em 2021, a equipe produziu o videodocumentário *Confinadas: retratos de uma videodança*, com a história da videodança, apresentando os nomes mais influentes de criadores e artistas dessa modalidade e sua evolução histórica, alcançando 90 visualizações em nosso canal do YouTube. Esse material foi o resultado do estudo de revisão que a equipe realizou antes de iniciar o projeto da videodança e tem sido apresentado na disciplina de Composição Coreográfica, no curso de graduação em Dança do IFB. O produto também foi exibido no 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), em 2021.

Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista ao videodocumentário *Confinadas: retratos de uma videodança*.

Especialmente para o Programa da Semana Universitária 2021 da UnB, aproveitando que já estávamos manejando melhor os recursos de edição, a equipe produziu o vídeo *A arte liberta: produzindo videodança em tempos de pandemia*, com cenas não utilizadas em *Confinadas*, juntamente com depoimentos dos envolvidos. O trabalho obteve mais de 180 visualizações no canal do YouTube do DEX.

Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja o relato de experiência *A arte liberta: produzindo videodança em tempos de pandemia*.

Projeto *LACiMov*

Figura 3: Logomarca da Liga *LACiMov*, desenvolvida pela coordenadora e pelos extensionistas

Fonte: grupo GEPEX UnB

Como ligantes comprometidos com a indissociabilidade da extensão, do ensino e da pesquisa, a equipe se preocupou em planejar estratégias de comunicação.

Assim, foi confeccionado um vídeo com o intuito de incentivar os alunos das universidades federais a ocuparem seus espaços, com o título *A universidade federal é muito mais do que a sala de aula*. Esse produto mostrou os diferentes ambientes de ensino, pesquisa e extensão aos quais os universitários podem acessar. O *feedback* do público indicou que o ambiente online estava sendo um importante canal de interação, sendo avaliado como "muito bom" (Likert=4) e gerador de aprendizado (Likert=4).

A *LACiMov* incrementou suas redes sociais – YouTube, Instagram e Facebook. No total, foram realizadas 364 postagens, alcançando mais de 51.071 pessoas no Instagram, além de 36 mil visualizações e 456 novos inscritos no YouTube (tabela 1). Foram cadastradas novas contas advindas de regiões do Centro-Oeste (Planaltina, Valparaíso e Novo Gama, em Goiás; Brasília, Taguatinga, Ceilândia, São Sebastião, Jardim Botânico, Samambaia, Paranoá, Riacho Fundo, Águas Claras e Guará) e do Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo).

Tabela 1: Indicadores de engajamento nas redes sociais da *LACiMov*

Canais	Alcance	Seguidores
Facebook	118 contas	721 pessoas
YouTube	36.147 contas	456 pessoas
Instagram	14.806 contas	2.248 pessoas
Total	**51.071 contas**	**3.415 pessoas**

Fonte: elaborado pelos autores

Nosso público foi predominantemente formado por mulheres (71%), com idades entre 24 a 34 anos (52%), das regiões Sudeste (58,6%) e Centro-Oeste (48,4%). Esse resultado

corrobora o estudo de Silva e Olinto (2015) sobre as diferenças de gênero no uso das tecnologias da informação. O artigo demonstrou que o público feminino possui maior interesse pela utilização das redes sociais da internet do que o público masculino, assim como observado em nosso relato de experiência.

Centenas de pessoas compartilharam nosso conteúdo com seus seguidores, salvaram nossas postagens, responderam aos questionários de satisfação e percepção de aprendizagem e deram *feedbacks* ao vivo e pelo canal aberto para esse fim. A possibilidade de realizar comentários e a facilidade de fazer contato configuraram-se como ferramentas para o constante *feedback* do público, que também opinou, em escalas Likert, sobre satisfação (1 – muito ruim, 2 – ruim, 3 – regular, 4 – bom e 5 – muito bom) e percepção de aprendizagem (1 – não aprendi nada, 2 – não aprendi, 3 – indiferente, 4 – aprendi e 5 – aprendi muito).

Utilizamos as curtidas (likes), os comentários e as mensagens inbox como indicadores de dados sobre o público externo, o que possibilitou elencar, por ordem de prioridade, os conteúdos mais relevantes. Todos foram contemplados para que pudéssemos atingir o maior número de pessoas.

De acordo com os dados encontrados, o Instagram foi a rede que mais teve comentários e curtidas no período, assim como ocorria antes da pandemia. A plataforma proporciona retorno do público em tempo real e, muitas vezes, direcionou o debate durante a atividade. O YouTube veio em seguida, sendo considerado um produto da cultura participativa, pois o público é capaz de se comunicar com os criadores de conteúdo de forma dinâmica e em tempo real (Cavalcanti; Cristiane, 2016, p. 856-868).

Nossos resultados nas redes sociais sugerem um efeito de interação dialógica com a sociedade, que é um dos pilares da extensão universitária (Brasil, 2018) e orientou o desenvolvimento das relações entre a universidade e setores sociais, por meio da troca de saberes e da transformação social.

A equipe agregou valor ao *ATPIN* na organização e no suporte durante as reuniões na plataforma Zoom, participou ativamente da produção de conteúdo para o *QueroDança* e, em contrapartida, teve suas redes sociais, @lacimov, incrementadas. Mesmo com as dificuldades encontradas, a equipe conseguiu realizar as atividades planejadas com sucesso e se adaptou ao universo digital de forma positiva no contexto geral.

"A socialização online causou entrosamento e engajamento também entre nós. Exercitamos a empatia e recebemos reconhecimento carinhoso da sociedade."

Extensionista

Imediatamente depois da pandemia

"A experiência virtual foi rica. Aprendemos muitas coisas que não sabíamos, como manipular o Office, Moodle, YouTube, WhatsApp, Instagram e Facebook para promover atividades de extensão."
Extensionista

O perfil alcançado no modelo remoto de extensão apareceu nos relatórios finais de extensão de 2021 e 2022. A equipe observou uma mudança de conteúdo e de público. Carregar somente o nome *LACiMov* não fazia mais sentido, já que a comunicação havia se ampliado.

O Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão (@gepex.unb), no Instagram, YouTube e Facebook, une agora estudantes, pesquisadores, organizações sociais e profissionais de saúde de Goiás e do Distrito Federal, além de também alcançar o Rio de Janeiro e São Paulo – uma parcela da sociedade que não era alcançada pelas nossas atividades presenciais. As mídias do @gepex.unb são uma realidade integradora e indissociável.

A organização da *live Fisiologia da força muscular e NMES*, em 2022, com transmissão ao vivo pelo YouTube e Instagram, ocorreu para atender a uma demanda gerada em 2021, antes do retorno à presencialidade, resultado de uma enquete que apontou a temática como prioritária pelo público de seguidores.

Considerações finais

O ambiente remoto e as redes sociais passaram a integrar permanentemente as atividades de extensão do grupo, guardadas as devidas identidades de cada PEAC, favorecendo uma integração dialógica instantânea, dinâmica e em tempo real com a sociedade – e isso nos cativou.

Não há como dizer que o saldo da pandemia tenha sido positivo para nós. Nossa equipe perdeu pessoas queridas no processo, sofreu com a solidão, a depressão e a ansiedade, sentiu saudades e chorou muitas vezes.

Entretanto, o resultado exitoso surpreendeu a equipe, que aprendeu sobre intervenções online e estabeleceu muitas novas relações pessoais e acadêmicas. Além de acumular indicadores de engajamento por meio de seguidores e visualizações nas redes sociais, pôde experimentar diferentes formatos de fazer extensão universitária e ser efetivo para o público externo que se propôs a atingir.

"Agradeço aos alunos da UnB que fizeram de tudo para suprir a falta dos exercícios presenciais, com dedicação, persistência, educação e paciência, procurando sempre nos atender com total deferência."
Associado da APB

"Costumo dizer que extensionistas são realizadores de sonhos.
A energia, a força, a persistência, a criatividade
e o protagonismo deles fazem acontecer.
Sempre fazem."
Coordenadora, equipe @gepex.unb

Referências

ANDERSON, T. Challenges and opportunities for use of social media in Higher Education. *Journal of Learning for Development*, v. 6, n. 1, p. 6-19, 2019.

ARCENEAUX, P.; DINU, L. The social mediated age of information: Twitter and Instagram as tools for information dissemination in higher education. *New Media & Society*, v. 20, n. 11, p. 4155-4176, 2018.

AVELAR, B. P. *Efeitos de um circuito de exercícios sensoriais na força muscular, equilíbrio e desempenho funcional de mulheres idosas*. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARCELLOS, C.; XAVIER, D. R. As diferentes fases, os seus impactos e os desafios da pandemia de covid-19 no Brasil. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 16, n. 2, p. 221-226, 2022.

BRASIL. *Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018*. Disponível em: https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/2665. Acesso em: 7 set. 2022.

CAVALCANTI, L.; CRISTIANE, K. Vídeos do YouTube como recurso didático para o ensino de história. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 11, n. 3, p. 856-868, 2016.

COSTA, J. *Efeitos de um circuito de exercícios sensoriais sobre o equilíbrio funcional e a possibilidade de quedas em mulheres idosas*. 2010. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

DOUGLAS, N.; SCHOLZ, M.; MYERS, M.; RAE, S.; ELMANSOURI, A.; HALL, S. *et al*. Reviewing the Role of Instagram in Education: Can a Photo Sharing Application Deliver Benefits to Medical and Dental Anatomy Education? *Medical Science Educator*, v. 29, n. 4, p. 1117-1128, 2019.

LIMA, S.; COSTA, A.; PINHEIRO, M. Redes sociais na educação: desdobramentos contemporâneos diante de contextos tecnológicos. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 4, p. 42341-42357, 2021.

MIGUEL, M.; SILVEIRA, R.; DEL MAESTRO, M. Extensão Universitária no enfrentamento da Covid-19: a universidade e o (re)configurar de projetos e ações. *AtoZ*, v. 10, n. 1, p. 72-84, 2021.

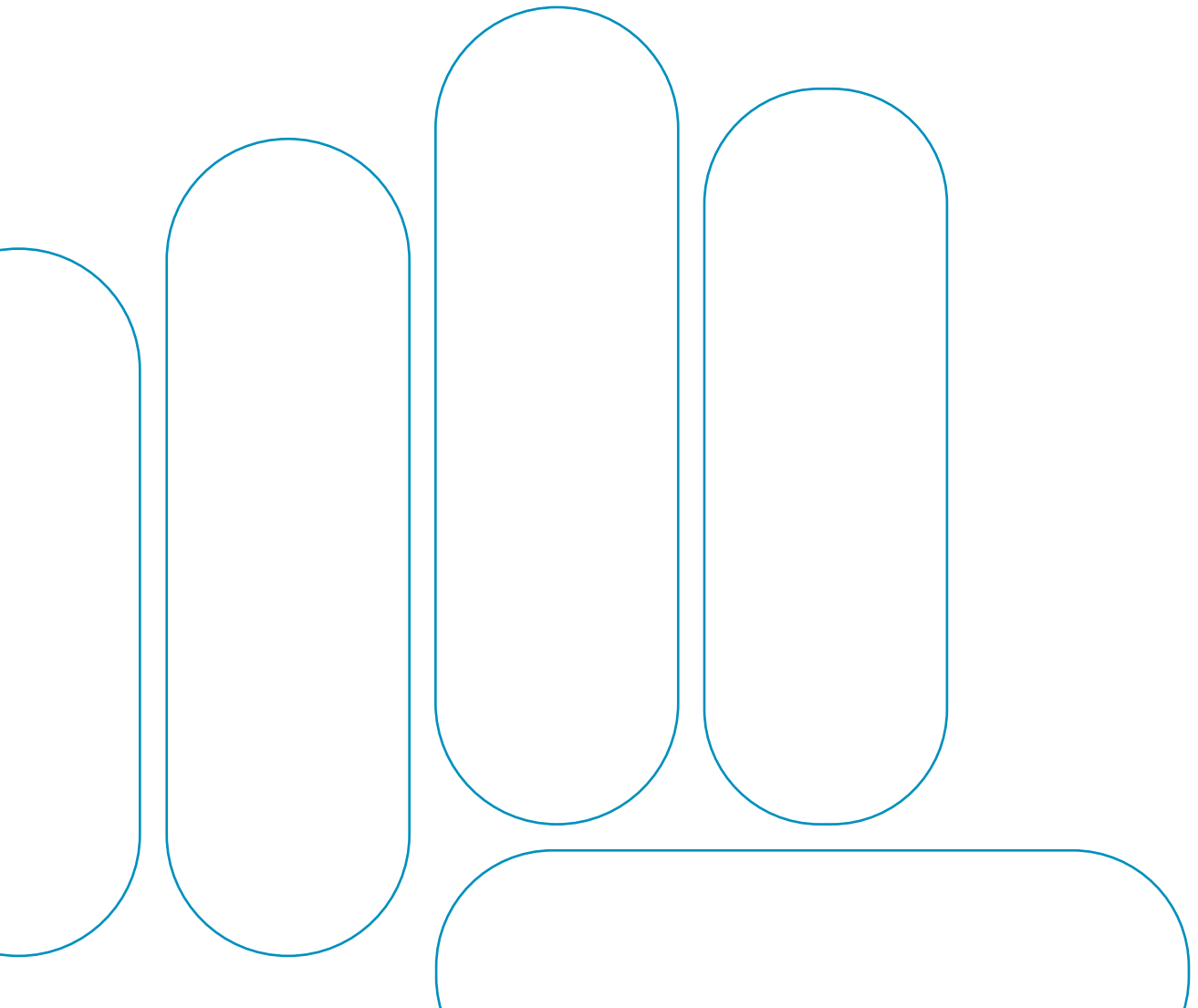
PAIVA, A.; MELO, A.; MARQUES, R. O processo de ensino-aprendizagem e as redes sociais: a necessidade de uma educação digital. *Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2020.

PEREIRA, P.; BORGES, F.; BATISTA, V.; TELES, L. Identificando práticas pedagógicas no Instagram: uma revisão sistemática. *Revista Eletrônica de Graduação e Pós-Graduação em Educação*, v. 15, n. 2, p. 1-19, 2019.

SANTOS, M.; LEITE, A. Contribuições das redes sociais da internet para o ensino de ciências. *Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2020.

SILVA, A.; OLINTO, G. Diferenças de gênero no uso das tecnologias da informação e da comunicação: um estudo na biblioteca parque de Manguinhos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1., 2015. *Anais [...]*. XVI Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2015.

TOMBINI, C.; ZAMPERETTI, M. As redes sociais nos espaços de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia. *In*: VI CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 6., 2021. *Anais [...]*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 158-167.



Capítulo 10

Grupo Expressão Cotidiana, escuta das vozes e saúde mental em ambiente virtual em tempos da covid-19

Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de Oliveira Silva[1]

Introdução

Este trabalho constitui-se como um relato de experiência de um grupo que foi adaptado para o ambiente virtual e funcionou durante todo o ano de 2020, como parte das ações do projeto *FOCO – Fenomenologia e Cotidiano*, o qual possibilitou acompanhar, por meio da escuta qualificada e do suporte mútuo à expressão cotidiana, a experiência da escuta das vozes durante a epidemia da covid-19 e as restrições sanitárias preventivas do isolamento social.

O conceito de cotidiano é apresentado com diversas compreensões. Segundo o dicionário, o cotidiano é aquilo que se faz todos os dias, o que acontece habitualmente, estando presente no modo de pensar e agir, tanto do sujeito isolado quanto do seu coletivo. Para Salles e Matsukura (2015, p. 197-210) o cotidiano não pode se restringir à ideia daquilo que é feito dia após dia, pois, além disso, abrange como o sujeito vê a si mesmo, como constrói sua identidade, como participa da vida comunitária e se refere às formas de organização social.

Heller (1994) comenta que o sujeito, no cotidiano, pode apropriar-se, a seu modo, da realidade e nela imprimir a marca de sua personalidade, mantendo sua particularidade.

[1] Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.

Galheigo (2020, p. 5-25) complementa, afirmando que o indivíduo se insere na sociedade, assimilando e participando do cotidiano da comunidade, e que suas experiências habituais resultam na instrumentalização da vida diária.

Este conceito, muito utilizado no campo das ciências da saúde e humanas, passou a ser relevante na literatura brasileira a partir de 1988, numa tentativa de torná-lo significativo para o desenvolvimento do usuário (Galheigo, 2020, p. 5-25).

Um indivíduo que passa por hospitalização, diagnóstico ou sofrimento psíquico apresenta, para alguns autores, uma ruptura em sua vida e a necessidade de cuidado ou de ser acompanhado por outra pessoa ou membro da família até seu restabelecimento, podendo também, quando esse cuidado afeta a cotidianidade do cuidador, apresentar desgastes psíquicos e interferência em suas ocupações (Machado; Dahdah; Kebbe, 2018, p. 299-313).

Diversos autores (Salles; Matsukura, 2015, p. 197-210; Galheigo, 2020, p. 5-25) associam que o cotidiano de uma pessoa atua diretamente sobre o cotidiano de outra e, por isso, é uma prática social transformadora. Sendo assim, o cotidiano, embora individual e singular, apresenta uma relação interpessoal, podendo suscitar diversos sentimentos, como satisfação, tédio, cansaço, entre outros.

Entretanto, a pandemia da covid-19, iniciada no final de 2019, tornou-se uma problemática de saúde pública histórica, com repercussão grave na população mundial e consequências diversas, especialmente em populações específicas, como pessoas em sofrimento psíquico grave, que, em virtude das medidas de prevenção sanitária, necessitaram cumprir o isolamento social, distanciando-se dos espaços de cuidado e das estratégias terapêuticas, o que comprometeu seu processo de saúde mental.

Pimentel e Silva (2020, p. 1-13) consideram que essa problemática de saúde pública interferiu não apenas na saúde da população, mas também na rotina cotidiana de todos, impondo um funcionamento coletivo para seguir orientações sanitárias preventivas. Contudo, para essas autoras, essa conjuntura comprometeu também o aspecto psicossocial, gerando emoções à flor da pele,[2] sofrimento psíquico e até mesmo a piora de pessoas em acompanhamento nos serviços de saúde mental, criando incertezas e desafios. As autoras afirmam que "toda esta conjuntura cria novos significados, valores e hábitos para o cotidiano da vida das pessoas" (Silva; Pimentel, 2021, p. 3).

Sabemos que, devido ao estado de isolamento social ao qual fomos submetidos nos últimos anos, sofremos uma ruptura no cotidiano, tornando-nos impossibilitados de exercê-lo em sociedade. Isso fez com que a reorganização da rotina se tornasse ainda mais necessária no dia a dia, focado em tarefas domésticas e afastado da busca de significados.

Pesquisas realizadas nesse período com 1.065 brasileiros com acesso à internet mostraram que 87% dos entrevistados tiveram impacto nas atividades ao ar livre, 83% em eventos e 82% na frequência a bares e restaurantes. Além disso, 77% dos jovens de até 29 anos passaram a evitar eventos sociais, e 86% dos homens e 89% das mulheres

[2] Pimentel e Silva (2020, p. 1-13) destacam o termo "emoções à flor da pele" como sinônimo de uma diversidade de emoções advindas de todo o processo vivenciado com a covid-19.

deixaram de fazer atividades de lazer (Barros; Lima; Malta; Szwarcwald; Azevedo, *et al.*, 2020, p. 23). Portanto, a ocorrência dessa nova rotina apresentou forte impacto na vida social da população brasileira, que abandonou hábitos sociais e passou a realizar atividades repetitivas todos os dias.

Silva e Pimentel (2021, p. 1-12), em estudo sobre o isolamento social na pandemia, com 231 colaboradores, mostraram consequências não apenas na saúde física, mas também na saúde psíquica, com emoções e comportamentos vivenciados, tais como: preocupação (93,9%), angústia (81,8%), medo (78,8%), tristeza (76,5%), choro fácil (47,2%), entre outros.

Segundo Salles e Matsukura (2015, p. 198), "o que as pessoas fazem no seu dia a dia, como vivem a cotidianidade, é um fator que influencia diversas áreas da vida, estando intrinsecamente ligado aos processos de saúde e doença." Se, por um lado, a forma como o ser humano vive o seu cotidiano afeta a saúde mental, por outro, os transtornos mentais têm efeito negativo sobre o cotidiano, tornando-se, assim, um ciclo em que um depende do outro. Esse ciclo corrobora com o cenário do isolamento social, no qual, ao mesmo tempo em que surgem insônia, estresse, depressão, ansiedade, irritabilidade, entre outras emoções comuns, também se torna um conflito o temor de retornar ao cotidiano, por medo de contaminação.

Para pessoas em tratamento nos serviços de saúde mental, esse cenário não foi diferente; contudo, adicionou-se também o distanciamento em relação aos serviços e ao cuidado direto que recebiam antes da pandemia, o que se tornou um fator de dificuldade para a criação de estratégias em saúde mental. Um exemplo disso são as pessoas que possuem experiências com a escuta de vozes, considerada pela psiquiatria uma sintomatologia psicopatológica, denominada alucinações auditivas.

É importante destacar que a abordagem de grupos de autoajuda de pessoas ouvidoras de vozes se desenvolve desde a década de 80, do século XX, em 26 países, como, por exemplo: Estados Unidos, Grécia, Palestina, Japão, Austrália, Dinamarca, Itália e Reino Unido – uma estratégia de grupo com pessoas que vivenciam a experiência da escuta de vozes. No Brasil, atualmente essa experiência ocorre no Rio de Janeiro, Campinas, Pelotas, Ribeirão Preto, Brasília e Belém do Pará, mas ainda se encontra em processo de socialização e implantação entre profissionais, serviços de saúde mental e a comunidade.

Essa estratégia, portanto, vem se desenvolvendo internacionalmente como um movimento em rede, denominado *Intervoice*, que considera a experiência – e não unicamente a concepção do sintoma da alucinação auditiva – e funciona por meio de grupos de autoajuda, em um espaço de troca, compartilhamento e manejo de vivências entre pacientes, familiares, profissionais e trabalhadores da saúde, sendo considerada uma estratégia de cuidado no modelo de *Recovery*[3] para o campo da saúde mental.

[3] O modelo de cuidado em *Recovery* é um paradigma que emergiu nos sistemas e serviços de saúde mental na década de 90, em várias partes do mundo, e que, sucintamente, apresenta como eixo central estratégias, suportes e atividades que promovem os relatos de experiências vividas e de luta, descoberta e mudanças pessoais, configurando-se como um processo de redescoberta, sentimento de identidade, autodeterminação e fortalecimento pessoal para viver, participar e contribuir com a comunidade (Duarte, 2007; Anastácio; Furtado, 2012).

Nesta abordagem, as alucinações auditivas abrangem a percepção das vozes como pensamentos, bem como a consciência da inter-relação com a vivência do mundo, que varia de acordo com o contexto social e cultural, como uma forma diferente de vivenciar o mundo em torno de si (Contini, 2017. 311 p.).

Nesse sentido, o cotidiano foi focalizado no projeto de extensão como uma expressão singular de cada pessoa (em que a escuta das vozes também é uma realidade pertencente ao cotidiano), ou seja, as atividades, rotinas e papéis sociais que envolvem cada indivíduo e constituem a base do desenvolvimento de si no mundo, por meio do pertencimento a uma vida cotidiana.

Com base nos propósitos descritos, apresenta-se, neste texto, o trabalho do grupo de suporte e apoio, desenvolvido em 2020 com usuários dos serviços de saúde mental, sobre a expressão cotidiana e as vivências com a escuta das vozes, como parte das atividades do projeto de extensão *FOCO – Fenomenologia e Cotidiano*.

Processo de trabalho

A experiência realizada no projeto de extensão *FOCO* denominou-se *Grupo de Expressão Cotidiana*. Esse grupo consistiu em reuniões, em ambiente virtual, com pessoas atendidas em serviços de saúde mental e que apresentavam vivências de escuta de vozes.

O projeto *FOCO – Fenomenologia e Cotidiano*, cadastrado como projeto de extensão do campus Ceilândia da Universidade de Brasília, sob o número 62098 no Decanato de Extensão (DEX), tem como objetivo desenvolver atividades formativas e de intervenção no campo do cotidiano e do mundo da vida, a partir do enfoque fenomenológico existencial. Participam discentes e docentes, usuários, familiares, profissionais do serviço e a comunidade em geral, na Associação Amigos da Saúde Mental (ASSIM), articulando e integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino.

A ASSIM é uma instituição não governamental, beneficente e filantrópica, localizada na Região Administrativa do Riacho Fundo I, no Distrito Federal, que funciona de segunda a sexta, das 8h às 18h, e aos sábados, das 8h às 12h. Atua como um centro de acolhimento em saúde mental para a comunidade, bem como para a ressocialização de pessoas portadores de transtornos mentais e emocionais, oferecendo diversas oficinas terapêuticas, profissionalizantes, lúdicas e de geração de renda.

Nesse sentido, uma das atividades que seria realizada na ASSIM, em 2020, era um grupo de autoajuda com pessoas que ouvem vozes, denominado “Grupo de ouvidores de vozes”. Entretanto, com a pandemia da covid-19 e as restrições sanitárias preventivas iniciadas em março daquele ano, no Distrito Federal, as atividades presenciais foram suspensas, sendo necessário reestruturar o planejamento do grupo *FOCO*.

Vale ressaltar que apesar do cenário da covid-19, das orientações sanitárias vigentes e da impossibilidade de desenvolver o planejamento do grupo, as demandas institucionais – tanto da ASSIM quanto dos usuários dos serviços – foram preponderantes para

a continuidade de um espaço terapêutico, agora em ambiente virtual, que possibilitasse a manutenção do trabalho, com suporte logístico da web pelos extensionistas do *FOCO*, além do apoio e parceria da ASSIM e de uma terapeuta ocupacional do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

O grupo foi realizado ao longo do ano de 2020, quinzenalmente às terças-feiras, com duração de uma hora e meia, por meio da plataforma Google Meet. Os links dos encontros eram enviados diretamente aos integrantes do grupo terapêutico, através de um grupo no WhatsApp, e também divulgados nas redes sociais para os serviços da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

Assim, ao todo, ocorreram 10 encontros, no período de agosto a dezembro, com uma média de 13 a 14 participantes, além de discentes extensionistas da iniciação científica, a coordenadora do projeto *FOCO* e profissionais dos CAPS, como residentes e a terapeuta ocupacional.

Neste espaço, foram abordadas dinâmicas autoexpressivas sobre o cotidiano e suas inter-relações com a atualidade, ou seja, as condições frente à pandemia da covid-19 e ao isolamento social, o sofrimento psíquico, a vivência da escuta de vozes, os contextos socioemocionais e as estratégias para administrar o cotidiano e promover o bem-estar em saúde mental, sempre de forma dialógica, com trocas de experiências, ajuda e suporte mútuo.

São exemplos de algumas temáticas desenvolvidas no período: autorrelato sobre o cotidiano e as emoções advindas dele; descrição de atividades prazerosas do cotidiano e suas repercussões/expressões para o bem-estar; utilização de recursos como música e atividades lúdicas; realização de eventos culturais e artísticos com produções realizadas pelos membros; partilha de experiências sobre o ouvir vozes e estratégias cotidianas para lidar com esse fenômeno.

A dinâmica realizada com cada grupo constitui em: *i*) apresentação e narrativa sobre expressões significativas ocorridas no cotidiano; *ii*) participação da dinâmica orientada a cada encontro; *iii*) trocas entre os participantes sobre as produções expressas; e *iv*) fechamento, com a repercussão do grupo sobre os sentimentos, as emoções e palavras de apoio coletivo.

A cada encontro foi organizado um diário narrativo sobre o grupo,[4] as expressões apresentadas e a percepção do narrador acerca da dinâmica realizada e da interação interpessoal. Todo o conteúdo foi organizado em uma planilha temática e analisado sob o enfoque fenomenológico-hermenêutico da linguagem escrita, com o objetivo de levantar as estruturas significativas da experiência e, assim, desvelar modos de produção de sentidos, por meio dos atos e funções da fala (Ricoeur, 1978).

[4] O grupo *FOCO – Fenomenologia e Cotidiano* também atua como grupo de pesquisa, com projetos de iniciação científica, entre os quais se destaca: *Modos de expressão cotidiana e singular de pessoas em sofrimento psíquico grave*, aprovado pelo CEP/ICS/UFPA sob os nº 3.236.466 e 3.780.300.

Sentidos da expressão cotidiana

É evidente que a população brasileira ressignificou o cotidiano e reaprendeu a viver "o novo normal", no qual nos isolamos em casa, mantemos distância de dois metros das pessoas nas ruas, usamos máscaras e álcool como proteção. Aos poucos, na tentativa de retorno ao cotidiano social, o cinema se tornou drive-in e os restaurantes criaram cabines particulares. Esse cenário corrobora com Salles e Matsukura (2015, p. 197-210), que afirmam ser comum que, diante de uma doença, a ruptura no cotidiano seja certa, e que o ser humano se adapta e cria novas formas de construção.

Nesse processo, as pessoas em sofrimento psíquico grave acumularam danos significativos, tanto no aumento e manutenção dos sintomas agudos, quanto na continuidade do cuidado em saúde mental por parte dos serviços, bem como nas condições psicossociais do cotidiano. Assim, o grupo terapêutico de expressão cotidiana configurou-se como um espaço de respeito, confidencialidade e escuta, com o objetivo de ressignificar as vivências cotidianas dessas pessoas, possibilitando trocas e protagonismo para estratégias em saúde mental.

Sendo assim, os dados analisados nos relatórios dos encontros em 2020 configuraram três sentidos da linguagem sobre o grupo, a expressão cotidiana e as vivências da escuta das vozes: *i*) desafios significativos do cotidiano; *ii*) o significado do cotidiano; e *iii*) a percepção sobre os encontros no isolamento social e nas estratégias de saúde mental.

Inicialmente, extensionistas do grupo *FOCO* compreenderam que os encontros terapêuticos foram sempre espaços frutíferos, nos quais os usuários dos serviços mostraram-se receptivos, afetuosos e com boa interação entre si. Observou-se que alguns participantes se identificaram uns com os outros, produzindo confiança e abertura para trocas, demonstrando maior empatia em relação às narrativas, com reconhecimento de si e dos outros.

Os aspectos e desafios significativos do cotidiano são sentidos na linguagem apresentada nos grupos, nos quais se compreendem as interferências vivenciadas cotidianamente, fortalecidas pela permanência no domicílio, ocasionada pelo isolamento social, tais como:

A. O aumento de sintomas agudos, decorrente do cenário de incertezas, *fake news*, mortes e noticiários, associado à ausência do cuidado anteriormente oferecido pelos serviços;
B. Conflitos familiares permanentes, em consequência dos desgastes – primariamente causados pelos danos do adoecimento – ocasionados pela convivência intradomiciliar;
C. Sentimento de medo advindo da experiência de ouvir vozes, com evolução do fenômeno para maior frequência de vozes negativas, que apresentam conteúdos de menos-valia, controle e ordem, causando embotamento, agitação, insônia e levando a crises psíquicas;

D. Organização de estratégias singulares para lidar com os desafios do cotidiano, descobrindo possibilidades que se constituem como uma válvula de escape das vozes negativas.

Portanto, o sentido da linguagem apresentado nos grupos mostrou uma ambivalência: por um lado, o isolamento social teve como consequências fatores adversos no domicílio e na saúde mental; por outro lado, a experimentação no cenário real promoveu uma forma de protagonismo na busca de estratégias, não pela utopia da cura e da normalidade, mas por atividades que possibilitassem uma aprendizagem sobre sua vivência de sofrimento, como o conteúdo das vozes.

Dessa forma, o *Grupo de Expressão Cotidiana* permitiu um espaço de diálogo, desmistificando signos psicopatológicos da psiquiatria tradicional e contribuindo para a organização de estratégias cotidianas de respostas protetivas em saúde mental.

Pontes e Calazans (2017, p. 108-117) fazem uma crítica aos manuais classificatórios utilizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que servem como diretrizes para o diagnóstico, os quais apresentam o fenômeno como um sintoma de esquizofrenia e de outros transtornos psicóticos, caracterizado como um problema de realidade alterada ou erro de percepção, dificultando qualquer forma de reflexão sobre o fenômeno, visto apenas como um signo psicopatológico. Nessa lógica, observa-se que, usualmente, a intervenção realizada nos serviços ainda tem sido a remissão do sintoma, unicamente por meio da terapêutica medicamentosa, sem qualquer tipo de compreensão e manejo da experiência em si, tanto pelos profissionais quanto pela própria pessoa que a vivencia e seus familiares.

Para além dessa compreensão, Costa (2017) apresenta uma definição de sofrimento psíquico distante da nosografia clássica: uma manifestação aguda da angústia humana, expressa pela linguagem ou pelo comportamento, que afeta a posição existencial singular da pessoa e a sua expressividade nas relações afetivas, sociais e culturais. Para esse autor, não se trata de negar o sintoma em si, mas de compreendê-lo em suas diversas dimensões – não somente a biológica, mas também as fenomenológicas, existenciais, sistêmicas, psicanalíticas, vivenciais e, acima de tudo, éticas. Logo, captar o significado do fenômeno das alucinações auditivas requer a adoção de um processo clínico-relacional, que apreende a vivência da pessoa como ser histórico, recuperando a dimensão de normalidade e de sentido da vivência no mundo natural, incluindo qualquer sofrimento, mesmo aqueles tidos como “psicóticos” (Silva; Costa, 2010).

A cada encontro, um dos participantes do grupo apresentava a atividade elegida que realizava no domicílio, sendo apresentadas tarefas domésticas como costurar uma boina, modelar argila, escrever poemas, cuidar de si e do ambiente em que vivem, cozinhar, ler livros, tirar um tempo para si, fazer amigos e tocar instrumentos. Também foram descritas práticas como a participação em organizações religiosas, atividades relacionadas ao movimento social da luta antimanicomial e características da profissão exercida. Para

alguns dos participantes, há a autoafirmação dessas atividades como aspectos laborais, reconhecendo-se como artistas e artesãos.

Essas atividades foram apresentadas pelos integrantes nos encontros e mostraram-se conteúdos de interesse, favorecendo espaços de possibilidades do fazer, como a diminuição de sentimentos de frustração, raiva e menos-valia, bem como uma forma de manejar os pensamentos e as vozes negativas. Além disso, contribuíram para minimizar os danos do isolamento social, tornando os momentos prazerosos, sendo a troca de atividades no grupo uma forma de renovar os pensamentos e estimular novas ideias de tarefas.

Esse espaço de apresentação de atividades realizadas e significativas do cotidiano corrobora os estudos de Salles e Barros (2009, p. 11-16), que descrevem percepções sobre o cotidiano no adoecimento mental como uma ruptura, marcada pela ausência de interesse, falta de oportunidades, monotonia, laços sociais frouxos, exclusão da rede primária e secundária, afastamento do trabalho, perdas materiais e afetivas, sendo, assim, desvalorizada e excluída do seu contexto social, como uma "impressão de desconexão com o mundo compartilhado" (p. 15). Os autores ainda sugerem investimentos dos profissionais nos serviços de saúde mental para a inserção social da pessoa com doença mental em atividades da vida cotidiana, que promovam, processualmente, a conquista de autonomia e de um lugar social, até enfrentar grandes desafios, como a inclusão no mercado de trabalho e os relacionamentos afetivos. Afinal, segundo Salles e Matsukura (2015, p. 62), "nós somos o que fazemos e a ocupação é uma parte essencial do self."

O significado de "cotidiano" foi uma temática de um dos encontros e sempre retornava como conteúdo, sendo considerado sob diversas compreensões: como forma de viver a vida da melhor forma possível; como acreditar em um novo amanhã; como as novas habilidades que se buscam na quarentena com significado; como tudo o que se faz com dedicação, dando sentido ao mundo; e como a experiência vivenciada no mundo. Dentre tantos significados, é importante destacar um sentido apresentado nos grupos: a narrativa da ocupação no cotidiano auxilia na contenção e no cuidado das crises.

Finalmente, nos encontros do grupo, todos os participantes – ou seja, usuários e técnicos dos serviços, bem como integrantes do *FOCO* – apresentavam sua percepção sobre o desenvolvimento dos encontros. De um modo geral, o significado dos encontros no contexto do isolamento social e das estratégias de saúde mental possibilitou a criação de um espaço para narrativas sobre o mundo da vida, anterior e independente do processo patológico e do percurso de tratamento nos serviços.

Consideraram o *Grupo de Expressão Cotidiana* como um espaço de autoidentificação entre os participantes, com trocas significativas e empatia; de reconhecimento de papéis ocupacionais, como artistas e artesãos, favorecendo sentimentos de valia, cuidado e autoestima; e de autoconfiança para desmistificar experiências do cotidiano, como, por exemplo, a escuta de vozes, lidando, assim, por meio de estratégias, com sentimentos como angústias e medos.

Considerações finais

O trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão *FOCO*, denominado *Grupo de Expressão Cotidiana*, no ano de 2020, promoveu acompanhamento em saúde mental no período da pandemia e do isolamento social, contexto em que se observou de forma clara a ruptura do cotidiano, principalmente para pessoas em sofrimento psíquico grave, devido à impossibilidade de continuidade no tratamento nos serviços de saúde mental.

A atividade de extensão realizada mostrou-se promotora de saúde mental durante a pandemia da covid-19 e diante das normas sanitárias instituídas, como o isolamento social, possibilitando tanto um espaço de continuidade terapêutica dialógica e de ressignificação cotidiana com pessoas em sofrimento psíquico grave, quanto a produção da extensão universitária, construindo, com os extensionistas, a relação ensino-aprendizagem em saúde mental.

Com este trabalho de extensão, cumprimos o objetivo de apresentar uma prática extensionista que promove a saúde mental, por meio da compreensão da experiência do sofrimento psíquico, da escuta de vozes e da expressão cotidiana, comprometidas pelo cenário de pandemia, instigando a ajuda e o suporte mútuo, que repercutem em autocuidado e protagonismo.

Consideramos que se fazem necessárias e urgentes investir em abordagens inovadoras em saúde mental, que se aproximem das reais demandas da pessoa, valorizando a compreensão subjetiva e histórica, como, por exemplo, no fenômeno de ouvir vozes. O grupo *FOCO – Fenomenologia e Cotidiano* acredita que, diante da necessidade de classificação dos signos psicopatológicos, o compartilhamento da experiência, a pluralidade, a autonomia e a liberdade no cuidado de si mesmo são eficazes para a promoção da saúde mental.

Referências

BARROS, M.; LIMA, M.; MALTA, D.; SZWARCWALD, C.; AZEVEDO, R.; ROMERO D. *et al*. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, v. 29, n. 4, p. 23, 2020.

CONTINI, C. *Ouvir vozes*: manual de enfrentamento. Pelotas: Santa Cruz. 2017. 311 p.

COSTA, I. A crise psíquica enquanto paradigma do sofrimento humano. (Re) pensando o psíquico como expressão do existir e seu cuidado. *In*: FARIAS, N. J.; HOLANDA, A. F. (org.). *Saúde mental, sofrimento e cuidado*: fenomenologia do adoecer e do cuidar. Curitiba: Juruá, 2017.

DICIO. *Cotidiano*. Disponível em: https://www.dicio.com.br/cotidiano/. Acesso em: 7 ago. 2020.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 28, n. 1, p. 5-25, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao2590. Acesso em: 14 mar. 2021.

HELLER, A. Sociologia da vida cotidiana. 4. ed. Barcelona: Península, 1994.

MACHADO, B. M.; DAHDAH, D. F.; KEBBE, L. M. Cuidadores de familiares com doenças crônicas: estratégias de enfrentamento utilizadas no cotidiano. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 26, n. 2, p. 299-313, 2018. Disponível em: https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1979. Acesso em: 14 mar. 2021.

PIMENTEL, A.; SILVA, M. N. Saúde psíquica em tempos de corona vírus. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. 1-13, 2020. Disponível em: http://repositoriocovid19.unb.br/repositorio-produtos/artigo-saude-psiquica-em-tempos-de-corona-virus/. Acesso em: 28 maio 2025.

PONTES, S.; CALAZANS, R. Sobre alucinação e realidade: a psicose na CID-10, DSM-IV-TR e DSM-V e o contraponto psicanalítico. *Psicol. USP*, v. 28, n. 1, p. 108-117, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-656420140101. Acesso em: 28 maio 2025.

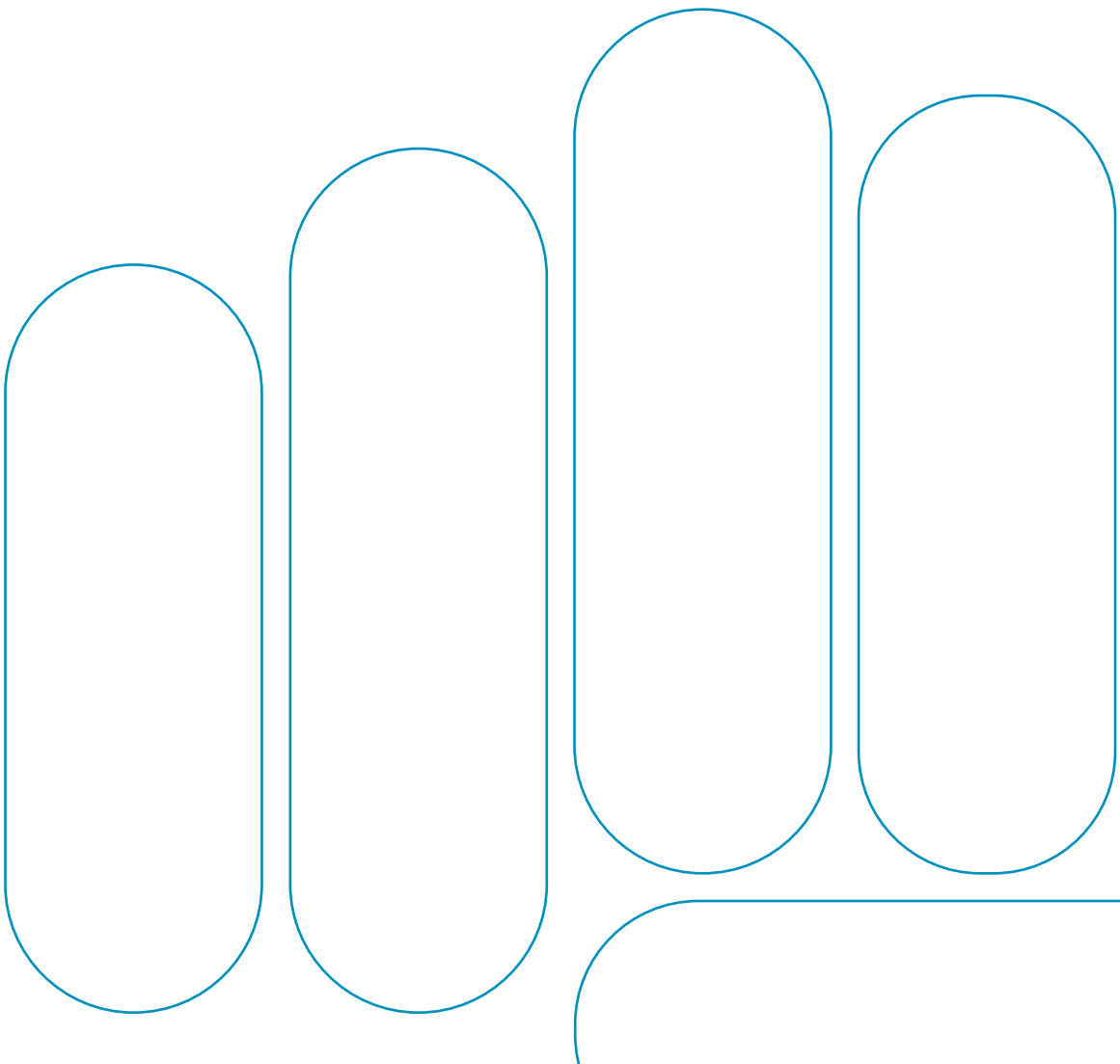
RICOEUR, P. *O conflito das interpretações*: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago. 1978.

SALLES, M. M.; BARROS, S. Vida cotidiana após adoecimento mental: desafio para atenção em saúde mental. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 11-16, fev. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/NLZXtHgrV9wVMLH4mbskJdy/abstract/?lang=pt. Acesso em: 28 maio 2025.

SALLES, M. M.; MATSUKURA, T. S. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da Terapia Ocupacional na literatura de língua inglesa. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 23, n. 1, p. 197-210, 2015. Disponível em: https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/928. Acesso em: 28 maio 2025.

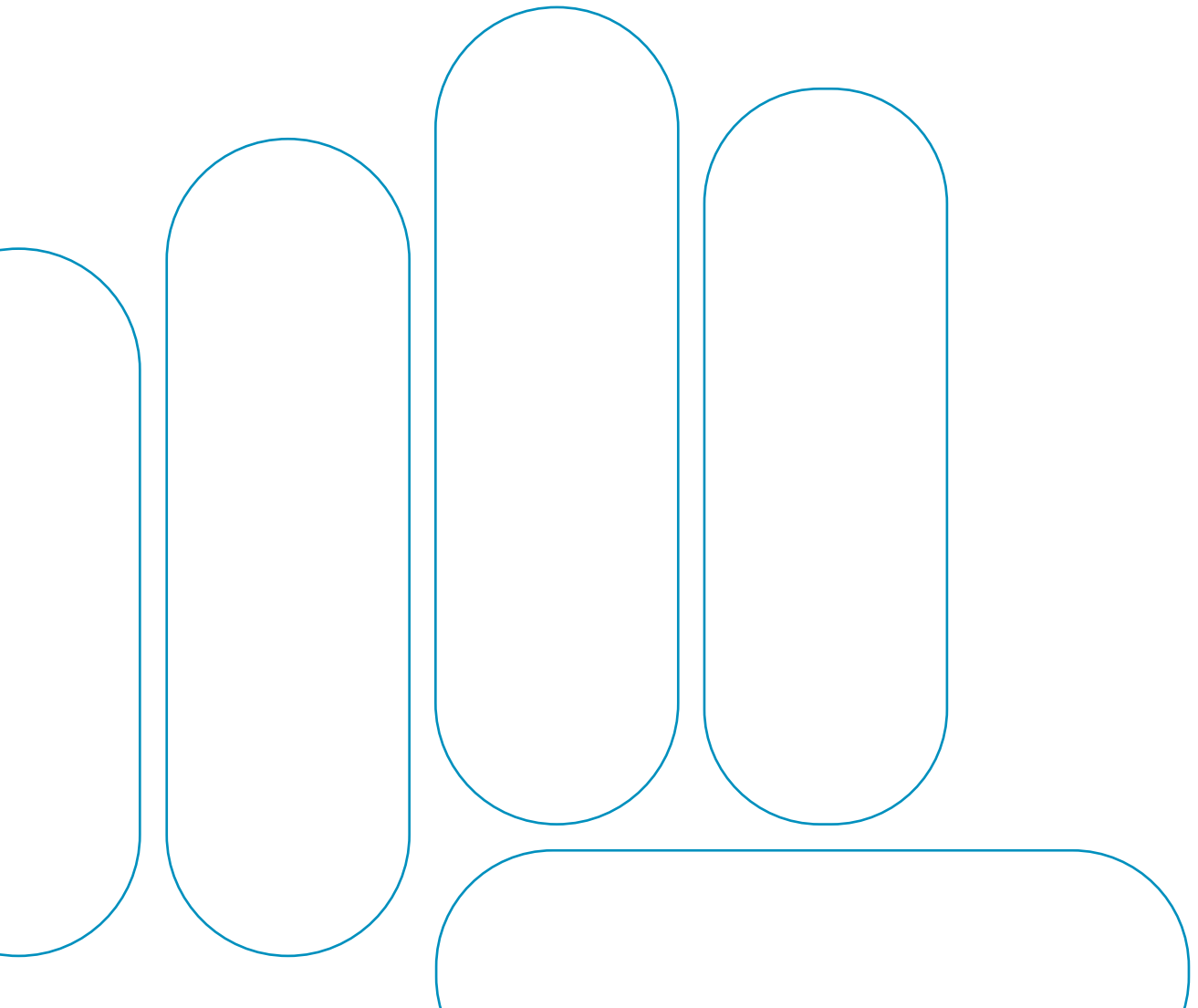
SILVA, M.; COSTA, I. (Redes) cobrindo relações no sofrimento psíquico grave: cronicidade e possibilidades. In: COSTA, I. I. (org.). *Da psicose aos sofrimentos psíquicos graves*: caminhos para uma abordagem completa. Brasília: Kaco Editora. 2010.

SILVA, M.; PIMENTEL, A. Desvelando o isolamento social no cotidiano vivido na pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 3, p. 1-12, 2021



Seção III.

Retratos da Semana Universitária da UnB



Capítulo 11

Troca de saberes entre o IBAMA e o curso de Fonoaudiologia da UnB: Programa Silêncio

Stefânia Alves dos Santos[1]
Jéssica Ângela dos Santos[2]
Adryelly Gripp da Silva[3]
Felipe de Oliveira Rodrigues[4]
Isabella Monteiro de Castro Silva[5]

Introdução

Os problemas de poluição sonora têm sido destaque ao longo dos anos, principalmente em áreas urbanas. O excesso de som pode ser uma ameaça ao bem-estar público, à saúde humana e à qualidade de vida (Conferência da Terra, realizada no Rio de Janeiro, em 1992). De acordo com a *World Health Organization* (2003), a poluição sonora é, depois da poluição do ar e da água, o problema ambiental que afeta o maior número de pessoas. Por essa razão, considerando que os problemas de poluição sonora se agravam ao longo do tempo, nas áreas urbanas, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) instituiu o Programa Nacional de Educação e Controle da Poluição Sonora – Programa Silêncio, coordenado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), conforme a Resolução Conama nº 2, de 1990.

[1] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[4] Fonoaudiólogo graduado e pós-graduado pela Universidade de Brasília.
[5] Docente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

Esse programa tem como objetivos promover cursos, divulgar material educativo, conscientizar a população e incentivar a fabricação de equipamentos menos ruidosos.

Em 2019, instituiu-se um contrato de cooperação técnica entre o Ibama e a Universidade de Brasília (UnB), a fim de fortalecer o programa, ampliar seu alcance e divulgação, e inserir o meio acadêmico em sua elaboração e prática.

Anualmente, desde sua criação, em 2000, ocorre a Semana Universitária da Universidade de Brasília (UnB), organizada pelo Decanato de Extensão (DEX). Nesse momento, realizam-se centenas de atividades acadêmicas com a proposta de unir a comunidade interna e externa da UnB, promovendo a troca de saberes e a mostra de produções acadêmicas e culturais da instituição.

Durante sua realização, no ano de 2019, foi oferecido o curso *Programa Silêncio – Educação Ambiental e Saúde Auditiva*, com o intuito de integrar o conhecimento e a atuação entre as duas instituições.

Metodologia

O curso *Programa Silêncio – Educação Ambiental e Saúde Auditiva* foi realizado durante a Semana Universitária da UnB, em 2019, de forma presencial, na sede do Ibama, e constituiu-se de aulas expositivas sobre os seguintes temas: educação ambiental, saúde auditiva, *Programa Silêncio* e Selo Ruído. Participaram alunos do curso de Fonoaudiologia, de diversos semestres, e servidores do Ibama. O curso teve duração de cinco dias, com carga horária de 40 horas e, ao final, os alunos, junto aos servidores, realizaram apresentações de projetos de educação ambiental sobre o *Programa Silêncio*, como forma de avaliação e contribuição sugestiva para propostas futuras.

Experiência e discussão

Muitos dos alunos que participaram do curso estavam iniciando projetos de Iniciação Científica (PIBIC) relacionados ao Selo Ruído. Portanto, as aulas forneceram base teórica para que os estudantes pudessem realizar as coletas de dados. Durante as aulas, os participantes discutiam e debatiam os temas apresentados, além do compartilhamento em informações e trocarem experiências.

Ao final do curso, os participantes foram separados em quatro grupos, e cada grupo deveria desenvolver um projeto de ação que relacionasse os temas: saúde auditiva, poluição sonora e divulgação do Selo Ruído. Desses projetos, dois PIBIC foram desenvolvidos: um sobre a divulgação do Selo Ruído entre trabalhadores que utilizam aspiradores de pó e outro sobre a divulgação do Selo Ruído entre trabalhadores que utilizam liquidificadores.

A partir desse evento e munidas do conhecimento necessário, as equipes prosseguiram com as coletas de dados em seus respectivos campos. As coletas foram finalizadas em 2020, apesar da pandemia, mas sempre respeitando as medidas de segurança exigidas naquele momento.

O produto científico advindo da soma desses esforços trouxe discussões a respeito da limitação temporal de exposição ao ruído, necessária para a minimização dos efeitos sobre a audição dos trabalhadores; da importância da conscientização desses profissionais e de seus contratantes quanto aos riscos e malefícios dessa exposição prolongada; e da importância da utilização do equipamento de proteção individual durante o turno de trabalho, visando medidas e cuidados essenciais à saúde auditiva desses indivíduos e à prevenção de danos exacerbados à audição.

Os trabalhos provindos desse momento foram apresentados em congressos e eventos científicos de grande relevância no âmbito acadêmico e nas áreas da saúde e da tecnologia.

Considerações finais

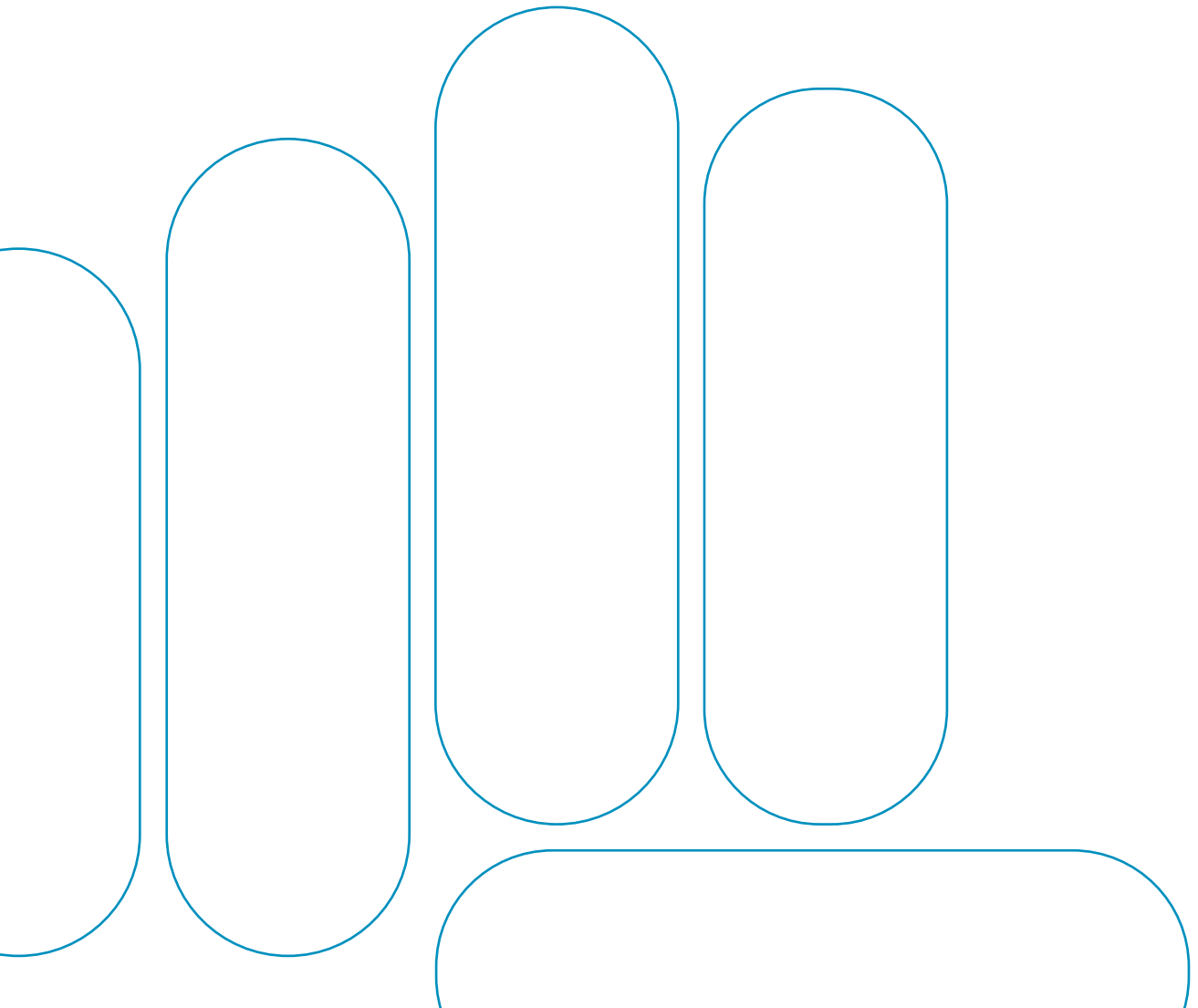
Acreditamos que esta parceria pode contribuir para discussões e reflexões a respeito da importância e das ações voltadas à comunidade, advindas da colaboração entre instituições externas, governamentais ou não, e a comunidade acadêmica como um todo. Por intermédio da Semana Universitária, foi possível integrar conhecimento técnico, acadêmico e científico em prol de propostas direcionadas à comunidade, demonstrando a importância de eventos científicos abertos e integradores, como o proposto pelo Ibama e pela UnB.

Referências

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama). *Resolução CONAMA nº 2, de 8 de março de 1990*. Dispõe sobre o Programa Nacional de Educação e Controle da Poluição Sonora – SILÊNCIO.

RAMID, J.; RIBEIRO, A. Declaração do Rio de Janeiro. *Estudos Avançados*, v. 6, n. 15, p. 153-159, ago. 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-40141992000200013. Acesso em: 20 nov. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Résumé D'orientation Des Directives De I'oms Relatives Au Bruit Dans I'environmental*. 2003. Disponível em: http://www.bape.gouv.qc.ca/sections/mandats/LESLachenaie/documents/DB4.pdf. Acesso em: 21 nov. 2021.



Capítulo 12

Educação continuada e saúde auditiva na Semana Universitária: Programa Audiologia na Escola

Júlia Vieira Teles[1]
Thaís Ribeiro de Sousa[2]
Amanda Sodré Almeida[3]
Isabella Monteiro de Castro Silva[4]

O *Programa Audiologia na Escola – Educação Continuada e Saúde Auditiva*, ativo desde 2015, desenvolve a formação de professores, a estimulação auditiva de escolares e a conscientização sobre saúde auditiva, desde a educação infantil até o ensino superior, no Distrito Federal. O Programa está sempre presente na Semana Universitária, para interagir com o público universitário e a comunidade, além de divulgar o trabalho desenvolvido ao longo do semestre, por meio de atividades especialmente desenvolvidas para esse evento ímpar.

Exposição DIVERSOM na UnB

Em 2016, o *Programa Audiologia na Escola* (PAE) esteve presente na Semana Universitária com a Exposição DIVERSOM, uma atividade interativa voltada para vivências sobre o sistema auditivo e para a conscientização sobre a saúde auditiva. Essa exposição, idealizada pelo grupo

[1] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[4] Docente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

UdiGrudi, já havia ocorrido em alguns pontos do DF, como CCBB e o Sesc Ceilândia, e foi trazida para a UnB, adaptando-se ao caráter preventivo e educacional do programa.

Apresentamos a maquete "O ouvido pensante", do grupo UdiGrudi, construída a partir de sucata para representar as estruturas da orelha externa, média e interna. A partir da entrada de som, com microfones e condução elétrica, o cérebro se acendia em resposta ao estímulo sonoro. Alguns instrumentos musicais fabricados pelo grupo UdiGrudi foram expostos, juntamente com as oficinas do próprio programa e com a utilização da manequim BEBEL, que possui um decibelímetro acoplado ao ouvido para a medição dos estéreos pessoais dos visitantes da exposição.

Essa ação contou com mais de 500 visitantes, incluindo universitários, professores, técnicos, membros da comunidade e crianças envolvidas no projeto dos bombeiros mirins, que visitaram o campus de Ceilândia durante a Semana Universitária.

Conferência – Sinais e sintomas auditivos de alerta para profissionais de saúde

Usuários dos serviços de saúde, em suas diversas especialidades, podem apresentar sinais e sintomas auditivos. Por isso, em 2017, durante a Semana Universitária, foi realizada uma conferência para divulgação dos principais sinais e sintomas de algumas das patologias auditivas mais frequentes, voltada para todos os cursos da área de saúde da Faculdade de Ceilândia, da Universidade de Brasília.

A ação contou, ainda, com a participação de universitários de outros cursos de todos os campi. Um profissional de saúde bem informado é peça fundamental para o encaminhamento adequado e para o diagnóstico precoce, proporcionando um tratamento mais eficiente, com melhor prognóstico e benefícios à comunidade usuária dos serviços de saúde.

Programa Silêncio – Educação Ambiental e Saúde Auditiva

O evento ocorreu durante a 19ª edição da Semana Universitária, no Ibama, com cinco dias de formação interdisciplinar em educação ambiental e saúde auditiva. Foram abordados conceitos sobre legislação, educação ambiental, saúde auditiva, projetos de pesquisas e relatórios de ação educativa. Todo o evento foi realizado com base em um acordo de cooperação entre o Ibama e a Universidade de Brasília.

O palestrante e fonoaudiólogo Felipe Rodrigues repassou conhecimentos a respeito de sua atuação junto ao *Programa Silêncio* e na educação ambiental, e a professora Dra. Isabella Silva apresentou informações sobre saúde auditiva. Participaram da formação servidores do Ibama e alunos envolvidos com o *Programa Audiologia na Escola*, sendo um momento rico para o estabelecimento de parcerias entre as duas instituições, que passaram a desenvolver pesquisas e trabalhos de conscientização sobre o *Programa Silêncio* e o Selo Ruído.

O ruído e seu impacto na saúde por diferentes perspectivas

O evento ocorreu durante a 20ª Semana Universitária da Universidade de Brasília e buscou apresentar à comunidade acadêmica as diferentes perspectivas sobre o ruído e o impacto de cada uma delas na saúde.

A ação contou com a parceria entre o *Programa Audiologia na Escola – Educação Continuada e Saúde Auditiva* e o projeto de extensão *Controle de ruído ambiental em hospital no cuidado pós-natal*, ambos do curso de Fonoaudiologia da Universidade de Brasília (UnB).

Durante o evento, realizado em formato online, o professor Dr. Sérgio Garavelli, pesquisador em Engenharia Acústica e Acústica Ambiental, apresentou aspectos importantes relacionados à poluição sonora e aos efeitos do ruído urbano na saúde da população.

Foi apresentado pelo convidado Felipe Rodrigues, o acordo de cooperação entre a UnB, Faculdade de Ceilândia, e o Ibama – *Programa Silêncio*, que começou efetivamente em 2019 e permitiu o desenvolvimento de diversas ações, como a criação de folder explicativo, a realização de palestras, projetos de iniciação científica e elaboração de dois TCCs, apresentados pela professora Dra. Isabella Silva.

Essa atividade computou 227 visualizações na página da Semana Universitária.

Programa Audiologia na Escola e Comunidade: experiências e aprendizados dos bolsistas do ensino médio

Durante o período de um ano, o programa estabeleceu uma parceria com quatro estudantes do ensino médio envolvidos com o PIBIC Ensino Médio, fomentado pelo CNPq. O principal objetivo da parceria era conscientizar os jovens sobre os riscos causados pelo uso excessivo de fones de ouvido.

A parceria trouxe benefícios tanto ao projeto quanto aos alunos, que relataram as experiências adquiridas em um evento realizado durante a 21ª Semana Universitária da UnB.

A proposta desse evento, realizado em formato de entrevista, envolveu o compartilhamento das experiências e aprendizados dos bolsistas na extensão universitária e na pesquisa científica, além de demonstrar a importância da interação entre universidade e comunidade.

A importância do processamento auditivo central no aprendizado de escolares

Na 21ª Semana Universitária, foi realizado um levantamento bibliográfico pelo Programa de Extensão, organizado em forma de palestra, com conteúdos como: anatomofisiologia da orelha; transtornos do processamento auditivo; processo de aprendizagem; avaliação do processamento auditivo central e diagnóstico de transtorno do processamento auditivo central; além de propostas de estimulação das habilidades auditivas.

Toda a apresentação foi realizada em formato virtual, com a divulgação das “cartilhas digitais” desenvolvidas pelo programa.

Referências

BONALDI, Lais Vieira. Estrutura e função do sistema auditivo periférico. *In*: BOÉCHAT, Edilene Marchini *et al*. *Tratado de audiologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. p. 280-285.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Saúde na escola*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 96 p.

DURANTE, Alessandra; TIEPPO, Carla Andréa; NETO, Osmar. Fundamentos teóricos: sistema auditivo periférico. *In*: MARCHESAN, Irene; SILVA, Hilton; TOMÉ, Marileda (org.). *Tratado das especialidades em fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Roca, 2014. p. 1180.

FRANCELIN, Madalena; MOTTI, Telma; MORITA, Ione. As implicações sociais da deficiência auditiva adquirida em adultos. *Saúde e Sociedade*, v. 19, n. 1, p. 180-192, mar. 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902010000100015. Acesso em: 17 jun. 2021.

Capítulo 13

Aproximando a neurociência à comunidade: o papel da Liga Acadêmica de Reabilitação Neurofuncional (NeuroLAR)

Clarissa Cardoso dos Santos Couto Paz[1]
Isaac Matheus Pessoa de Mendonça[2]
Milena de Oliveira Santos[3]
Ludimila Rodrigues de Souza[4]
Jade Arielly Oliveira Lima[5]

Introdução

As Ligas Acadêmicas são entidades estudantis, sem fins lucrativos e supervisionadas por professores orientadores, que surgiram na história em contextos que demandaram a mobilização de grupos de estudantes para suprir a oferta de atividades restritas nas

[1] Docente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Discente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Discente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[4] Discente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[5] Discente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

comunidades acadêmica e civil (Yang; Braga; Hipólito; Vieira *et al.*, 2019, p. 80-86). A constituição desta Liga Acadêmica justifica-se pela necessidade descrita por alunos e profissionais de saúde em relação às dificuldades teóricas relativas às diversas áreas das neurociências. Os profissionais de saúde da reabilitação lidam diariamente com questões relacionadas às neurociências, desde as condições de saúde comumente encontradas na prática clínica até os diversos tipos de abordagens terapêuticas, cujo referencial teórico é embasado nesses conteúdos (Pereira; Ribeiro; Depes; Santos, 2013, p. 1-7).

Sabendo disso, os alunos dos cursos de saúde da Faculdade de Ceilândia, da Universidade de Brasília, demandam imersão nos conhecimentos sobre as neurociências. Com esse fundamento, a Liga Acadêmica de Reabilitação Neurofuncional (NeuroLAR) pretende implementar atividades com a finalidade de discutir e aplicar conhecimentos sobre processos neurais. Para isso, são instituídos conteúdos programáticos que norteiam discussões, eventos, pesquisas e intervenções em saúde e nos processos educativos. Outrossim, disseminamos esse conhecimento adquirido de forma acessível e sistematizada para diversos segmentos da sociedade, como na atividade realizada pela Liga na Semana Universitária.

Metodologia

Portanto, como maneira de colocar em prática o potencial extensionista da NeuroLAR junto à comunidade, participamos da Semana Universitária FCE: conectando saúde, cultura e aprendizagem através da extensão. No dia 14 de setembro de 2020, foi realizada a atividade “Neuroplasticidade criando caminhos: uma abordagem criativa”, que teve como objetivo despertar nos participantes o interesse pelas neurociências a partir de conhecimentos a respeito da plasticidade neural, a qual transforma o aprendizado e as novas habilidades, bem como envolve as particularidades intrínsecas à criatividade humana (Kandel; Schwartz; Jessel; Siegelbaum; Hudspeth, 2014. 1531 p.).

Com a intenção de integrar a comunidade aos assuntos neurocientíficos, a NeuroLAR propôs essa atividade relacionada à neuroplasticidade, com o intuito de apresentar o potencial de regeneração e reorganização do sistema nervoso, de maneira que as dúvidas dos participantes fossem atendidas durante a atividade, já que o ideal da liga foi manter um diálogo com os alunos presentes. Além disso, houve uma introdução sobre o conteúdo realizada pela professora e orientadora da liga, bem como a apresentação dos ideais da liga acadêmica à comunidade. Primeiramente, em um formato de aula, foram abordadas as principais características da neuroplasticidade, como forma de expor o conteúdo e despertar a curiosidade dos participantes. Em seguida, no formato de mesa-redonda, perguntas previamente definidas foram direcionadas aos componentes da mesa, como forma de contribuir para o raciocínio dos alunos e estimulá-los a refletir sobre o assunto, em uma metodologia ativa de aprendizado.

Resultados e discussão

A atividade alcançou seus objetivos: o público participou ativamente da roda de conversa durante a *live* transmitida pelo canal de extensão da UnB, por meio do chat ao vivo. Toda a interação foi muito proveitosa e contou com alunos e profissionais das mais diversas áreas, a saber: Administração, Direito, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Psicologia, Química Tecnológica e Terapia Ocupacional. Por isso, os temas abordados durante a transmissão ao vivo foram além da expectativa do referencial teórico pensado para o momento, já que abordamos ainda temas como neurodiversidade, realidade virtual, gamificação e sua interação no processo de aprendizagem. Sendo assim, o propósito desta liga acadêmica com a Semana Universitária da FCE foi alcançado, ao se construir a partir da compreensão da relevância da educação em saúde, a qual está ligada a um compromisso social, que busca promover a formação de consciência crítica por meio de práticas extensivas – o ideal de uma liga acadêmica.

Considerações finais

Além de minimizar a ansiedade relacionada às neurociências entre os estudantes presentes, o objetivo geral de simplificar o aprendizado e o ensino das neurociências, bem como de divulgar conhecimentos neurocientíficos resultantes de métodos científicos reprodutíveis, foi atingido com a atividade. Também foi observado, a partir dos comentários e interações do público durante a transmissão, que houve articulação da transdisciplinaridade entre os membros de forma naturalizada e criativa, facilitando a solução de problemas neurocientíficos diante da ciência e da sociedade, tendo em vista que participaram alunos de diferentes áreas, que discutiram os temas em conjunto. Isso mostra que houve aprimoramento do pensamento crítico e motivador, da comunicação, da análise científica e do reconhecimento de métodos científicos até então pouco conhecidos pelo público, o que garantiu maior embasamento teórico para o aperfeiçoamento de habilidades e competências inerentes ao estudo das neurociências.

Agradecimentos

A constituição da NeuroLAR e a elaboração deste resumo contaram com a colaboração de diversas pessoas, às quais agradecemos: à professora orientadora, por abraçar a ideia; aos colaboradores por todo apoio; e aos diretores, que encararam o desafio de constituir uma liga em plena pandemia da covid-19. Agradecemos, em especial, à Faculdade de Ceilândia, por incentivar o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Referências

KANDEL, E.; SCHWARTZ, J.; JESSEL, T.; SIEGELBAUM, S.; HUDSPETH, A. J. *Princípios de Neurociências*. 5. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014. 1531 p.

PEREIRA, W.; RIBEIRO, M.; DEPES, V.; SANTOS, N. Competências emocionais no processo de ensinar e aprender em enfermagem na perspectiva das neurociências. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, v. 21, n. 3, p. 1-7, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-11692013000300003. Acesso em: 20 out. 2021.

YANG, G.; BRAGA, A.; HIPÓLITO, N.; VIEIRA, K. *et al*. Liga de Anatomia Aplicada (LAA): as múltiplas perspectivas sobre participar de uma Liga Acadêmica. *Revista Brasileira de Educação* Médica, v. 43, n. 1, p. 80-86, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n1RB20170146. Acesso em: 20 out. 2021.

Capítulo 14

Farmacoeducação em saúde mental: empoderamento de usuários, familiares e servidores do CAPS

Abraão Natan Carvalho Miranda Lima[1]
Layanne da Silva Carvalho[2]
Luma de Alvarenga Rosa[3]
Graziela Furtado Scarpelli Ferreira[4]
Valéria Cristina de Albuquerque Brito[5]
José Eduardo Pandossio[6]

Introdução

Historicamente, a doença mental é relacionada à pobreza, à incapacidade para o trabalho e à impossibilidade de coexistência com o que é considerado normalidade. Nesse sentido, Foucault (1978) aponta a internação de doentes mentais como possibilidade de eliminação de elementos "heterogêneos e nocivos" à sociedade. A modificação desses preceitos constitui o principal objetivo do Movimento da Luta Antimanicomial no Brasil. Com isso, surgem as primeiras experiências de hospitais-dia e, dentre elas, a criação do

[1] Discente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Discente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Farmacêutica pela Universidade de Brasília.
[4] Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB.
[5] Servidora do Ministério da Saúde.
[6] Docente do curso de Farmácia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), baseado em um novo modelo de assistência – o psicossocial –, que visa à articulação do cuidado clínico com programas de reabilitação psicossocial, resultando na inserção social e na promoção da cidadania (SUS, 2002).

Nesse sentido, e de acordo com os objetivos do CAPS, a farmacoeducação tem sido considerada uma estratégia que proporciona benefícios aos pacientes, podendo ser entendida como uma orientação voltada para o tratamento farmacológico ao qual eles estão submetidos, focalizando os efeitos desejados e indesejados dos fármacos envolvidos, bem como a interação entre esses fármacos (quando há mais de um no tratamento), com alimentos e com outras terapêuticas (psicoterapia, acupuntura etc.) (Maurel *et al.*, 2010, p. 329-337). Esses mesmos autores descrevem que pacientes com transtornos esquizoafetivos e esquizofrenia que receberam a farmacoeducação, quando comparados a outros que não a receberam, apresentaram melhora da sintomatologia, autonomia e qualidade de vida.

Além disso, houve diminuição na administração de medicamentos para esses pacientes, o que reduziu o tempo de permanência na internação hospitalar (Maurel *et al.*, 2010, p. 329-337). Ademais, Lu e Roughead (2011, p. 733-740) apontam que a orientação acerca do tratamento farmacológico minimiza a probabilidade de erros relacionados ao uso de medicamentos pelos pacientes, além de melhorar a relação custo-benefício dos tratamentos.

Do ponto de vista do treinamento de futuros profissionais de saúde em farmacoeducação, voltada especificamente para a saúde mental, Sherwood (2019, p. 198-203), ao estudar os currículos dos cursos de Farmácia, Enfermagem e Serviço Social de uma universidade nos Estados Unidos, verificou que os transtornos mentais eram abordados, mas o estigma – julgamento negativo antecipatório ao contato com um determinado grupo ou pessoa – que envolve a doença e o doente mental, não. Esse fator poderia influenciar negativamente o tratamento farmacológico dos pacientes na área de saúde mental. Nesse sentido, a familiaridade com a doença e com o doente mental reduziria as respostas discriminatórias, levando os futuros profissionais a serem agentes de mudança no que diz respeito ao cuidado desses pacientes.

Com isso, pretendeu-se, neste estudo, oferecer orientação específica sobre o tratamento utilizando psicofármacos aos usuários do CAPS II (transtornos mentais em geral) e do CAPS AD (álcool e outras drogas) do Distrito Federal (DF), bem como aos familiares desses usuários, pois são fundamentais para a adesão ao tratamento (Vieta, 2010, p. 14-19). Ademais, do ponto de vista da formação profissional e acadêmica dos estudantes, este projeto visou à aprendizagem relacionada à inserção na comunidade, a partir da participação social do futuro profissional de saúde, baseada no sentimento de identidade do aluno com seu próprio contexto social (Noble *et al.*, 2011, p. 1-5).

Baseado nisso, o objetivo geral do estudo é promover a adesão dos usuários de alguns CAPS do DF, que apresentam transtornos mentais diversos ou histórico de dependência química, ao tratamento farmacológico com medicamentos psicotrópicos, colaborando para um prognóstico favorável à saúde mental de cada indivíduo.

Entre os objetivos específicos, busca-se:

1. capacitar os alunos dos cursos da área de saúde a fornecer orientação adequada aos usuários, seus familiares e aos servidores dos CAPS II e CAPS AD, a respeito de medicamentos psicotrópicos;
2. proporcionar a interação dos estudantes com pacientes que apresentam transtornos mentais diversos ou dependência química, bem como com seus familiares, sensibilizando os futuros profissionais de saúde acerca do tema "saúde mental" e da atenção terapêutica diferenciada destinada a essa população.

População-alvo

Usuários com histórico de transtornos mentais, seus familiares e servidores dos CAPS II e CAPS AD do DF.

Procedimento

Após a seleção e o treinamento dos estudantes, os encontros (presenciais ou virtuais) ocorrem nos CAPS II e CAPS AD do DF. Esses encontros são realizados na forma de oficinas temáticas, destinadas à discussão de assuntos referentes à utilização de medicamentos psicotrópicos, com foco no modo de usar, nos efeitos principais e colaterais, bem como nas possíveis interações desses medicamentos com alimentos, álcool e outras substâncias. Eventualmente, assuntos mais específicos também são abordados, de acordo com a demanda.

As avaliações são realizadas periodicamente, com o objetivo de avaliar a metodologia deste projeto, visando à sua continuidade.

Análise e discussão

A partir do maior conhecimento da população-alvo acerca dos medicamentos psicotrópicos e de suas características, constatou-se, pelos relatos dessa população, principalmente:

1. maior adesão não somente à farmacoterapia, mas também às demais modalidades de tratamento propostas;
2. maior responsabilização no manejo do tratamento, observando-se aspectos como horários de uso dos medicamentos, prevenção de interações que poderiam acarretar efeitos adversos (por exemplo, com bebida alcoólica etc.);
3. maior autonomia no tratamento, decorrente do conhecimento tanto do diagnóstico quanto da escolha dos medicamentos utilizados;
4. maior empoderamento dos usuários frente aos prescritores dos medicamentos, com mais questionamentos sobre as perspectivas de qualidade de vida que a farmacoterapia poderia proporcionar, resultando, assim, em maior conscientização acerca dos efeitos desejados e indesejados, tanto por parte dos usuários quanto de seus familiares;

5. maior oportunidade de aquisição, ampliação e/ou atualização do conhecimento dos servidores acerca da farmacoterapia.

Para os estudantes envolvidos, este projeto:

1. possibilitou um intercâmbio interdisciplinar, por meio da farmacologia, visando ao interesse de futuros profissionais de saúde que poderão atuar na área de saúde mental;
2. integrou os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas da área de Farmacologia com a prática na área de saúde mental;
3. destacou a saúde mental como uma área de atuação possível e promissora para futuros profissionais de saúde, atentos e sensíveis às necessidades da população-alvo.

Considerações finais

Basicamente, a ideia foi aproximar estudantes da área de saúde, que teriam conhecimentos básicos de farmacologia e saúde mental, de pessoas com histórico de diagnósticos clínicos envolvendo transtornos mentais, como esquizofrenia, depressão, mania, ansiedade, dependência química, entre outros. Com essa aproximação, buscou-se desmistificar, para os estudantes, quem é o chamado "doente mental", dando condições para que o futuro profissional de saúde pudesse ter um olhar e um fazer mais humanizados e mais condizentes com a realidade dessa população. Isso porque, de acordo com Santos (2018. 211 p.), dada a prática de exclusão social e cultural que atravessa a história da loucura e da psiquiatria – confinando os doentes não só em manicômios e clínicas psiquiátricas, mas também dentro de suas próprias doenças –, as histórias de vida dessas pessoas, ausentes nos tratamentos aos quais são usualmente submetidas, podem ter um significado diferente a partir do momento em que se toma contato com elas.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 373, de 27 de fevereiro de 2002*. SUS – Norma Operacional da Assistência à Saúde, 2002.

FOUCAULT, M. *The history of sexuality*: an introduction (R. Hurley trans). Harmondsworth: Penguin, 1978.

LU, C.; ROUGHEAD, E. Determinants of patient-reported medication errors: a comparison among seven countries. *International Journal of Clinical Practice*, v. 65, n. 7, p. 733-740, 2011.

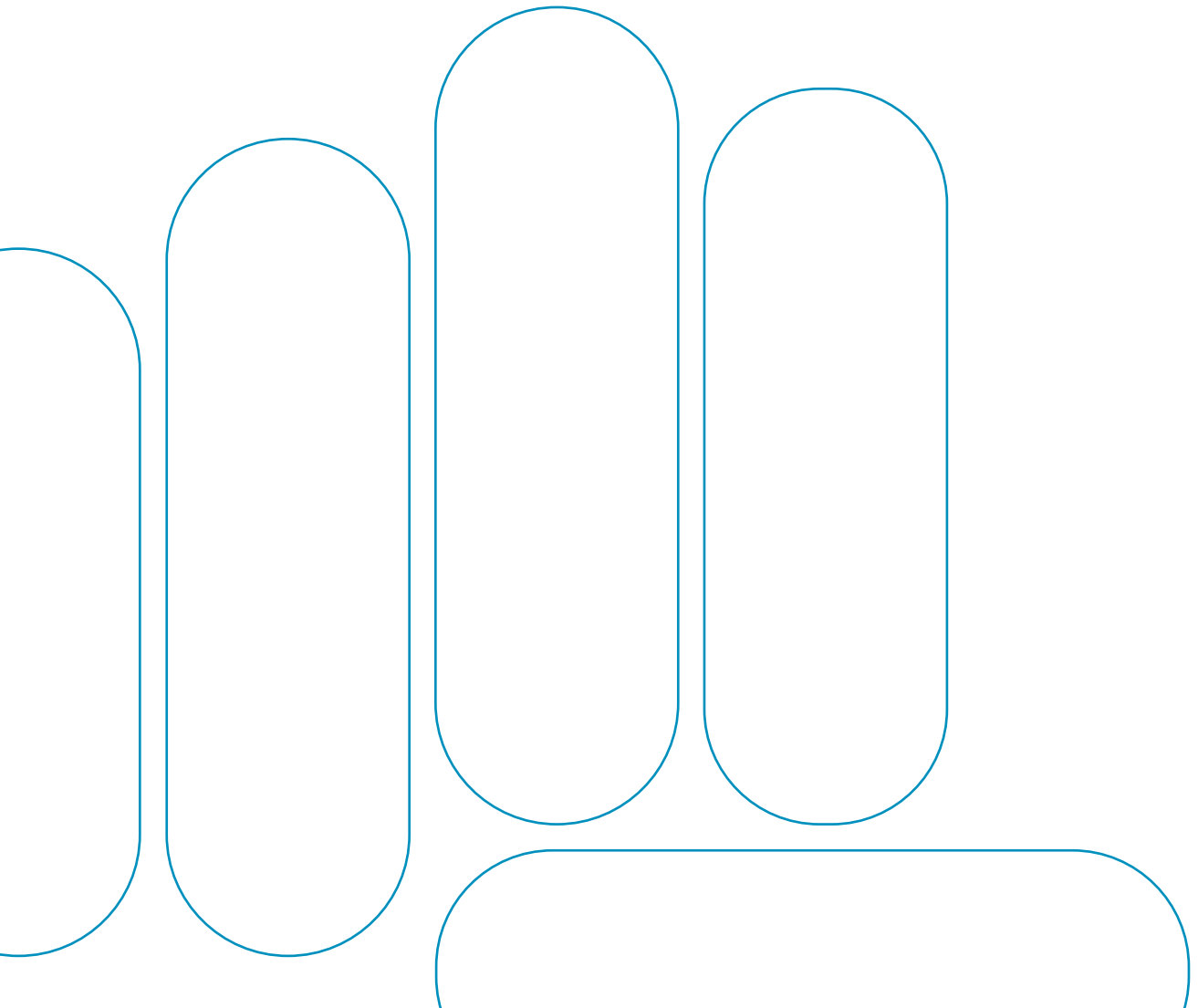
MAUREL, M. *et al*. A randomized controlled study on the impact of pharmacoeducation on a French patient population with schizophrenic and schizoaffective disorders. *Canadian Journal of Psychiatry*, v. 55, n. 5, p. 329-337, 2010.

NOBLE, C. *et al*. Curriculum for uncertainty: certainty may not be the answer. *American Journal of Pharmaceutical Education*, v. 75, n. 1, p. 1-5, 2011.

SANTOS, N. *Histórias de vidas ausentes*: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental. 2. ed. São Paulo: Edições Verona, 2018. 211 p.

SHERWOOD, D. Healthcare curriculum influences on stigma towards mental illness: core psychiatry course impact on pharmacy, nursing and social work students attitudes. *Currents on Pharmacy Teaching and Learning*, v. 11, n. 2, p. 198-203, 2019.

VIETA, E. Developing an individualized treatment plan for patients with schizoaffective disorder: from pharmacotherapy to psychoeducation. *Journal of Clinical Psychiatry*, v. 71, p. 14-19, 2010.



Capítulo 15

Paulo Freire em terapia ocupacional social: minicurso na Semana Universitária de 2021

Magno Nunes Farias[1]
Ana Laura Gomes de Moura[2]
Kyara Freitas Rodrigues da Silva[3]
Vitória Barbosa da Silva[4]
Rafael Garcia Barreiro[5]

Contextualizando a experiência

A composição de um campo que pudesse responder a problemáticas sociais na terapia ocupacional se inicia nos anos 1970, quando terapeutas ocupacionais, técnicas de serviços assistenciais e instituições totais, atentas aos movimentos político-sociais do país, iniciaram uma reflexão acerca do papel técnico, ético e político da profissão. Questionando a forma como as problemáticas sociais estavam sendo entendidas sob uma perspectiva da patologização e medicalização das pessoas, essas profissionais compreenderam a relevância de que os determinantes macroestruturais e histórico-sociais serem (re)conhecidos e considerados em suas práticas microssociais e cotidianas, dando forma à terapia ocupacional social (Barros; Ghirardi; Lopes, 2002, p. 95-103).

[1] Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[2] Discente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[3] Discente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[4] Discente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.
[5] Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.

Dessa forma, a constituição do campo teórico-prático da terapia ocupacional social foi também imbuída de pressupostos freireanos e de seus aportes teóricos – como a prática da liberdade, o compromisso ético-político, a criticidade, a problematização, a democratização e a rigorosidade técnico-científica (Barros, 2004, p. 90-97; Farias; Lopes, 2020, p. 1346-1356; 2021, p. 1-5).

Como Farias e Lopes (2021, p. 1-5) apontam, Freire traz elementos para a terapia ocupacional não só por meio das análises críticas que denunciam as mazelas do mundo, mas também com recursos, metodologias e estratégias que anunciam formas e possibilidades para sua superação, buscando ir além de uma posição meramente verbalista sobre as problemáticas.

Nesse sentido, nós, integrantes do Metuia Cerrado UnB/FCE,[6] projetamos este minicurso para a Semana Universitária da UnB de 2021, com o objetivo de promover a discussão entre as teorias do educador Paulo Freire e o campo de conhecimento da terapia ocupacional social. O minicurso ocorreu no dia 27 de setembro, das 14h às 18h, via plataforma YouTube.[7]

Cabe destacar que a Semana Universitária da UnB de 2021 teve como tema principal o centenário de Paulo Freire, com foco em explicitar e debater seu legado no Brasil e no mundo. Assim, o minicurso também buscou dialogar com essa tarefa, colocando no centro as relações de Freire com a terapia ocupacional social.

A proposta teve como público-alvo estudantes de terapia ocupacional e áreas afins, bem como a comunidade externa, buscando construir diálogos interdisciplinares entre os campos das ciências humanas, da educação, da saúde e dos saberes populares.

O percurso

O evento, coordenado pelos professores Rafael G. Barreiro e Magno N. Farias, e organizado pelas alunas Ana Laura G. de Moura, Kyara F. R. da Silva e Vitória B. da Silva, contou com dois momentos: o primeiro, com uma explanação sobre o tema; e o segundo, com as convidadas Dannyele Cavalcante, assistente de Recursos Humanos no Museu de Arte de São Paulo (MASP), que relatou sobre seus encontros com Paulo Freire em sua trajetória de vida, e a professora Lívia Celegati Pan, que integra o Metuia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), abordando suas experiências em escolas públicas.

No primeiro momento do evento, foi conduzida uma apresentação com o professor Magno, abordando a história pessoal e profissional de Paulo Freire e a formulação da terapia ocupacional social, que, desde suas primeiras produções, utiliza conceitos freireanos, como *a conscientização, o diálogo e a ideia da indissociabilidade entre ação técnica e política*, contribuindo para práticas profissionais comprometidas nos âmbitos ético-políticos, críticos e problematizadores. Magno apontou a premissa de que *a educação deve ser uma prática para a liberdade* (Freire, 2016),

[6] O Núcleo Metuia Cerrado (FCE/UnB) compõe a Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social, que possui os núcleos: Metuia UFSCar (SP); Metuia USP (SP); Metuia Unifesp (SP); Metuia UFES (ES); e Metuia UFPB/Uncisal (PB/AL).

[7] Link do minicurso: https://www.youtube.com/watch?v=sn4btHxn2C4.

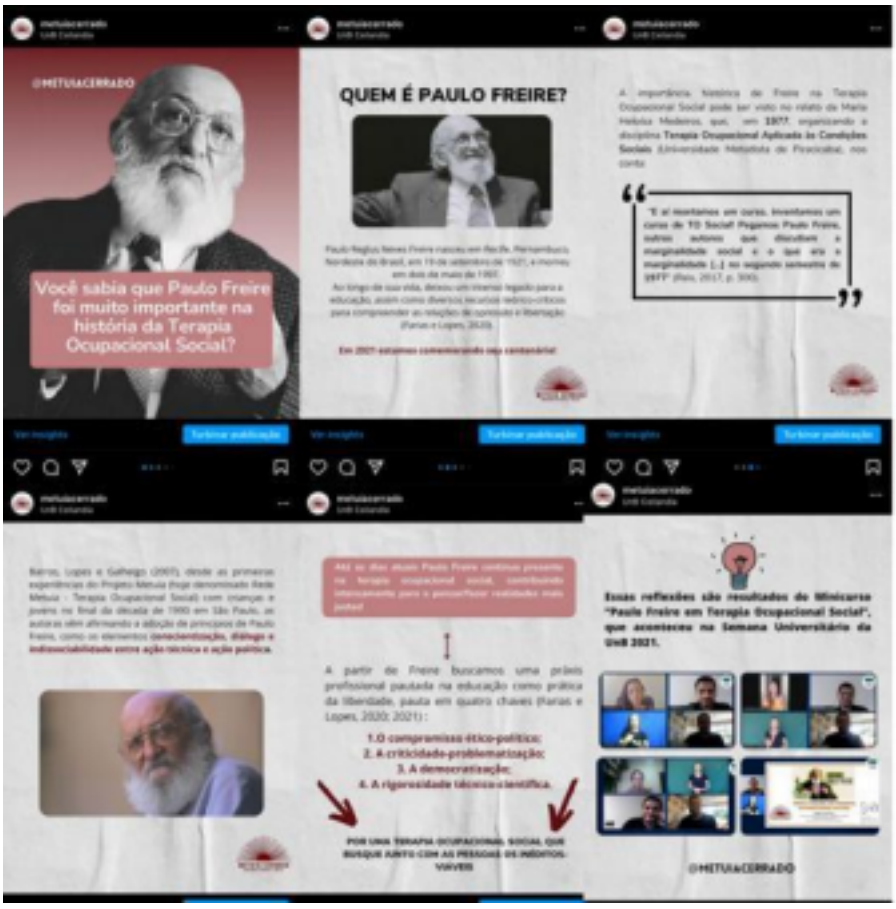
presente na práxis da terapia ocupacional social, no projetar/fazer ações pautadas no encontro com o outro, comprometidas com a emancipação social. Ele exemplifica com sua prática realizada com jovens pobres rurais, que fomentou, de forma dialógica, reflexões críticas sobre os padrões de exclusão e opressão, trazendo os jovens como agentes de transformação social.

No segundo momento, a convidada, Dannyele Cavalcante, mulher trans, relatou sua trajetória escolar no Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e sua participação na construção do curso pré-vestibular *Transformação*, que atende pessoas trans, travestis e não binárias em São Paulo (SP). Relatou também que, atualmente, trabalha no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e manifestou sua vontade de cursar Pedagogia, destacando, em toda a sua fala, a relação de sua trajetória com a discussão sobre a educação popular de Paulo Freire. Em diálogo com os professores, foram pontuadas questões sobre a transfobia e a discriminação vivenciadas, bem como as possibilidades de emancipação e transformação social, aliadas à educação e às concepções de Freire. A educação popular objetiva viabilizar a autonomia, a emancipação e a construção da identidade política, promovendo o (re)aprender a se posicionar e agir politicamente, através da troca de vivências e experiências, principalmente entre os grupos mais vulneráveis e marginalizados, rompendo, por conseguinte, com a lógica conteudista, disciplinar e normativa.

Após a fala de Dannyelle, a professora Lívia C. Pan contribuiu com a apresentação de seus estudos sobre juventudes e escola pública, recursos e metodologias da terapia ocupacional social, projetos de vida e ação da terapia ocupacional no fomento à autonomia e à emancipação, tendo como plano de fundo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e afirmando o compromisso da universidade no debate sobre as juventudes pobres.

Um ponto de destaque em sua fala foi a abordagem dos projetos de vida como uma leitura da obra *Pedagogia dos sonhos possíveis*, de Paulo Freire, e das ações práticas em terapia ocupacional social com jovens em escolas públicas, no sentido de proporcionar ações que contribuam para a autonomia, a participação social e a emancipação de coletivos e pessoas como agentes da transformação. Relatou a realização de intervenções terapêuticas ocupacionais junto aos jovens, relacionando a terapia ocupacional social com a ideia dos sonhos possíveis do autor, a partir da experiência como apoio teórico-prático para a disciplina “Projeto de vida”, componente curricular nas escolas públicas do estado de São Paulo.

Figura 1: Post realizado no perfil do Instagram @metuiacerrado, referente ao minicurso sobre Paulo Freire em terapia ocupacional social, ministrado na Semana Universitária da UnB, em 2021



Em todos os momentos, houve um debate ocorrendo no chat do YouTube do minicurso, no qual os participantes anunciavam inquietações decorrentes das discussões realizadas sobre Freire e seu legado para o mundo, enfatizando sua contribuição para a terapia ocupacional social, mas também os sentidos de suas experiências para pensar a vida cotidiana das populações e as possibilidades de mudanças sociais. Foi um momento importante de troca de conhecimentos entre os participantes.

Como forma de divulgação das ações do Núcleo Metuia Cerrado, gerou-se a produção de um conteúdo (figura 1) para a plataforma Instagram (@metuiacerrado), com a finalidade de levar os debates empreendidos no minicurso para espaços mais amplos – uma estratégia que tem se mostrado importante no contexto da pandemia.

Por fim, concluímos que o minicurso foi um momento fecundo de discussão sobre Paulo Freire e a terapia ocupacional social, de modo que o debate pudesse oxigenar outros espaços acadêmicos, buscando maiores aprofundamentos na temática e contribuindo para a compreensão de uma terapia ocupacional engajada na justiça social, necessária para a formação na área.

O minicurso atingiu seu objetivo em debater, com diferentes pessoas e contextos, a potência do uso de Paulo Freire para pensar e fazer uma terapia ocupacional comprometida, técnica e politicamente, com a transformação social.

Referências

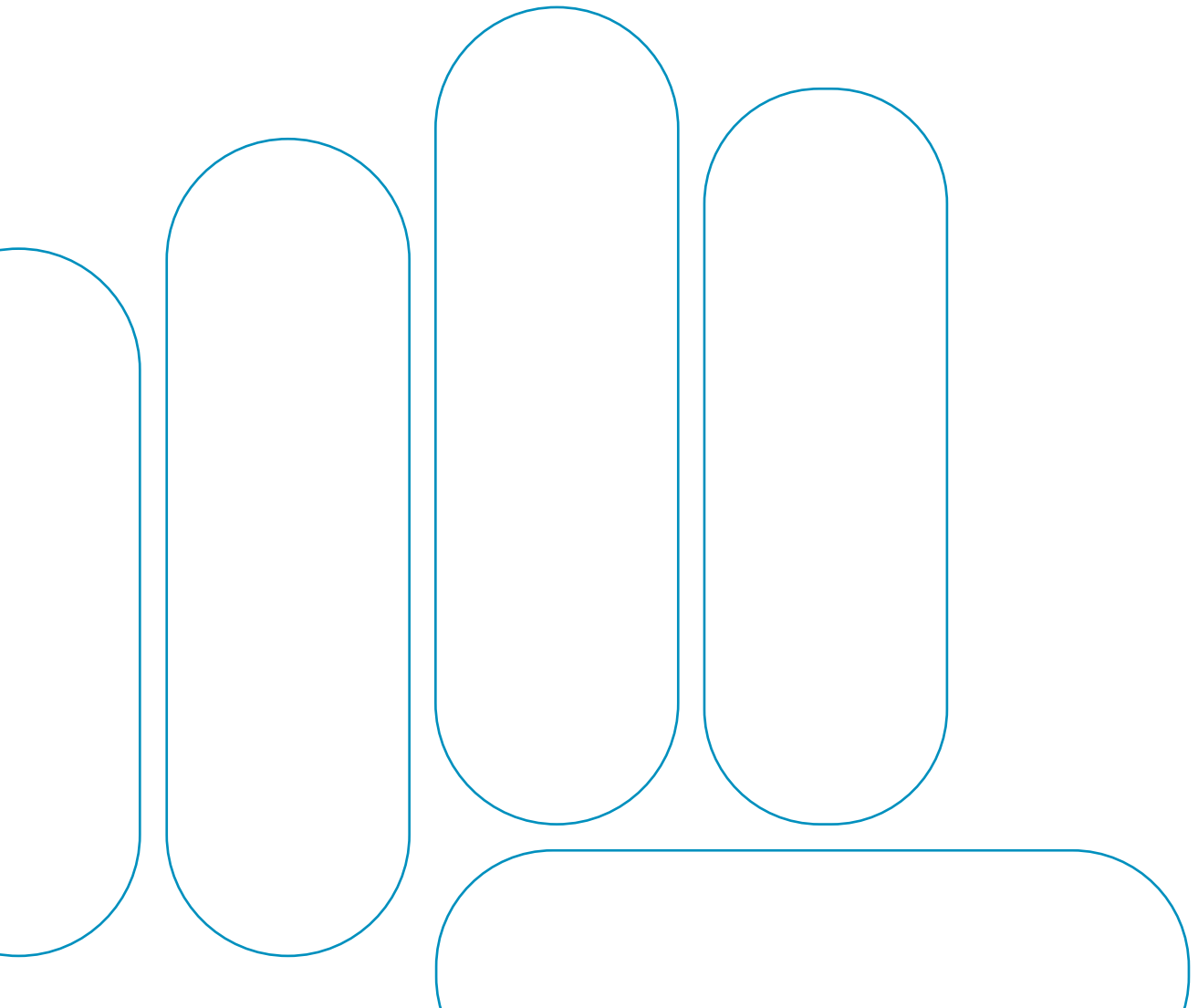
BARROS, D.; GHIRARDI, M.; LOPES, R. Terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002.

BARROS, D. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 90-97, 2004.

FARIAS, M.; LOPES, R. Pensar/fazer como prática da liberdade: a terapia ocupacional e o centenário de Paulo Freire. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 29, p. 1-5, 2021.

FARIAS, M.; LOPES, R. Terapia ocupacional social: formulações à luz de referenciais freireanos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 28, n. 4, p. 1346-1356, 2020.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2016.



Encerramento da coletânea

Bruna Soares Alves de Jesus[1]
Cristina Lemos Barbosa Furia[2]
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel[3]
Magno Nunes Farias[4]

A conclusão desta coletânea foi desafiadora, devido à dificuldade advinda do escasso incentivo para esta atividade acadêmica, por vezes não valorizada, mas que é essencial para fomentar e divulgar um compromisso basilar da universidade pública com as comunidades e suas necessidades.

A obra abordou uma importante diversidade de temas, demonstrando o potencial da Faculdade de Ceilândia (FCE) da Universidade de Brasília (UnB), em seus 15 anos, na produção de diferentes ações e conhecimentos que atravessam a realidade social. Assim, esse comprometimento se colocou como elemento central nesta coletânea, reafirmando o lugar da FCE frente a múltiplos desafios, inclusive aqueles inesperados, como os impostos pela pandemia da covid-19.

A pandemia não estagnou as ações; pelo contrário, foram articuladas intervenções vinculadas a problemáticas emergentes, tarefa central para a extensão universitária. Logo, diante de consequências preocupantes para a manutenção da vida de todos os sujeitos – mais graves para aqueles em maior vulnerabilidade –, fomentaram-se estratégias para ir ao encontro dessas questões. Desse modo, esse contexto produziu uma intensificação das problemáticas, que atinge sobretudo grupos marcados pela instabilidade econômica, pela desproteção social, pelo desemprego, entre outras situações, sendo também um dos focos da extensão, como exemplificado em muitos textos desta coletânea.

As temáticas da obra envolvem práticas adotadas antes e durante a pandemia da covid-19, ressaltando cuidados importantes para a continuidade da vida e para o enfrentamento de questões sociais que envolvem a saúde e outros determinantes. Isso demonstra a busca pela resolução imediata e efetiva dos problemas da sociedade, afirmando a importância da participação social e da inclusão radical de todos e todas, pautada nos saberes

[1] Discente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[2] Docente do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[3] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[4] Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia – UnB.

populares e científicos, na interdisciplinaridade, na crítica, na diversidade e na cidadania – em uma práxis voltada para a liberdade, como ensina Freire (1983, 128 p.; 2013, 256 p.).

Esse empenho reflete uma trajetória histórica que marca a realidade da Faculdade de Ceilândia, destacando-se pelo compromisso em fomentar a consolidação de uma universidade comprometida com a comunidade, tendo em vista que nasce a partir do programa Renovação e Expansão Universitária (Reuni) e do Plano de Expansão da Universidade de Brasília, com o objetivo de fortalecer e atender às demandas relacionadas ao desenvolvimento da cidade de Ceilândia, bem como de todas as regiões do Distrito Federal.

Nesse sentido, o que une as diversas ações apresentadas nesta obra é a intencionalidade de contribuir com o projeto democrático de sociedade, formulando estratégias conjuntas para que as populações tenham, dentro das dinâmicas sociais, espaços e oportunidades de vivência para a produção de autonomia, a formulação de projetos de vida, a manutenção do cuidado de si e do outro etc., considerando esses sujeitos em suas dimensões individuais e coletivas, favorecendo e fortalecendo vínculos positivos com a universidade e demais redes de apoio, e garantindo maiores possibilidades que coloquem esses grupos como interlocutores e protagonistas.

Dentro desse caminho, esta coletânea possibilitou dar ênfase nas atuações que buscaram o reconhecimento e a aplicação dos direitos sociais e humanos, envolvendo a redução das desigualdades econômicas e sociais, o fortalecimento da igualdade de gênero e raça/etnia, a afirmação da cidadania, a luta pela acessibilidade, o acolhimento de questões de saúde mental, a valorização dos saberes populares etc., refletindo a política extensionista da Universidade de Brasília, inclusiva e acolhedora.

Paulo Freire (1983, 128 p.) afirma que a extensão, a partir de um compromisso com a educação libertadora, deve vir acompanhada da comunicação, compreendida como o encontro entre sujeitos que dialogam sobre seus saberes e anunciam possibilidades com base em suas necessidades e compromissos. Nesse sentido, entende-se que a extensão, como ato educativo, "é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (Freire, 1983, p. 46). Essa dimensão vem sendo descrita nessa obra, que, apesar dos desafios, ressalta a importância da extensão em uma perspectiva de transformação.

Nota-se que são muitos os desafios históricos e atuais que envolvem a universidade, tendo em vista as crises sanitárias, econômicas, políticas e sociais. Dentro dessa teia complexa, utilizando as palavras de Freire (2013, p. 73), reatualizadas para o contexto atual: "nunca foram tão necessários quanto hoje o trabalho sério, a pesquisa meticulosa, a reflexão crítica em torno do poder dominante, que ganha dimensões cada vez maiores." Dada a história do país, essa frase precisa ser constantemente recolocada, para relembrar o compromisso coletivo a favor da justiça social, aspecto central para pensar e fazer a extensão universitária – algo que esta coletânea sinaliza, mirando de forma importante na possibilidade de um mundo melhor.

Por fim, os organizadores, as organizadoras, os autores e as autoras dos capítulos almejam que o leitor tenha usufruído da obra e que seu interesse pela participação na

construção do saber na área da saúde tenha sido despertado, através das trocas de conhecimentos desencadeadas nas atividades extensionistas da Faculdade de Ceilândia (FCE).

Referências

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 128 p.

FREIRE, P. À sombra desta mangueira. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 256 p.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

COLETÂNEA DAS AÇÕES DE EXTENSÃO DA FACULDADE DE CEILÂNDIA – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Pré e pós-pandemia da covid-19

Esta obra apresenta experiências de projetos de extensão realizados no Campus Ceilândia da Universidade de Brasília – UnB, em períodos anteriores, posteriores ou coincidentes com a pandemia da covid-19. Ao longo da leitura dos capítulos, é possível perceber a resiliência dos atores, que transformaram ações inicialmente presenciais em atividades híbridas ou on-line. Eles transmitiram a mensagem de que o mais importante era continuar, sem parar, aprendendo trocar o pneu enquanto a carroça andava, reinventando caminhos e buscando chegar à comunidade da melhor forma possível: inteiros, transmitindo força e esperança.

O isolamento social nos fez mais forte e evidenciou a importância da extensão. De nada adianta a academia sem a participação ativa de todos os seus membros. Uma universidade vazia não é universidade, mas apenas um emaranhado de tijolos sem vida e sem utilidade. A extensão é o coração do ensino. De que adianta ensinar e aprender se não houver onde e com quem colocar tudo em prática? Estamos todos conectados, aprendendo uns com os outros, trocando experiências, errando e acertando continuamente. Ninguém sabe mais ou menos, pois somos aprendizes e mestres na estrada da vida. A cada ciclo, nos refazemos, morrendo e renascendo em novas verdades.

É nisso que eu acredito: na força da Extensão Universitária. Na devolução à comunidade de tudo o que fazemos, pois é por ela que estamos aqui. Pelo bem comum. Para transformar vidas e sermos transformados. Como coordenadora da extensão durante alguns anos na Faculdade de Ceilândia, pude perceber que não é à toa que temos o maior número de ações extensionistas da UnB. Nosso campus reflete o que somos: pessoas engajadas com a sociedade, sensíveis às suas necessidades, prontas para ajudar o próximo — verdadeiros profissionais da saúde ou pela saúde, pois saúde é um direito de todos, não apenas de uma minoria. E o que é saúde sem calor humano? Apenas um emaranhado de exames com resultados normais, sem vida e sem alegria.

Viva a Extensão Universitária, que pode proporcionar esse verdadeiro bem-estar!

EDITORA UnB

EXTENSÃO INSURGENTE